

# Deutscher Morgen

Berausgeber: E. Sommer

Aurora Allemã

Erscheint wöchentl.ich

Folge 6

São Paulo, 9. Februar 1940

9. Jahrgang

Schriftleitung, Verwaltung und Druckerei: Rua Victoria 200 — Fernruf: 4-3393, Caixa postal 2256 — São Paulo. — Zuschriften nicht an Einzelpersonen, sondern nur an die Verwaltung. — Bezugsgebühr: halbjährlich 10\$000, ganzjährig 20\$000, für Deutschland und die Weltpostvereinsländer 7 Mark

## 409 NAVIOS AFUNDADOS, COM 1.493.431 TONELADAS

### A Guerra das Falsidades

Nosso Quadro Negro

XXII.

ep. — Neste ultimo decennio difficilmente ha de ter ocorrido na Europa um acontecimento de certa transcendência em torno do qual não se tenha feito ouvir, em meio ao cõro das vozes da imprensa, tambem a opinião do jornalista britannico G. Ward Price. Mr. Price, que é correspondente do „Daily Mail”, mantinha, como nenhum dos seus colegas, excellentes relações com pessoas proeminentes nos governos dos paizes do Continente europcu. Tinha particular predilecção pela Alemanha e pela Italia, isto é, pelo systema estatal autoritario. Prova-o, além de innumeradas viagens através dos referidos paizes e além de suas narrações em torno das visitas feitas ao Führer e ao Duce e das conversações tidas com esses autores da revolução européa do seculo XX, seu notavel livro „I know these dictators” (Conheço estes ditadores). Quem hoje ler esse livro, que com toda certeza foi ditado por um esforço sincero de se ater á objectividade, e se esse alguém souber, ao mesmo tempo, que actualmenté Mr. Price arrasta pela sargeta essa Alemanha que elle apresentára, faz apenas dois annos, como modelar, ha de concluir, sem muito esforço de logica, com que contentamento esse bretão havia de negar hoje, se fosse possível, a paternidade desse documento literario-historico. Mas não ha como fugir, pois o que occorreu é a pura realidade. Mr. Price é inglez. Comprehende-se porque, no exercicio de sua profissãõ, elle se empenha, com todos os recursos possíveis e a todo transe, pelos interesses do Empire. Eis a razão por que lhe concedemos aqui a palavra, para a caracterização da gente de sua especie. Na pagina 225 do eitado livro, elle se occupa da intriga da imprensa, a qual difficilmente, entre outras, um sincero entendimento teuto-britannico:

### Nenhuma palavra superflua

„Emquanto, no passado, se censurava, em geral, aos jornaes britannicos a insularidade de suas opiniões, alguns dos mesmos se tornaram, de maneira perigosa, cosmopolitas. Suas observações acerca das acções de governos estrangeiros não se limitam mais a successos que interessam directamente a Grã-Bretanha. Essas observações se estendem a todos os phenomenos da respectiva vida nacional, a qual parece ferir as concepções que a Inglaterra formulou para si mesma. Todavia, esse modo de agir não se limita, de forma alguma, aos jornaes. Tambem em outros sectores da vida publica se tornou um passa-tempo, imiscuir-se nas questões internas de Estados vizinhos. Os ouvidos de muita gente encontram-se cosidos ás parcedes, ansiosamente a espreita de qualquer ruido interpretativo de queixa ou descontentamento que se manifeste no compartimento contiguo, sendo que se ouvem observações pouco lisonjeiras, ditas em altas vozes, sobre a maneira de como o paiz vizinho vem sendo governado. Constituiram-se mesmo „commissões especiaes” para o fim de viajar por toda a parte e organizar relatorios sobre a vida de paizes continentaes com os quaes nada temos a ver. Sem se amedrontarem ante seu conhecimento incompleto dos factos, certos negociostas inglezes adquiriram o habito de dar seu voto de desconfiança contra governos estranhos, cujas idéas não harmonizem com as delles. Bispos ha, que assumiram, além de suas obrigações religiosas, ainda as funções de fazer declarações asperas pertinentes a assumptos de outras nações, os quaes elles só conhecem de ouvira ou de rapidas visitas, ou que são inventados pelos departamentos de propaganda de determinados partidos politicos, aos quaes esses sacerdotes irreflectidos tenham prometido seu apoio. Felizmente as condições são taes, que ninguém poderá contestar á imprensa britannica o direito de imprimir, nem tampouco aos oradores britannicos de dizer o que desejam acerca de qualquer assumpto, desde que não transgridam a lei contra pamphletos, amesquinhamento da corte e publicação de documentos secretos do governo. Entretanto, ha cousas que, embora não infrinjam a lei, são, ás vezes, apesar disso, inadquadas... Existe o perigo de o povo da Inglaterra declinar, enquanto appella para a liberdade. Em alguns dominios de

### Transportavam contrabando de guerra para a Inglaterra

Berlin, 8. (Transocean — Agencia allemã) — Communica-se hoje, de parte de guerra allemã:

As perdas causadas pela marinha de guerra allemã á marinha inimiga e neutra elevam-se, até fim de janeiro a 409 barcos com um total de 1.493.431 toneladas. No mesmo periodo, foram capturados e conduzidos a portos allemães 354 barcos, com um total de 607.881 toneladas.

No periodo entre 21 de dezembro de 1939 a 31 de janeiro de 1940, contam-se as seguintes perdas da marinha mereante inimiga e neutra: 371.898 e 91.898 toneladas respectivamente. O total, portanto, é de 463.796 toneladas.

Barcos allemães mercantes foram confiscados, desde o estalar da guerra, em seus portos, num total de 13.196. O inimigo capturou 82.206 toneladas. Barcos num total de 141.525 toneladas foram afundados pelas proprias tripulações, afim de evitarem cahir nas mãos do inimigo. As perdas allemãs, em total, portanto, são de 42 barcos, com um total de 236.957 toneladas.

### 409 Schiffe mit 1.493.431 Tonnen versenkt

Alle Dampfer waren mit Konterbande auf dem Weg nach England

Berlin, 8. — (Trans-Ocean — Agencia allemã) Der heutige Heeresbericht gibt bekannt: Die Verluste der feindlichen und neutralen Schifffahrt durch die deutsche Kriegsflotte erhöhen sich bis zum Januar auf 409 Schiffe mit 1.493.431 Tonnen. In derselben Zeit (von Kriegsbeginn an) wurden 354 Schiffe mit insgesamt 607.881 Tonnen aufgebracht und in deutsche Häfen geführt.

Zwischen dem 31. Dezember 1939 und dem 31. Januar 1940 betragen die Verluste der feindlichen und neutralen Handelsflotte 371.898

bezw. 91.898 Tonnen (versenkte und aufgebrachte Schiffe). Im ganzen also 463.796 Tonnen.

Seit Kriegsausbruch wurden 13.196 Tonnen deutschen Handelsschiffsraums in feindlichen Häfen beschlagnahmt. Der Feind kaperte 82.206 Tonnen, 141.525 Tonnen wurden durch die eigenen Besatzungen versenkt, um die Schiffe auf keinen Fall in die Hände des Feindes fallen zu lassen. Die deutschen Verluste betragen insgesamt 42 Schiffe mit 236.957 Tonnen.

### Die ungeheuren Verluste der Seeschifffahrt

In den Tagen vom 30. Januar bis zum 3. Februar brachten die Zeitungen, ob sie deutschfreundlich oder deutschfeindlich oder objektiv eingestellt sind, spaltenlang Telegramme über die Versenkung britischer oder nach England fahrender Handelsschiffe. Diese Nachrichten, welche von einer energischen Tätigkeit deutscher Bombenflugzeuge an Englands Ostküste sprachen, häuften sich in einem derart beängstigenden Ausmass, das die gegnerische Propaganda unentwegt von diesem bedeutenden Kapitel des Krieges abzulenken versucht. Dennoch werden selbst von amtlicher britischer Seite die mit bestimmten Angaben belegten Verluste dieser Tage an eigenen und neutralen Schiffen mit über 50.000 Tonnen beziffert. Die meisten Dampfer wurden in den Geleitzügen angegriffen und versenkt, welche im Schutze britischer und französischer Kriegsschiffe fuhren. Amtlich sind deutscherseits die endgültigen Ziffern für den ersten mehrtägigen Grossangriff auf die britische Ostküste noch nicht veröffentlicht worden. Nach italienischen Meldungen aber sind insgesamt seit Beginn des Krieges bis zum 4. Februar 1.500.000 Tonnen Handelsschiffsraum versenkt worden. Die Zahl von einer Million war vom Reich schon

im Dezember v. J. amtlich bekanntgegeben. Gegenüber diesen Ziffern, die auf täglichen Telegrammeldungen basieren, nützen keine Verdrehungskünste der Havas- und Reuter-Agenturen. Die französische Nachrichtenquelle setzte am 8. Februar folgende Zahlen in die Welt: Die Alliierten hätten im Monat September des Vorjahres 135.000 Tonnen, im Oktober 115.000 Tonnen, im November 26.000 Tonnen und im Dezember 30.000 Tonnen verloren. Diese Ziffern sind wirklich zu klein, um wahr zu sein. Sie passen aber vortrefflich zu der aus London stammenden „United-Press“-Mitteilung, dass Russland insgesamt nur 2200 bis 6000 Militärlflugzeuge besitze, wovon 4000 veraltet und nicht einsatzfähig seien. Haben wir vor einem Jahr, da die Russen noch als vielbegehrte Waffenfreunde an der Einkreisung des Reiches mitwirken sollten, nicht von denselben Agenturen und in denselben Zeitungen gelesen, dass die UdSSR über die stärkste Luftmacht Europas mit achtbis zwölftausend modernen Kampfflugzeugen der ersten Linie verfügen? Wir denken daran, lächeln still in uns hinein und wissen den Katzenjammer der anderen Seite zu schätzen. ep.

importancia vital de nossa energia nacional e de nossa assistencia publica já fomos sobrepujados pelos allemães e italianos. A liberdade pessoal significa na Inglaterra, por demais frequentemente, liberdade de soltar as redeas. Os paizes democraticos têm de perguntar, de si para si, se poderão contar, na sua pachorra, com a possibilidade de competir, mesmo nas actividades pacificas, com as nações ultra-disciplinadas, cujo espirito se viu caldeado no fogo da opposição. Enquanto muitos jornaes britannicos não penetram, com as suas vistas, além do encrespamento na superficie, perpassa a Alemanha e a Italia uma enorme torrente de progresso nacional. O bem pro-

vocado por essa torrente ha de perdurar ainda por longo tempo depois de se haver depositado o lodo por ella trazido á tona.” Foi assim que se manifestava Ward Price no tempo em que ainda honrava a palavra.

### Fabulas sobre atrocidades na Polonia

Mr. Price é hoje correspondente do „Daily Mail” em Budapest. E uma vez que tem de suprir a redacção de sua folha em Londres de materia sensacional, dado que para isso é (Continua na 2.a pag.)

### Der Lügenkrieg

Unser schwarzes Brett

XXII.

ep. — In den vergangenen zehn Jahren vollzog sich in Europa kaum ein Geschehnis von überragender Bedeutung, bei dem nicht auch als Pressestimme die Meinung des britischen Journalisten G. Ward Price auftauchte. Mr. Price, der „Daily-Mail“-Berichterstatler, verfügte wie kein anderer seiner Kollegen über ausgezeichnete Verbindungen zu massgeblichen Regierungsstellen des Festlandes. Seine Steckenpferde waren Deutschland und Italien, die autoritären Staatssysteme. Das beweist neben zahlreichen Reisen durch diese Länder, neben den Schilderungen der Besuche beim Führer und Duce und den Unterredungen mit diesen Schöpfern der europäischen Revolutionen des 20. Jahrhunderts sein beachtenswertes Buch „I know these dictators” (Ich kenne diese Diktatoren). Wer heute dieses ganz bestimmt aus einem ehrlichen Mühen um Objektivität geschriebene Buch liest und gleichzeitig weiss, dass Mr. Price gegenwärtig an dem noch vor zwei Jahren vorbildlich hingestellten Deutschland keinen trockenen Faden lässt, kann ohne viel Logik ahnen, wie gern dieser Brite dieses literarisch-geschichtliche Dokument nachträglich ungeboren lassen möchte. Aber was geschah, ist ja eine Tatsache. Mr. Price ist Engländer. Es ist klar, warum er sich gerade in seinem Beruf für die Interessen des Empires mit allen möglichen Mitteln und um jeden Preis einsetzt. Und darum soll er nun zur charakterlichen Kennzeichnung der Leute seines Schlages das Wort haben. Auf Seite 225 des genannten Buches befasst er sich mit der „Pressehetze”, die u. a. einer aufrichtigen deutsch-britischen Verständigung im Wege steht:

### Kein Wort zuviel

„Während in der Vergangenheit man den britischen Zeitungen allgemein die Insularität ihrer Ansichten vorwarf, sind heute manche von ihnen in gefährlicher Weise kosmopolitisch geworden. Ihre Bemerkungen über die Handlungen fremder Regierungen beschränken sich nicht mehr auf Angelegenheiten, an denen Grossbritannien ein direktes Interesse hat. Sie erstrecken sich auf jeden Vorgang in ihrem nationalen Leben, das die Anschauungen, die England für sich selbst gewonnen hat, zu verletzen scheint. Aber diese Handlungsweise ist keineswegs auf die Zeitungen beschränkt. Sich in die inneren Angelegenheiten benachbarter Staaten einzumischen, ist auch in anderen Bezirken des öffentlichen Lebens zum Steckenpferd geworden. Die Ohren vieler Leute sind an die Parteiwand gepresst und lauschen begierig auf irgendwelche Geräusche von Beschwerden oder Unzufriedenheit im Nebenraum, und wenig schmeichelhafte Bemerkungen über die Art, wie das Nachbarland geführt wird, werden laut zum Ausdruck gebracht. „Untersuchungskommissionen” sind sogar gebildet, um herumzureisen und Berichte über das Leben kontinentaler Länder aufzuziehen, die uns nichts angehen. Ohne sich von ihrer unvollkommenen Kenntnis der Tatsachen abschrecken zu lassen, haben englische Geschäftlhuber die Gewohnheit angenommen, Misstrauensvoten über fremde Regierungen abzugeben, deren Auffassung mit ihrer eigenen nicht in Einklang steht. Bischöfe haben ausser ihrer religiösen Pflicht noch die Funktionen übernommen, scharfe Erklärungen über die An-

Gelegenheit anderer Nationen abzugeben, die sie nur vom Hörensagen oder aus kurzen Besuchen kennen, die von Propagandaabteilungen bestimmter politischer Parteien organisiert werden, denen diese unbedachtsamen Geistlichen ihre Unterstützung zugesagt haben. Es ist glücklicherweise so, dass niemand der britischen Presse das Recht bestreiten kann, zu drucken, oder britischen Rednern, vorzutragen, was sie über irgendeinen Gegenstand zu bemerken wünschen, vorausgesetzt, dass sie das Gesetz gegen Schmähchriften, Verächtlichmachung des Hofes und die Veröffentlichung von Regierungsgeheimdokumenten nicht übertreten. Doch sind Dinge, die zwar gegen das Gesetz nicht verstoßen, bisweilen trotzdem unangemessen... Es besteht die Gefahr, dass das Volk Englands, während es sich auf den Namen der Freiheit beruft, abfällt. In einigen lebenswichtigen Gebieten der nationalen Kraft und Wohlfahrt sind wir bereits von den Deutschen und Italienern überholt. Persönliche Freiheit bedeutet in England nur zu oft die Freiheit, sich gehen zu lassen. Die demokratischen Länder müssen sich fragen, ob sie mit ihrer geruhlosen Art hoffen können, sogar in den friedlichen Bestrebungen, den Wettbewerb mit diesen hochdisziplinierten Nationen, deren Geist im Feuer der Gegnerschaft gestählt worden ist, durchzuhalten. Obwohl manche der britischen Zeitungen nicht tiefer gehen als auf die Kräuselungen an der Oberfläche, geht ein grosser Strom nationalen Fortschritts über Deutschland und Italien hin. Lange noch, nachdem der Schlamm, den er aufrührt, sich abgesetzt hat, wird das Gute, das er mit sich bringt, bleiben." Soweit Ward Price, als er noch der Wahrheit die Ehre gab.

## Greuelmärchen über Polen

Heute ist Mr. Price Korrespondent der „Daily Mail“ in Budapest. Und da er seiner Londoner Redaktion sensationellen Stoff liefern muss, weil er dafür bezahlt wird, hat er kürzlich eine schaurige Geschichte über deutsche Greuel in Polen geschrieben. Die Havas sorgte am 2. d. M. für die Weiterverbreitung. Danach bemühen sich die deutschen Behörden, das besetzte Gebiet in eine ungeheure Wüste zu verwandeln. Viele Städte seien gänzlich entvölkert worden. Die Vertreter der polnischen Intelligenz und des Bürgertums würden systematisch ausgerottet. Frauen und Kinder müssten, nur mit dem Nötigsten, bekleidet, Hunderte von Kilometer durch Schnee und Frost wandern. Wer noch ein Pelzstückchen besitzt, dem wird dasselbe von den „Gestapo-Agenten“ gestohlen usw. Schon in der vorhergehenden Folge wurde auf dieser Spalte der neubelebte Lügenfeldzug hinsichtlich „polnischer Märtyrer“ angeprangert. Die Verleumdungswelle hat inzwischen ihren Höhepunkt erreicht. Die Aeusserung des nordamerikanischen Abgeordneten Charles Eaton (United Press, 31. 1.), Deutschland habe in Zentralpolen mit teuflischen Methoden zur Aushungerung der Bevölkerung einen „Schlachthof“ geschaffen, verdient nur als Masstab der Hassteigerung festgehalten zu werden. Wie die deutsche Herrschaft nun wirklich im besetzten Gebiet aussieht, hat der Vize-Generalgouverneur, Minister Seyss-Inquart (Trans-Ocean, 1. d. M.), in einer Unterredung mit ausländischen Pressemitarbeitern erklärt: Polen gilt auch weiterhin als Kriegsgebiet und jede feindliche Handlung im Rücken des deutschen Volkes wird streng bestraft. Dennoch gelten alle Massnahmen dem Wiederaufbau. Das Reich schickt trotz der britischen Blockade monatlich 10.000 Tonnen Getreide nach Polen. 160.000 Polen erhalten Arbeitslosenunterstützung, alle Gehälter, Löhne und Pensionen werden voll ausbezahlt. Die zerstörten Eisenbahnstrecken, Strassen und Brücken sind zum Grossteil wieder in Betrieb. Die Schulen sind geöffnet. Im Bezirk Warschau wurden 680.000 Menschen gegen Typhusgefahr geimpft. Die jüdischen Ghettos sind geschlossen. Alle Juden über 18 Jahre sind in der Umgebung von Lublin in Arbeitslagern untergebracht, wo sie an regelmässige und produktive Tätigkeit gewöhnt werden. Wenn Deutschland einen Hungerkrieg gegen Polen führen wollte, fügte Herr Seyss-Inquart hinzu, könnte sich das General-Gouvernement in Krakau die Arbeit leichter machen. 13.000 Studenten sind in Polen niemals erschossen worden, da das Land im ganzen nur etwa 9000 Studierende zählte.

## 300 Spione in Belgrad

Selten wurde das Sprichwort, dass die Lüge kurze Beine hat, anschaulicher bewiesen als bei der letztwöchigen Balkankonferenz in Belgrad. Die vier Ausserminister Jugoslawiens, Rumäniens, Griechenlands und der Türkei sas-

sen noch gar nicht am Tisch beisammen, da hiess es schon „Starker deutscher Druck auf die Teilnehmer“ (Havas, 2. d. M.), „Kampf am Runden Tisch“ (United Press, 1. d. M.), und schliesslich die Sensation des Tages „300 Nazispione unter dem Deckmantel von Journalisten in Belgrad“ (Havas, 2. d. M.). Gezählt hat sie der Londoner „Daily Sketch“. Diese Spione wohnten in den besten Hotels und hatten für die Verbreitung des Gerüchtes zu sorgen, dass das Reich radikale Massnahmen ergreifen würde, wenn irgendein Balkanblock organisiert werden sollte. Die Konferenz begann und ging ohne Ueberraschungen zu Ende. Im Schlussprotokoll wurde die Aufrechterhaltung des Friedens im Südosten Europas und die Fortdauer der guten Beziehungen zu allen Nachbarn unterstrichen. Die 300 Spione aber — so möchten wir frei nach „Daily Sketch“ ergänzen — wurden vom britischen Intelligence Service als Konferenzspezialisten und Instruktoren eingestellt.

## 90.000 tote Russen

So hoch beziffert ein schwedischer Reporter nach United Press am 29. 1. die Verluste des russischen Heeres im Kampf gegen Finnland, und das wohlgermekt bis Ende des vergangenen Jahres; inzwischen kommen nach den Meldungen von Reuter, Havas, Associated Press u. a. noch einige Zehntausend Gefallener der Roten Armee hinzu. Es hat nicht an Leuten gefehlt, die ausrechneten, wann der letzte Russe gestorben und die Finnen die UdSSR besetzen würden. Die völlig unkontrollierte Berichterstattung von den Kämpfen auf der Karelschen Landenge und rund um den Ladoga-See hat sich nach Ausfall der Sensationen von der deutsch-französischen Front als ein immerhin einträgliches Geschäft erwiesen. Italienische Freiwilligen-Flieger hätten den russischen Stützpunkt Kronstadt angegriffen (United Press, 31. 1.); General Smuts, der südafrikanische Regierungschef, habe die für sein Land bestimmten britischen Jagdflugzeuge nach Finnland schicken lassen, wo sie gleichfalls am Angriff auf Kronstadt teilnahmen (Reuter, 2. d. M.); der ehemalige Kaiser Wilhelm II. habe seinem Biographen und engen Freund Poultnel Bigelow in einem nicht zensierten (?) Brief mitgeteilt, dass Deutschland, England und Frankreich ihren Krieg beenden und sich mit Hilfe Finnlands gegen Sowjetrußland wenden sollten (Reuter, 2. d. M.). Man muss also feststellen, dass die Phantasie der Kriegstreiber infolge allzu grosser Beanspruchung leider immer schlechter wird. Wie der Krieg am nördlichen Polarkreis tatsächlich aussieht, werden wir demnächst aus der Feder des brasilianischen Fliegers Mauritz Rachman erfahren, der soeben nach aktiver Teilnahme an zwei Feindflügen auf finnischer Seite in seine Heimat zurückkehrte. Er berichtete einer hiesigen Nachmittagszeitung über seine Abenteuer. Er wurde verwundet, rettete sich durch Fallschirmabsprung, verzichtete auf die monatliche 800-Mark-Lohnung, kehrte über Kopenhagen mit seiner Frau heim und wird nun schreiben eine Reihe von Artikeln bezw. ein Buch. Zur Kriegslage selbst nur noch eine aufklärende Mitteilung (Trans-Ocean, 5. d. M.): Der Generalstab des Militärbezirks Leningrad veröffentlichte am Samstag ein energisches Dementi zu den ausländischen Informationen über angebliche finnische Luftangriffe auf Kronstadt und eine angebliche russische Offensive auf der karelschen Landenge. Es heisst darin: Obgleich die Finnen moderne Flugzeuge aus England, Frankreich, den USA, der Schweiz, Schweden und Italien haben, unternehmen sie doch keine Angriffsflüge, was ihre Unfähigkeit beweise, sich zu verteidigen. Die Formationen unter dem Kommando des finnischen Generalstabs in Lanthi, Raviniemi, Sarovalva und Bobord wurden von der russischen Luftwaffe vernichtet. Die finnische Luftwaffe hat keinerlei Angriffe auf russisches Gebiet unternommen, sie wird dies auch kaum tun können. Der Generalstab dementiert sarkastisch die Auslandsinformationen, nach denen eine grosse russische Offensive am Ufer des Ladoga-Sees begonnen worden sein solle. Es heisst, dass nur kleine Scharmützel lokalen Charakters ausgetragen wurden, an denen mehrere Kompanien teilnahmen.

## A Guerra das Falsidades

(Conclusão da 1.ª pagina.)

pagos, elle escreveu, ha pouco, uma historia tetrica sobre atrocidades suppostamente commettidas pelos alemães na Polonia. A Havas teve o cuidado de diffundi-la aos quatro ventos, a 2 do corrente. Conta-se alli, que as autoridades alemãs estariam empenhadas em transformar o territorio occupado num vasto deserto. Muitas cidades teriam sido despo-

voadas completamente. Os representantes da intellectualidade e da burguezia polonezas seriam exterminados systematicamente. Mulheres e crianças seriam forçadas a caminhar, vestidas do estrictamente indispensavel, centenas de kilometros através da neve em pleno inverno. Quem ainda possuisse um pedacinho de agralho qualquer em forma de pelle ver-se-ia despojado delle pelos agentes da „Gastapo“, etc. Já em nosso numero anterior estigmatizámos nesta columna a campanha de falsidades, que acaba de recrudescer, em torno dos „martyres polonezes“. Entremettes, a onde das calumnias attingiu seu ponto culminante. A exteriorização do deputado estadunidense Charles Eaton (United Press, 31. 1.), segundo a qual a Alemanha teria creado, na Polonia central, com metodos diabolicos, um „matadouro“ para o esfaumamento da população, merece ser registado apenas como escala que revela a que ponto chega esse odio gratuito. Em entrevista concedida a correspondentes de jornacs estrangeiros (telegrama da Transocean), o representante do governador geral na Polonia, ministro Seyss-Inquart, explicou qual o aspecto real do dominio allemão no territorio occupado: A Polonia continua a ser considerada zona de guerra, tanto que toda acção hostil commettida nas costas do povo allemão é severamente punida. Não obstante, todas as medidas alli tomadas são de natureza reconstrutiva. A Alemanha remette, a despeito do bloqueio britannico, mensalmente, 10.000 toneladas de cereaes para a Polonia. 160.000 polonezes recebem subsidios concedidos aos individuos sem trabalho. Todos os ordenados, salarios e pensões são pagos integralmente. Acham-se novamente em funcionamento, em sua maior parte, as estradas de ferro destruidas, bem como os caninhos e pontes damnificadas. As escolas estão abertas. No districto de Varsovia foram vaccinadas contra typho 680.000 pessoas. Foram fechados os ghettos polonezes. Todos os judeus acima de 18 annos foram alojados em acampamentos de trabalho nos arredores de Lublin, onde se habituarão a uma actividade regular e productiva. Se a Alemanha quizesse mover uma guerra de fome contra a Polonia — acrescentou o sr. Seyss-Inquart — o governo geral em Cracovia pedia entregar-se a um trabalho bem mais commodo. Jamais teriam sido fuzilados 13.000 estudantes na Polonia de mais a mais, em todo o paiz só existem, ao todo, cerca de 9.000 frequentadores de escolas superiores.

## 90.000 russos mortos

Eis a cifra em quanto um reporter sueco calcula, segundo a United Press, em 29. 1., as baixas do Exército russo, na luta contra a Finlandia, e isso, note-se bem, até fins do anno passado. Neste meio tempo, esse numero se viu acrescido de mais algumas dezenas de milhares de homens do Exército Vermelho tombados, conforme informações da

## „Lass den Draht mit Rußland nicht abreißen!“

„Lass den Draht mit Rußland nicht abreißen!“, das war eines der letzten Worte eines sterbenden Monarchen zu seinem Enkel, der, wie kaum ein zweiter Fürst die Wandelbarkeit alles Irdischen in seinem eigenen Leben aufs tiefste empfunden hatte. Und nun, wo er im Angesicht des Todes stand, nachdem er einen glänzenden Aufstieg mit genialen Beratern sein und des deutschen Volkes Schicksal gemischt hatte — nun tauchte noch einmal kurz bevor seine müde Seele sich in die Unerstlichkeit schwingen wollte, vor seinen Augen der zurückgelegte Lebensweg auf, der ihn mit Unterstützung seines treuen Neffen und Freundes, des Zaren Alexander II., von Düppel über Königgrätz nach Versailles geführt hatte. Schon als junger Mann hatte er die innigsten Beziehungen zum Petersburger Hof geknüpft, damals, als kurz nach den Freiheitskriegen der Zarewitsch Nikolaus seine Schwester Charlotte zum Altar führte. Der Glanz und die Pracht des russischen Hofes hatten den tiefsten Eindruck auf ihn gemacht, und der bescheidene, fast spießbürgerliche Haushalt König Friedrich Wilhelms III. von Preussen, seines Vaters, stach dagegen allzu sehr ab. Nach dem Tode Alexanders I., des „rätselhaften Zaren“, wie er von russischer Seite genannt worden ist, bestieg Nikolaus den Zarenthron und mit ihm trat ein Selbstherrscher grossen Formats die Weltbühne, der es nicht dulden zu können vermeinte, dass in Europa, besonders aber in Preussen und Oesterreich irgend etwas ohne seine Zustimmung geschähe. König Friedrich Wilhelm IV. wurde durch das Machtwort des unversöhnlichen Zaren genötigt, seinen Minister Mantuffel nach Oimütz zur Denütigung vor Oesterreich zu schicken, um den Kurhessischen Verfassungsstreit, der ganz Deutschland aufs tiefste erregt hatte, in Frieden beizulegen. Aber die durch Oimütz entstandene Misstimmung am preussischen Hof und in der preussischen Regierung gegen Rußland verflieg und mit der Thronbesteigung Alexanders II. trat bald ein gegenseitiges Vertrauensverhältnis ein, das sich zu wirklicher Freundschaft steigerte, als Wilhelm I. seinem Bruder Friedrich Wilhelm auf den preussischen Königsthron nachfolgte. Durch die geniale Politik des neuen Ministerpräsidenten von Bismarck-Schönhausen erkannte Alexander bald, dass Preussen ein guter und zuverlässiger Nachbar sei, mit dem sich auch gut und zuverlässig in Frieden leben lassen würde. Die Alvenslebense Konvention von 1863, die auf Veranlassung Bismarcks mit Rußland abgeschlossen wurde, um Rußland bei der Bekämpfung des polnischen Aufstandes, der auch Preussens Grenzen bedrohte, Hilfe zu leisten, hat den Dank des Zaren Alexander für die preussische Haltung gefunden, und der Zar ist immer bereit gewesen, diesen Dank Ausdruck zu geben, wenn die politische Konstellation die Gelegenheit dazu bot. So

Reuter, da Havas, da Associated Press e de outras fontes. Existe mesmo gente que já calculou, quando terá morrido o último russo e quando os finlandezes se disporão a ocupar a U.R.S.S. O noticiário completamente sem controle em torno das lutas no istmo de Carelia e ao redor do lago Ladoga tem provado ser um negocio regularmente rendoso, uma vez que se verifica um desfalque em materia de noticias-sensacionais procedentes da frente teuto-francesa. Segundo o mesmo, aviadores voluntarios italianos teriam atacado a base russa de Cronstadt (United Press, 31. 1.); o general Smuts, chefe do governo sul-africano, teria mandado remetter para a Finlandia os avioes britannicos destinados ao seu paiz, os quaes teriam igualmente participado do ataque a Cronstadt (Reuter, 2. 2.); o ex-imperador Guilherme II teria escripto ao seu biographo e intimo amigo Poultnel Bigelow, em uma carta não censurada (?), que a Alemanha, a Inglaterra e a França deveriam terminar o conflicto entre si e voltar-se, ao lado da Finlandia, contra a Russia Sovietica (Reuter, 2. 2.). Póde-se constatar, por consequente, que a phantasia dos instigadores de guerra, de tio gasta que está, vai se tornando cada vez mais pobre. Dentro em breve sabermos, pela penna do aviador brasileiro Mauricio Rachman, qual o aspecto real da guerra no circulo polar septentrional. O referido piloto acaba de regressar ao Brasil, depois de haver participado acuradamente, do lado da Finlandia, de dois raids aéreos. Falando ao redactor de um dos vesperinos locais, elle narra a este suas aventuras. Foi ferido, salvou-se em páraquedas, desistiu do soldo mensal de 800 marcos finnos, voltou para o seu paiz, em companhia de sua mulher, via Copenhague, e vai escrever uma serie de artigos, talvez mesmo um livro. — Em torno das actividades bellicas damos aqui, para concluir, ainda uma informacão explicativa (Transocean, 5. 2.): O Estado Maior da região militar de Leningrado publicou em 3. 2 um desmentido energico em que contesta as noticias estrangeiras referentes a um supposto ataque das forças aéreas finlandezas a cidade de Cronstadt e a uma presumida offensiva russa no istmo de Carelia. Diz o desmentido: Embora os finlandezes possuam avioes modernos vindos da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos, da Suissa, da Suecia e da Italia, elles não empreendem raids com fins aggressivos, o que prova sua incapacidade de se defender. As unidades sob o commando do Estado Maior finno em Lanthi, Raviniemi, Sarovalva e Bobord foram destroçadas pela arma aérea russa. As forças aéreas finnas não realizaram nenhum ataque sobre territorio russo, e difficilmente o realizarão. O Estado Maior russo desmente sarcasticamente as informacões estrangeiras, segundo as quaes teria sido desencadeada uma grande offensiva russa ás margens do lago Ladoga. Houve apenas pequenas escaramuças de caracter local de que participaram contingentes de varias companhias.

war es im Juli 1866, nachdem Preussen den vernichtenden Schlag von Königgrätz gegen Oesterreich geführt hatte, der in Frankreich patriotische Beklemmungen und eine starke Kriegslust gegen das siegreiche Preussen hervorrief. Auf den Rat Bismarcks sandte König Wilhelm seinen Generaladjutanten von Mantuffel, der sich beim Zaren grosser Beliebtheit erfreute, nach Petersburg, und es gelang diesem auf Grund der alten Freundschaft des Zaren mit den preussischen Hofe, den Kaiser zu einer drohenden Haltung gegen Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und Oesterreich zu bewegen. Dasselbe war im Jahre 1870 der Fall, als ein französisch-österreichisch-italienisches Bündnis gegen Preussen als Rache für Königgrätz drohte. Hier erklärte der Zar, dem die Gelegenheit gekommen zu sein schien, die drückenden Fesseln des Pariser Friedens von 1856 zu lösen, dass er sofort marschieren lassen würde, wenn etwa Oesterreich Preussen angreifen sollte. Es kam nicht dazu. Die scheinbaren Siege der deutschen Armee über Frankreich und

# „Deutschland wied leben und siegen“

Die Rede des Führers am 30. Januar

Die zweite entscheidende Phase dieses dem Reich aufgezwungenen Krieges hat begonnen

Berlin, 30. — (T.-O. — Agencia Allernā) Es war eine wahrhaft nationale Versammlung, welche am Abend des 30. Januars der Rede Adolf Hitlers lauschte, welche erst am Nachmittag angekündigt und anlässlich des Jahrestages der Machtübernahme gehalten wurde. Die Rede fand im Berliner Sportpalast statt, wo vor der Machtübernahme die hauptsächlichsten Kundgebungen der Partei durchgeführt wurden. Um 8 Uhr betrat Adolf Hitler die weite Halle, die ein Fassungsvermögen von 15.000 Personen hat. Alle Schichten der Bevölkerung waren dort vertreten, und es war nicht nur die Uniform vorherrschend. Lange vor der festgesetzten Stunde war der Sportpalast überfüllt. Eine Viertelstunde vor Eintreffen des Führers kamen zahlreiche Minister, Generale und die hohen Leiter der Partei und deren Organisationen im Sportpalast an. Der Sportpalast war ausgeschmückt wie stets bei festlichen Anlässen der Partei. An der Stirnwand war eine grosse Fahne des Reiches angebracht. Wenige Minuten vor 8 Uhr wurden die Fahnen der Bewegung in den Saal gebracht. Bald darauf erschien Adolf Hitler, der minutenlang stürmisch begrüsst wurde.

## Die Kundgebung

Die Kundgebung wurde durch eine kurze Ansprache Dr. Goebbels eingeleitet, der sagte: „Die Kundgebung der Partei im Berliner Sportpalast ist eröffnet. Die Nationalsozialisten Berlins und mit uns das ganze deutsche Volk, das durch die Aethervellen mit uns verbunden ist, grüssen den Führer mit unserem alten Kampftruf Sieghail.“

Mein Führer! Heute abend ist nicht nur Ihr Volk, sondern die ganze Welt Ihr Zuhörer. Die westlichen Plutokratien überüberschwemmen die Welt wieder einmal mit ihrer Flut von Lügen. Nach altem Rezept möchten sie zum anderen Male das deutsche Volk auseinanderreissen und uns von Ihnen trennen. Doch dieses Rezept wirkt heute nicht mehr. Das deutsche Volk steht wie ein Mann hinter Ihnen, die deutsche Nation hört nicht einmal die Worte an, die aus London oder Paris kommen. Das deutsche Volk hört heute nur noch eine Stimme, und das ist die Ihrige. Diese Verfechter der Lüge der Plutokratien bemühen sich umsonst. Ihr Rufen zeugt von ihrer Furcht. Das deutsche Volk weist ihre Versuche mit kalter Verachtung ab. In unverbrüchlichem Vertrauen folgt es Ihnen und steht am heutigen 30. Januar wieder um Sie versammelt. Es ist der Tag der Solidarität des Volkes und des Dankes an Sie, und in dieser Nacht wollen wir Ihnen versprechen, dass unser Dank nicht nur leere Worte sind, sondern unser Dank wird der Kampf und die Arbeit für Ihre grosse Sache sein.“

## Der Führer spricht

Anschliessend ergriff der Führer das Wort, der seine Rede ohne Manuskript hielt. Er führte etwa folgendes aus:

„Volksgenossen und Volksgenossinnen! Sieben Jahre sind im Leben eines Mannes ein kurzer Zeitraum, doch für das Leben eines Volkes nur eine Sekunde, und trotzdem bedeuten die sieben hinter uns liegenden Jahre soviel wie manche Jahrhunderte der Vergangenheit. Denn in ihnen hat sich ein grosses geschichtliches Geschehen abgewickelt, der Wiederaufstieg einer von Zerstörung bedrohten Nation in einer Epoche, die voll von Ereignissen für uns war; die wir nicht nur erlebten, sondern zum Teil auch schmiedeten. Es erscheint fast unmöglich, sie mit einem Blick zu überschauen. Man redet heute so viel von den demokratischen Idealen, d. h. nicht in Deutschland, wohl aber in der übrigen Welt spricht man davon, denn in Deutschland haben wir dieses demokratische Ideal auch einmal kennen gelernt. Wenn die übrige Welt heute wiederum auf dieses Ideal hinweist, so möchte ich dazu nur sagen, dass das deutsche Volk während nicht weniger als 15 Jahren Gelegenheit genug gehabt hat, dieses Ideal in Reinformat kennen zu lernen. Und wir allein waren es, welche das Erbe der Demokratie angetreten haben.“

## Die Versprechungen

Jetzt setzt man uns wunderbare Kriegsziele vor, ganz besonders von englischer Seite. In Wirklichkeit hat England aber Erfahrung im Proklamieren von Kriegszielen, denn es hat ja die meisten Kriege der Welt geführt. Es ist sehr lehrreich, welches Kriegsziel man uns heute verkündet. Es soll ein neues Europa geformt werden. In diesem Europa soll die Gerechtigkeit herrschen, und diese allgemeine Gerechtigkeit werde die Rüstungen ganz überflüssig machen. Dann werde man zur Abrüstung schreiten. Dann werde dank dieser Abrüstung eine wirtschaftliche Blüte einsetzen. Und dann werde der Handel und Verkehr eingeleitet, vor allem natürlich der Handel, viel freier Handel. Und danach, wenn dieser Handel da ist, werde auch die Kultur aufblühen und mit der Kultur zusammen werde eine neue Religion blühen. Mit einem Wort, zuletzt soll ein goldenes Zeitalter anbrechen.

Unglücklicherweise jedoch hat man uns dieses goldene Zeitalter schon mehrmals in ähnlicher Weise vorgespiegelt und dies nicht etwa von einer vergangenen Generation, nein von Leuten, die es auch heute wieder ausmalen. Es sind alte abgeleierte Platten, und man kann nur Mitleid mit jenen Herren verspüren, die keine neue Idee gefunden haben, vermittels welcher ein grosses Volk gedeihen könnte. Denn dies wurde uns im allgemeinen ja schon 1918 versprochen. Das Ziel, das die Engländer damals mit dem Kriege verfolgten, war ebenfalls ein neues Europa, eine neue Gerechtigkeit, diese neue Gerechtigkeit sollte das Selbstbestimmungsrecht der Völker bringen, als eines der erwähltesten Elemente. Schon damals hatte man eine Gerechtigkeit versprochen, die es überflüssig machen sollte, in Waffen zu stehen. Darum stellte man damals das Abrüstungsprogramm gewiss auf eine Abrüstung aller. Und um es eindringlich sichtbar zu machen, sollte diese Abrüstung durch den Völkerbund gekrönt werden, eines Völkerbundes der abgerüsteten Nationen, welche entschlossen wären, in Zukunft in offener Aussprache, in Rede und Widerrede und in Meinungsaustausch, wie dies so bei den Demokratien üblich ist, ihre Meinungsverschiedenheiten — man hat damals wenigstens nicht daran gedacht, dass es eines Tages doch einmal Meinungsverschiedenheiten geben würde — auf keinen Fall aber sollte mehr geschossen werden.

Und nachher erwartete man, dass als Folge dieser Abrüstung und des Welthandels eine ungeheure Prosperität eintreten werde. Ein Aufblühen der Industrien und ein unvergleichlicher Aufschwung des Handels, eines freien Handels. Auch die Kultur werde dabei nicht zu kurz kommen. Und vor allem die Religion, über die man sicherlich während des Krieges weit weniger sprach als zu Beginn. Jedenfalls erklärte man uns wenigstens im Jahre 1918, es werde ein gesegnetes Zeitalter anbrechen.

## ... und ihre Erfüllung

Was es gegeben hat, das haben wir erlebt. Man zerriss frühere Staaten, ohne die Völker auch nur zu befragen. In keinem einzigen Falle fragte man damals die Nationen, ob sie damit einverstanden seien. Man löste alle diese historisch überkommenen Organismen auf und nicht nur politische, sondern auch wirtschaftliche Organismen. An deren Stelle konnten sie aber nichts besseres setzen und vor allem konnten diese Leute nichts besseres schaffen als sich in höchster Arroganz den ganzen europäischen Geschicken entgegenzustellen.

Und wenn ohne Rücksichtnahme auf das Selbstbestimmungsrecht der Völker Europa verkleinert, Europa zerfetzt wurde, grosse Staaten aufgelöst und Nationen ihrer Rechte beraubt wurden, sie zuerst wehrlos gemacht und danach eine Trennung gezogen wurde, die auf dieser Welt nichts als Sieger und Besiegte übrigliess: da sprach man nicht mehr von Abrüstung, sondern man rüstete. Konflikte wurden nicht friedlich gelöst, sondern die bewaffneten Staaten führten genau so Krieg wie früher. Nur die abgerüsteten waren nicht in der Lage, sich zu wehren gegen die Mächtigen, gegen die Bewaffneten,

ja sie konnten sie sich nicht einmal vom Leibe halten. Damit konnte natürlich keine wirtschaftliche Prosperität geschaffen werden, sondern es ergab sich daraus nur das sinnlose Reparationssystem. Die Folgen dieser wirtschaftlichen Not hat niemand so empfunden wie das deutsche Volk. Die allgemeine wirtschaftliche Dekadenz führte gerade unter uns zu einer Arbeitslosigkeit, in welcher unser Volk untergehen zu müssen schien. Auch die Kultur wurde nicht gefördert, sondern im Gegenteil vernachlässigt. Die Religion wurde völlig in den Hintergrund gedrängt. In diesen 15 Jahren hat sich kein Engländer der Religion erinnert, kein Engländer legte sich im Kriege die Zügel der Barmherzigkeit an. Denn diese Herren gingen damals noch nicht mit der Bibel spazieren, ihre Bibel war das Versailler Diktat.

Es waren 484 Paragraphen, die alle eine einzige Last, eine Verpflichtung, ein Todesurteil oder eine Plünderung Deutschlands darstellten. Und dieses Versailles wurde durch den neuen Völkerbund garantiert, der nicht ein Bund freier und gleichgestellter Nationen war. Das war ja kein Bund der Nationen — seine Schöpfer waren ihm ferngeblieben —, sondern ein Völkerbund, der die einzige Aufgabe hatte, die Garantie zu übernehmen und uns zu zwingen, dieses Diktat, das schlimmste Diktat aller Zeiten, zu erfüllen, das wir uns nicht ausgehandelt hatten, sondern das man uns einfach aufbürdete.

Das war in der Zeit des demokratischen Deutschlands. Wenn heute ausländische Staatsmänner so tun, als ob sie kein Vertrauen zu dem heutigen Deutschland haben könnten, so konnte dies auf das damalige Deutschland doch keine Anwendung finden, denn in seinem Ursprung war jenes Deutschland ein Werk und ein Abklatsch ihrer selbst, zu dem sie doch Vertrauen haben sollten. Wer könnte sich wohl vollkommen an die Geschichte jener Jahre erinnern. Das Elend und der Zusammenbruch des Jahres 1918, die Tragödie des Jahres 1919 und dann all die Jahre innerer wirtschaftlicher Auflösung, ständiger Sklaverei und Verarmung unseres Volkes, vor allem aber die völlige Hoffnungslosigkeit. Das ist etwas, was noch heute Entsetzen einflösst bei der Lage jener Zeiten, denn eine grosse Nation hatte allmählich alles Vertrauen nicht nur in sich selbst verloren, sondern auch in jede Gerechtigkeit. In all dieser Zeit hoffte das demokratische Deutschland vergebens. Es hoffte vergebens und protestierte ebenso vergeblich gegen die internationale Finanz, die mit ihrer rauen Rücksichtslosigkeit unser Volk soviel als möglich aussaugte. Die Staatsmänner der verbündeten Nationen blieben weiter unbarmherzig. Mit der eisigsten Kälte sagten sie, dass es 20 Millionen Deutsche zu viel gäbe. Sie blieben dem Elend unserer Arbeitslosen gegenüber taub und kümmerten sich nicht um den Untergang unserer Landwirtschaft oder unserer Industrie, ja nicht einmal unseres Handels. Wir, denken an jene Verkehrsruhe, die sich damals über das Reich ausbreitete. Zu jener Zeit, in der alle Hoffnung eitel war, alles Betteln umsonst und jeder Protest erfolglos blieb, erstand die nationalsozialistische Bewegung, die von einer Auffassung ausging, die sich sagte, dass man von der Welt nichts erhoffen dürfe und sich nicht im Protest erniedrigen, sondern in dieser Welt müsse sich jeder zunächst selber helfen.

## Hilfe der eigenen Kraft

15 Jahre lang predigte man in jenem Deutschland die Demokratie, damals hoffte man auf eine bessere Welt und ihre Institutionen, in jedem Lager hatte man seinen Schutzpatron. Die einen waren für internationale Solidarität des Proletariats, die anderen hofften wiederum auf die demokratischen internationalen Einrichtungen des Genfer Völkerbundes, wieder andere auf das Weltgewissen usw. Diese Hoffnungen waren alle umsonst. Nun haben wir an die Stelle dieser Hoffnung eine andere Hoffnung gesetzt, und das ist die einzige Hoffnung auf Hilfe, die es in der Welt gibt: Hilfe der eigenen Kraft. Anstelle der Hoffnung lebte der Glaube unseres deutschen Volkes auf und die

Mobilisierung seiner ewigen inneren Werte. Wir verfügten damals wenigstens über wenige, aber wirkliche Mittel. Als Grundlage unseres neuen Reiches betrachten wir ferner unseren neuen Willen, die Kraft und Arbeit unseres Volkes, in erster Linie die Intelligenz unseres Volkes und dann an zweiter und dritter Stelle das, was uns unser eigener Lebensraum zu bieten vermag, der eigene Boden. So also hatten wir unsere Arbeit und erlebten dieses innere deutsche Aufblühen. Dieser innerdeutsche Glanz aber bedrohte die Welt nicht im mindesten. Doch das innere Werk der deutschen Umformung rief darum nicht weniger den Hass der anderen wach. Dann kam die Zeit der Proklamierung des Vierjahresplanes, eines Gedankens, der in Wirklichkeit die übrige Welt hätte begeistern müssen. Ein Volk will sich selbst helfen; es appelliert nicht an die Hilfe der anderen, es appelliert nicht an die Wohltätigkeit, es appelliert an seine eigene schöpferische Fähigkeit, an seine Arbeitsamkeit, seine Energie und seine Intelligenz.

Und trotzdem beginnt diese andere Welt zu murren. Die englischen Staatsmänner schreien: was ist mit ihnen geschehen; dieser Vierjahresplan passt nicht in die Weltwirtschaft. Als ob sie uns hätten an dieser Weltwirtschaft teilnehmen lassen. Und gerade deshalb, weil wir vorausschauen und weil wir dies gemerkt hatten, schritten wir zur Proklamierung der Stärke, der deutschen Stärke. In 1933, also im Jahre, in welchem wir an die Macht kamen, sah ich mich gezwungen, unseren Austritt aus dem Völkerbund zu erklären und die lächerliche Abrüstungskonferenz zu verlassen. Trotz all unseren Bitten und Protesten konnten wir vor keinem dieser Forums irgendein Recht bekommen. 1934 begann nun Deutschland dann im grossen aufzurüsten. 1935 führte ich die Militärdienstpflicht wieder ein. Im Jahre 1936 liess ich das Rheinland besetzen, in 1937 begann der Vierjahresplan einzusetzen. 1938 wurde die Ostmark dem Reich eingegliedert und das Sudetenland. Zum Schutze des Reiches wurden die Massnahmen des Jahres 1939 ergriffen.

## Mangelndes Verständnis

All dies hätte ganz anders sein können, wenn diese anderen Nationen auch nur die Spur von Verständnis für die deutschen Ansprüche, für die deutschen Lebensnotwendigkeiten gehabt hätten. Es heisst immer, man hätte all dies aushandeln können. Jedoch, meine Volksgenossen, habe ich der Welt denn nicht mehr als einmal vorgestellt, dass die Frage der deutschen kolonialen Wiedergutmachungsforderungen behandelt werden sollte? Hat man uns darauf auch nur einmal geantwortet? (Zwischenrufe: Nein, nein!) Es ist wahr, nein. Die führenden Schichten Frankreichs und Englands wollten den Kampf in dem Augenblick des Wiedererstehens des Reiches aufnehmen. Sie haben es so gewollt. England, das seit 300 Jahren das Ziel verfolgt, die Konsolidierung Europas zu verhindern, sowie Frankreich, das sich seit Jahrhunderten müht, eine Konsolidierung Deutschlands zu hintertreiben.

Und wenn da heute ein Herr Chamberlain kommt und als Prediger der Welt seine barmherzigen Kriegsziele ankündigt, dann kann ich nur darauf antworten: Ihre eigene Geschichte widerlegt Sie, Herr Chamberlain. Seit 300 Jahren redeten Ihre Staatsmänner bei Ausbruch eines Krieges genau so wie Sie heute sprechen, Herr Chamberlain. Sie haben ja nur für Gott und die Religion gekämpft. Niemals verfolgten Sie materielle Ziele. Die Engländer meinen, der liebe Gott hätte sie belohnt und reich gemacht, weil sie niemals für ein materielles Ziel gekämpft hätten. Es ist wahr, Gott hat nicht vergessen, dass England sich immer als Verteidiger der Wahrheit, der Gerechtigkeit und als Vorkämpfer aller Tugenden aufgeführt hat. Darum auch wurden sie durch den Reichtum belohnt. In 300 Jahren haben sie sich 40 Millionen qkm, rundgerechnet, von der Erdoberfläche angeeignet. Und es ist nichts so natürlich, als dass sie dies nicht aus Egoismus, nicht einmal aus Vergnügen an Herrschen, an der Lust am Reichtum taten, nein, sie taten dies im Gegenteil im Auftrage des lieben Gottes und aus Liebe zur Religion

Gewiss wollte England nun nicht der einzige zur Verteidigung Gottes sein, und darum forderte es andere auf, an dieser hohen Verteidigung teilzunehmen. Es hat sich auch nicht angestrengt, nun gerade die Hauptlast zu tragen, sondern hat immer jemanden gesucht, der mit ihm kämpft. So hat es auch jetzt wieder getan und zu seinem Nutzen 40 Millionen Quadratkilometer; und die englische Geschichte ist eine Kette von Vergewaltigungen, Betrug, Tyrannei, Misshandlungen, Unterdrückung und Plünderung. Es gibt Dinge, die man sich in keinem anderen Staate und in keinem anderen Lande so richtig vorstellen kann. Um all und jedes wurde Krieg geführt.

Man führte Krieg, um den Handel zu bereichern, indem man andere zwang, Opium zu rauchen. Man führte auch Krieg, um Gold zu graben, wenn es nötig wurde. Immer nur wurde ein materielles Ziel verfolgt, auch im letzten Kriege. Er wurde ja nur aus idealen Zielen geführt. Dass man uns dabei gleichzeitig die deutschen Kolonien nahm, dass man uns die Flotte wegnahm, dass die deutschen Vermögen im Ausland eingezogen wurden, dies alles sind nur Nebenerscheinungen in diesem englischen Kampfe um die Religion. Wenn Herr Chamberlain heute mit der Bibel herumläuft und seine Kriegsziele predigt, so kommt mir das vor, als wenn sich der Teufel im Gebet einer armen Seele nähert. Und das ist nicht einmal originell, es hat keinen Stil. Das glaubt ihm ja schon niemand mehr, nicht einmal er selbst. Zudem hat sich das deutsche Volk doch schon einmal die Finger verbrannt. Dem Rattenfänger von Hameln folgten die Kinder auch nur einmal, und das deutsche Volk folgte eben nur einmal einem Apostel der Brüderlichkeit unter den Nationen und der Verständigung.

### Was sie wollen

Da lobe ich mir doch den Herrn Churchill, weil der nämlich klar herauspricht, was Herr Chamberlain nur für sich denkt. Er sagt nämlich: Unser Ziel ist die Vernichtung Deutschlands und wenn möglich auch des deutschen Volkes. Wir wollen Deutschland niederzwingen. Diese Offenheit freut mich. Und auch die britischen Generale sagen klar, worum es ihnen geht. So, glaube ich, könnten wir uns leichter verständigen. Weg mit allen lügenhaften Phrasen. Warum denn nicht offen sagen, was man will? Wir ziehen dies vor, denn so wissen wir doch, welches ihr Ziel ist. Und nun soll Herr Chamberlain mit der Bibel kommen oder auch ohne sie, er soll sich andächtig geben oder nicht, er möge die Wahrheit sagen oder lügen: wir wissen, dass das, was sie vor Augen haben, das Deutschland von 1648 ist, das zügellose und aufgelöste Deutschland. Hier in Mitteleuropa leben Millionen von Deutschen, denen ebenfalls ihr Anteil am Leben zukommt. Und während dreier Jahrhunderte konnten sie ja gar nicht bedroht sein, denn angesichts der Zügellosigkeit konnten diese ihre Zahl nicht völlig in die Wagschale werfen. Heute leben 140 Personen auf dem Quadratkilometer. Wenn diese Menschen eine Einheit bilden, dann sind sie eine Macht, wenn sie aber aufgeteilt sind, dann sind sie wehrlos und ohnmächtig. Ihr Zusammenschluss ist jedoch darüber hinaus ein moralisches Recht. Was es denn nicht so, dass diese 80 Millionen Deutsche sich zusammenschlossen, um ihre Lebensrechte zu verteidigen. Sie hätten es natürlich lieber gesehen, wenn diese Deutschen unter 200, 300 oder gar 400 Fahnen stünden und möglicherweise ebenso viele Dynastien hätten, hinter deren jeder einzelnen einige Hunderttausend ohne Stimme stünden. Nur so hätten wir leben können als das Volk der Denker und Dichter. Denn die Denker und Dichter brauchen ja nicht so viel Nahrung wie ein Schwerstarbeiter.

Dies ist das grosse Problem, um das heute gestritten wird. Auf der einen Seite die grossen Nationen, die im Laufe der Jahrhunderte sich um die Teilnahme am Leben dieser Welt wegen ihrer Uneinigkeit betrogen sahen. Diese Nationen haben sich jetzt vereint und stehen als die jungen Völker den anderen gegenüber und stellen ihre Ansprüche. Ihnen gegenüber stehen die sogenannten Besitzenden. Und diese Besitzenden Völker, die ohne jeden Grund noch Zweck einfach weite Gebiete der Welt blockierten, und vor wenigen Jahrzehnten noch Deutschland beraubten, diese Besitzenden Völker nehmen die Haltung der gierigen Klassen der Besitzenden unter den Völkern ein. Es wiederholt sich hier im Grossen in der Welt, was auch im Kleinen innerhalb der Völker vor sich geht. Auch hier gab es wirtschaftliche Auffassungen und politische Meinungen,

die festlegten, dass derjenige, der besitzt, eben besitzt, und der andere, der nichts hat, eben nichts hat. Und dass es eine göttliche Mission sei, dass der eine nichts habe und der andere habe und dass dies immer so bleiben müsse. Wer sollte sich dem widersetzen! Andere Kräfte, und eine Kraft, die einfach und klar ist: jetzt wollen wir zerstören. Da wir nichts besitzen, so muss alles zerstört werden. Diese verneinende Kraft tobte in Deutschland zehn Jahre hindurch. Man lief von Pontius zu Pilatus, bis der Nationalsozialismus kam, von dessen Existenz man nur eine Veränderung in der Form und in der Methode der Form dieser Lage annahm und meinte: wir wollen diese Lage ändern und so tun, dass auch alle Klassen, die nichts besitzen, teilnehmen, wir wollen sie allmählich zur Teilnahme am Besitz erziehen. Auf keinen Fall aber darf einer, der besitzt, eine Haltung annehmen, dass er alle Rechte besitze und der andere gar kein Recht. Und zuguterletzt hängt die Welt ja nicht von den 46 Millionen Engländern ab, die 40 Millionen Quadratkilometer einfach blockieren und erklären, dass Gott ihnen diese gegeben hätte und dass sie ihr Besitz wären und dass sie keine Ursache hätten, sie irgend jemandem zu geben.

Frankreich aber mit seiner Bevölkerung, das bisher 80 Menschen auf den Quadratkilometer hatte, verfügt ebenfalls über 9 Millionen Quadratkilometer, Deutschland mit mehr als 80 Millionen Menschen hat nicht einmal 600.000 Quadratkilometer. Dies ist das Problem, das gelöst werden muss und das ebenso gelöst werden wird wie alle sozialen Fragen. Und nicht nur wir erleben heute das Schauspiel, das wir im Kleinen im Innern selbst erlebten, als der Nationalsozialismus seinen Kampf aufnahm im Interesse der Aufrichtung einer wahrhaft dauernden Ordnung und einer wirklichen Gemeinschaft der Menschen. Damals versuchte man seitens der Liberalen und Demokraten jener Zeit, d. h. der besitzenden Klasse und deren Verbände und Anhänger, den Nationalsozialismus niederzuzwingen und seine Partei aufzulösen. Es war ein ständiges Schreien: Man muss sie verbieten und auflösen. In dem vorgeschriebenen Augenblick sah man eine einzige Kraft vor sich, die zuguterletzt noch eine Aenderung der Lage hätte herbeiführen können. Der Nationalsozialismus hat diesen Wunsch verwirklicht. Er ist geblieben und hat in Deutschland auch seine neue Ordnung durchgesetzt. Heute schreit nun diese andere Welt, dass Deutschland aufgelöst, diese 80 Millionen Menschen atomisiert werden müssten, es dürfe nicht zugegeben werden, dass sie einen einzigen Staat bildeten; danach müsse man ihnen die Kraft nehmen, damit sie ihre Ansprüche nicht stellen können. Dies ist das Ziel, das sich England und Frankreich gesteckt haben.

### Der Kampf um die Macht

Demgegenüber lautet unsere Antwort genau so wie sie früher unseren inneren Feinden gegenüber gelaundet hatte. Sie, meine alten Kampfgenossen, wissen, dass uns der Sieg 1933 nicht geschenkt wurde. Es war ein Kampf ohnegleichen, den wir fast 15 Jahre lang ausfechten mussten und der eigentlich aussichtslos erschien. Sie wissen, dass wir nicht gleich als eine grosse Bewegung fertig dastanden, die uns die göttliche Vorsehung geschenkt hatte. Mit einer Handvoll Leuten wurde sie gegründet, und diese Männer mussten sich erst mühselig ihre Stellung sichern, um sie dann auszuweiten. Aus einer Handvoll Männern wurden das erste Hundert, dann Tausende, später immer mehr, bis zuletzt eine Million da war, dann die zweite, dritte und vierte Million. So sind wir gewachsen und wurden innerlich stark in ständigem Kampf gegen den Widerstand und die Verletzungen des Rechtes. So gelangten wir in diesen 15 Jahren an die Macht, und nicht wie durch ein Geschenk des Himmels, das unverdient gewesen wäre, sondern als eine Belohnung für einen unvergleichlichen, mutigen Kampf, der hartnäckig um die Macht gekämpft wurde.

Und als ich dann im Jahre 1933 diese Macht erhielt, da übernahm ich mit der nationalsozialistischen Bewegung die Verantwortung für die deutsche Zukunft: da erkannte ich klar, dass die Freiheit unserem Volke nicht geschenkt werden würde. Ich sah mit der gleichen Klarheit, dass der Kampf damals noch gar nicht abgeschlossen war, sondern nun erst richtig im Grossen beginnen würde. Denn vor uns stand ja nicht der Sieg der nationalsozialistischen Bewegung, sondern die Befreiung unseres deutschen Volkes. Das war das Ziel. Das, was ich seither getan habe, war alles nur ein Mittel zum Zweck. Partei, Arbeitsfront, SA, SS und alle

die übrigen Organisationen, die Wehrmacht, das Heer, Luftwaffe, Marine, alles war nicht Selbstzweck, sondern nur Mittel zum Zweck, vor allem eine Garantie für den Staat zur Befreiung unseres deutschen Volkes.

### Der Kampf gegen Nationalsozialismus und Deutschland

Ich habe natürlich versucht, so wie ich es im Innern des Landes auch getan hatte, durch Zusammenkünfte, Verhandlungen, durch Aufrufe an die Vernunft, die unabdingbaren Ansprüche durchzusetzen. Auf einigen Gebieten und einige Male hatte ich Erfolg. Schon im Jahre 1938 musste ich jedoch erkennen, dass in den Feindstaaten die alten Hetzer aus dem Weltkriege wieder die Oberhand gewannen. Da begann ich zu warnen. Denn wie hätte man denken sollen, dass man erst zur Tagung nach München geht, dort ein Abkommen trifft und dann nach London zurückkehrt und nun unverzüglich mit einer Hetzkampagne beginnt. Damals tauchten in den sogenannten Demokratien die Aussenseiter auf. Ich habe damals gleich darauf hingewiesen, dass es wahr sei, dass das deutsche Volk keinen Hass weder gegen Engländer noch gegen Franzosen fühlt. Es wollte mit ihnen ja nur in Frieden und Freundschaft leben. Ich hatte Wiedergutmachungsforderungen gestellt, die den Völkern keinerlei Schaden verursachten, die sie gar nicht einmal etwas angingen. Nun aber begann in England in gewissen Kreisen eine unverschämte und unerträgliche Hetzkampagne, und der Augenblick kam, in welchem ich mir sagen musste, das geht nicht mehr so weiter, ich kann nicht mehr ruhig zusehen, sondern muss diese Kampagne erwidern. Denn wir hatten das deutsche Volk nicht im Hass gegen Engländer und Franzosen erzogen. Wenn in England und Frankreich in der Presse und in politischen Versammlungen die betonte Propaganda gegen Deutschland fortdringt und die Völker Englands und Frankreichs in Weissglut gegen Deutschland brachte, dann konnten sie zur Durchführung ihrer Pläne schreiten, und das deutsche Volk hätte gar nicht gewusst, wie das eigentlich gekommen wäre. Darum gab ich Anweisung, das deutsche Volk über diese Kampagne aufzuklären. Seit diesem Augenblick jedoch war auch ich entschlossen, im Notfall das Reich zu verteidigen, so oder so. Im Jahre 1939 rissen sich die Westmächte die Maske vom Gesicht. Sie erklärten Deutschland den Krieg, trotz all unserer Versuche und all unserer Zugeständnisse. Heute geben sie offen zu: Polen hätte vielleicht doch nachgegeben, aber sie wollten das ja gar nicht. Heute gestehen sie ein, dass es eine Leichtigkeit gewesen wäre, zu einem Einvernehmen zu gelangen. Sie wollten das aber nicht. Sie wollten den Krieg. Nun gut! Es ist genau das gleiche, was damals meine inneren Feinde sagten. Auch sie schrien: keine Versöhnung, keine Verständigung, sondern Kampf. Sie sollen den Kampf haben. Und Frankreich und England sei gesagt, dass sie auch den Kampf haben werden.

### Die Kampagne Grossbritanniens

Die erste Phase dieses Kampfes war eine politische Aktion, vermittels deren wir uns politisch den Rücken zu decken begannen. Jahrelang hat Deutschland mit Italien gemeinsame Politik betrieben. Diese Politik hat sich bis heute nicht verändert. Beide Staaten sind durch eine enge Freundschaft verbunden. Ihre gemeinsamen Interessen können auf den gleichen Nenner gebracht werden. Das vergangene Jahr hat England die Möglichkeit genommen, den geplanten Krieg in einen Weltkrieg ausarten zu lassen. Denn der bibelbesende Prediger Herr Chamberlain hat monatelang den Versuch gemacht, mit dem Atheisten Stalin zu einer Verständigung und einer Allianz zu kommen. Es ist nicht dazu gekommen. Ich verstehe ganz gut den Aerger, der in England darüber herrscht, weil ich das getan habe, was der Herr Chamberlain nicht erreichen konnte. Ich begreife auch, dass das, was bei Chamberlain ein gottwohlgefälliges Werk gewesen wäre, dies nicht mehr ist — wenn ich es tue. Ich glaube jedoch auf jeden Fall, dass der Allmächtige zufrieden sein wird, dass ein sinnloser Kampf auf einem grossen Gebiet vermieden wurde. Denn Russland und Deutschland haben jahrhundertlang in Freundschaft und Frieden nebeneinander gelebt. Warum sollte das in Zukunft denn nicht möglich sein? Ich glaube, dass dies so wünschen. Und es wird jeder Versuch der englischen und französischen Plutokratie scheitern, uns wieder in einen Konflikt zu bringen, weil er einfach an der Ueberlegung über die Absichten dieser Kräfte

te und beim Begreifen dieser Absichten scheitern muss. Auf diese Weise ist Deutschland heute politisch im Rücken frei.

### Die Stärke der Wehrmacht

Die zweite Aufgabe des Jahres 1939 war, uns den Rücken militärisch zu decken. Die Stärke unserer Wehrmacht zerstörte die Hoffnung der britischen Militärsachverständigen, dass der Polenfeldzug sechs Monate bis ein Jahr dauern würde. In 18 Tagen wurde ein Staat von der Landkarte ausgelöscht, dem England seine Garantie gab, ohne dass diese Garantie erfüllt worden wäre. Damit ist die erste Phase des Kampfes beendet und die zweite beginnt. Mr. Churchill ist begierig auf den Beginn dieser zweiten Phase. Er lässt seine Anhänger die Hoffnung aussprechen (er selbst tut es auch persönlich), dass nun endlich mit Bomben gekämpft werde. Und sie schreiben nun schon, dass dieser Kampf auch vor Frauen und Kindern nicht Halt machen werde. Jeder totale Krieg ist ja nur ein Krieg, der ausschliesslich gegen Frauen und Kinder gerichtet ist. Der Krieg gegen die Boers war ein Krieg gegen Frauen und Kinder. Damals erfand man auch das Konzentrationslager; es war ein englisches Hirn, in dem dieser Gedanke geboren wurde. Wir haben im Lexikon nachgeblättert und es danach kopiert. Allerdings mit einem Unterschied: England sperrte in diesen Lagern Frauen und Kinder ein und damals kamen mehr als 20.000 Burenfrauen kümmerlich ums Leben. Warum sollte England nun heute auf andere Weise kämpfen? Das haben wir aber schon vorausgesehen und uns darauf eingerichtet! Mr. Churchill kann dessen gewiss sein: Wir wissen, was England in diesen fünf Monaten getan hat. Was Frankreich tat, wissen wir gleichfalls. Aber sie wissen nicht, was Deutschland in den fünf Monaten getan hat.

Glauben diese Herren vielleicht, wir hätten in den letzten fünf Monaten geschlafen? Seit ich in das politische Gespräch eintrat, habe ich auch nicht einen Tag von ausschlaggebender Wichtigkeit verschlafen, und nun viel weniger noch habe ich das während der fünf Monate getan. Darum kann ich dem deutschen Volk nur eines versichern: in diesen fünf Monaten ist Ungeheures geschaffen worden. Im Vergleich zu dem, was während der letzten fünf Monate getan wurde, verblasst alles, was in den sieben vorhergehenden Jahren in Deutschland geleistet wurde. Unsere Rüstung ist jetzt auf systematischen Rhythmus gekommen. Die Planung beginnt Früchte zu tragen. Und die Früchte machen sich auf allen Gebieten in solcher Bedeutung bemerkbar, dass unsere Gegner sie nachzuahmen beginnen. Sie sind aber nur kleine Kopierer.

Natürlich weiss der englische Rundfunk alles besser als irgend jemand. Wenn alles so wäre, wie der englische Rundfunk sagt, dann dürfte die Sonne über England nicht mehr scheinen; denn so viele Luftgeschwader würden den Himmel verdunkeln. Die Welt müsste in ein Waffenlager verwandelt sein. Und Deutschland stehe vor einem völligen Zusammenbruch; U-Boote hätten wir auch nur noch drei. Das ist himmelschreiend nicht nur für uns, sondern auch für die englische Propaganda. Denn wenn die letzten drei U-Boote erst mal versenkt sind, was sollten sie dann künftig versenken? Den Engländern bleibt dann nichts übrig als die U-Boote rechtzeitig zu versenken, die wir in Zukunft noch bauen werden. Dann müssen sie sich auch zu der Theorie des Wiederauflebens der U-Boote bequemen. Wenn nämlich weiterhin englische Schiffe versenkt werden, wo wir doch keine U-Boote mehr haben, dann kann es sich doch nur um ein U-Boot handeln, das die Engländer irgend einmal versenkt hatten!

### Vertrauen in den Sieg

Ich habe auch gelesen, dass ich tiefbetrübt und besorgt sei, weil ich gehofft hatte, dass am Tage zwei U-Boote gebaut würden, und jetzt könnten wir nur zwei in der Woche fertigstellen. Ich kann bloss sagen, dass es nicht gut ist, wenn in Heeresberichten und vor allem in Rundfunkreden von Mitgliedern eines Volkes so etwas gesagt wird, das seit tausend Jahren nicht mehr gekämpft hat. Es scheint jedoch, dass der letzte Kampf der Makkabäer, von welchem wir Kenntnis haben, seinen erzieherischen militärischen Wert verliert. Wenn ich diese feindliche Propaganda betrachte, dann steigt mein Vertrauen in unseren Sieg ins Unermessliche. Denn ich selbst habe diese Propaganda schon einmal kennen gelernt. Diese Propaganda wurde 15 Jahre lang gegen uns betrieben. Meine ganze Partei erinnert sich dieser Propaganda.

Es sind die gleichen Worte, die gleichen Phrasen und man sieht ganz genau, dass es die gleichen Köpfe und der gleiche Dialekt sind. Mit diesen Leuten bin ich als ein Einsamer und Unbekannter fertig geworden, der eine Handvoll Männer hinter sich hatte. 15 Jahre lang habe ich gegen diese Propaganda gesiegt — und heute ist Deutschland die grösste Macht der Welt. Es ist ja nicht wahr, dass das Alter an sich schon weise macht. Mit dem Alter werden manche Leute blind und sehen nichts mehr. Doch die, welche schon früher mit Blindheit geschlagen waren, werden auch jetzt blind sein. Wen die Götter strafen wollen, den schlagen sie mit Blindheit.

Diese Kräfte nun stellen sich heute der deutschen Wehrmacht, der ersten der Welt, entgegen. Diesen Kräften jedoch stellt sich das deutsche Volk gegenüber, das deutsche Volk in seiner Einheit und Disziplin, das zudem auf allen Gebieten in sieben Jahren nationalsozialistischer Arbeit erzogen wurde. Heute können wir sehen, was Opfer sind. Das Erziehungswerk hat mit den Klassen aufgeräumt, es hat mit den Parteien aufgeräumt, es hat die veralteten Lebensanschauungen beseitigt und an Stelle dessen eine Gemeinschaft gesetzt. Diese Gemeinschaft ist heute von einem einzigen tiefen Vertrauen hehelt und von einem fanatischen Willen getragen. Diese Gemeinschaft wird nicht wieder in den Fehler des Jahres 1918 fallen.

Heute zweifelt Herr Daladier an dieser Gemeinschaft, oder er sieht, dass einzelne Teile dieser Gemeinschaft klagen, oder er führt ständig an, dass meine eigene Heimat zu leiden hätte. O, Msr. Daladier, vielleicht werden Sie meine Oesterreicher noch kennen lernen! Sie werden schon noch Gelegenheit haben, diese Divisionen und Regimenter wie

auch die der übrigen Deutschen kennen zu lernen, und dann wäre es Wahnsinn zu glauben, dass man noch unsere deutschen Stämme gegen sich habe. Herr Daladier, Ihnen steht das deutsche Volk gegenüber, das nationalsozialistische deutsche Volk, dieses Volk, für das der Nationalsozialismus gekämpft hat und das nach mühseliger Arbeit seine heutige Erziehung und seine heutige Verfassung bekommen hat. Es ist von allen internationalen Irrungen geheilt und wird auch geheilt bleiben, dafür wird die Partei sorgen. Und Ihre Hoffnungen, das Volk von der Partei, oder die Partei vom Staat, oder Partei und Wehrmacht oder Wehrmacht, Partei und mich voneinander zu trennen, sind kindlich. Das ist ja die Hoffnung, in der meine Gegner seit 15 Jahren leben. Ich habe als Nationalsozialist nichts anderes gekannt als Arbeit, Kampf, Sorge, Anstrengungen.

Ich glaube, dass die Vorsehung uns kein anderes Schicksal bereitet hat, weil wir es nicht besser verdient hatten. Wir dürfen der Vorsehung nicht undankbar sein. Im Gegenteil, wir haben eine Mahnung bekommen. Einmal vor 25 Jahren stand das deutsche Volk in einem ihm aufgenötigten Kampf. Es war nicht gut gerüstet. Frankreich wusste seine nationalen Kräfte ganz anders einzusetzen als das Deutschland von damals. Damals war Russland ein riesenhafter Feind. Die gesamte übrige Welt konnte allmählich gegen jenes Deutschland mobil gemacht werden. Es ging in den Kampf und vollbrachte Wunder und Heldentaten und die Vorsehung erhielt uns das Volk. Das Jahr 1914 hatte das deutsche Vaterland vor der feindlichen Invasion behütet. In den Jahren 1916, 1917 folgte Schlacht auf Schlacht. Manchmal schien es, als ob alles untergehen müsse. Wie durch ein Wunder rettete sich das Reich von neuem.

Deutschland hat immer staunenswerte Proben seiner Stärke abgelegt. Es war auf allen Seiten Gegenstand des Segens der Vorsehung. Das deutsche Volk wurde daher undankbar. Damals begann man, anstatt im Vertrauen auf die eigene Zukunft und damit auf seine eigenen Kräfte durchzuhalten, den Versprechungen der anderen zu glauben. Zuletzt erhob es sich in seinem Undank gegen die Führung des Reiches selbst, und in diesem Augenblick verliess die Vorsehung das deutsche Volk.

Ich habe damals diese Katastrophe nicht für irgend etwas Unabwendbares angesehen. Ich war immer der Ansicht, dass die Vorsehung uns das heimgahnte, was wir letzten Endes nur verdient hatten. Die deutsche Nation war undankbar geworden und musste sehen, wie ihm die letzte Belohnung verweigert wurde. Das wird sich niemals mehr wiederholen in unserer Geschichte. Die nationalsozialistische Bewegung hat es auf sich genommen, dass dies so bleibe. In 15 Jahren des Kampfes hat es auch nicht immer glänzende Tage, grossartige Triumphe gegeben, sondern es gab häufig auch Zeiten der Sorge. Unsere Gegner jubelten dann ob unserer Vernichtung, doch hat sich die Bewegung mit starkem Mut und festem Vertrauen immer wieder aufgerichtet im Drängen unseres Kampfes und zog ihre Kräfte aus den Schwächen, bot dem Feinde immer die Brust. Schliesslich konnten wir den Feind niederzwingen.

### Deutschland wird leben und siegen

Das ist auch heute unsere Mission. Die deutsche Nation mit ihren 80 Millionen wird frei werden. Ihr steht die gleiche Zahl von

Gegnern gegenüber. Diese 80 Millionen Deutschen haben heute eine ausgezeichnete innere Organisation, die beste, die es geben kann. Sie haben einen starken Glauben und nicht die schlechteste Führung, sondern, ich bin mir dessen bewusst, die beste. Führer und Volk sehen heute ein, dass es keine Verständigung mehr gibt, aber eine klare Durchsetzung unserer Rechte und wir wollen auch nicht, dass binnen drei oder fünf Jahren darüber nochmals diskutiert werde. Hier steht das Recht von 80 Millionen zur Diskussion, nicht etwa nur einer Partei oder Bewegung. Denn das, was ich bin, bin ich endgültig: ich bin nichts anderes als das deutsche Volk, dessen Sprecher ich bin, ich bin nichts anderes als der Vertreter seines Rechtes. Es handelt sich hier gar nicht um meine Person, doch gehöre ich nicht zu jenen Leuten, die die Fahnen wechseln. Das habe ich nicht gelernt. Das Volk hat mir sein Vertrauen geschenkt: ich muss mich dieses Vertrauens würdig erweisen. Wir wollen unseren Blick von der Vergangenheit in die Zukunft wenden. Ich weiss bestimmt, dass wir in Zukunft in Ehren bestehen werden und mit mir wird auch das deutsche Volk in Ehren bestehen. Die heutige Generation ist die Trägerin des Schicksals Deutschlands, eines Deutschlands der Zukunft oder des deutschen Niedergangs. Unsere Gegner hoffen, dass Deutschland untergehen werde. Deutschland kann ihnen nur die eine Antwort geben: Deutschland wird leben und darum wird Deutschland siegen.

Zu Beginn des achten Jahres der nationalsozialistischen Revolution wenden wir unsere Herzen dem deutschen Volke zu und zu dessen Zukunft. Wir wollen ihm dazu dienen und kämpfen, niemals aber kapitulieren! Deutschland Sieghel!"

## E' exemplar a Politica Minoritaria Allemã

A repatriação dos allemães que viviam nos paizes bálticos, o convenio teuto-italiano sobre a repatriação dos tiroleses do sul, e, sobretudo, os varios movimentos menores de repatriação já em andamento, por exemplo, entre a Rumania e a Turquia, bem como, em data mais recente, também entre a Yugoslavia e a Italia, tudo isso fez com que se collocasse de novo no proscenio, de modo bem visível — notadamente nos Estados do sudêste europeu, os quaes cotam dentro dos seus limites maior ou menor parcella de grupos ethnicos estranhos — mau grado a guerra e o alarido guerreiro, a discussão de questões politico-nacionais. Limitamo-nos a lembrar aqui, que, por exemplo, o governo rumão regularizou completamente, dentro de suas fronteiras, não faz muitas semanas, sua situação em relação ao grupo ethnico ucraniano e, ha questão de dias, também a situação em relação ao grupo ethnico russo. Em toda a parte patencia-se, nitidamente, o esforço no sentido de afastar eventuaes tensões que possam resultar do problema dos grupos ethnicos. Nessa ventilação geral dos problemas minoritarios é de interesse todo particular para os allemães, poderem constatar, que se observa em toda a parte, que a politica minoritaria allemã é considerada, frequentemente, também no estrangeiro, exemplar em todos os sentidos. E isso tanto a politica minoritaria activa como a passiva, isto é, a tendencia e o tratamento dos grupos ethnicos estranhos que vivem dentro das fronteiras do Reich grão-allemão, bem como a attitude e a tendencia dos cidadãos allemães domiciliados em Estados estranhos.

Assim, varios jornaes yugoslavos publicaram, ha poucos dias, que a nova regularização do assumpto em torno da organização dos slovenos domiciliados na Austria, isto é, na Carinthia, foi realizada da maneira mais satisfatoria por uma disposição das autoridades competentes. Assim, as sociedades culturais slovenas até aqui existentes sob varios nomes e regidas por estatutos diferentes foram reunidas em uma federação cultural slovena uniforme. As sociedades culturais slovenas filiadas a essa federação vêm sendo remodeladas uniformemente, sendo que nisso também os estatutos serão uniformizados. A directriz que orientará as varias sociedades será o fortalecimento e fomento da comunhão slovena, além disso a intensificação da vida collectiva do povo nas aldeias e nos varios ramos profissionais, bem como a ministração de um preparo tecnico-profissional e a obra de assistencia que visa o bemestar pessoal dos componentes do grupo ethnico sloveno. Para a consecução desses objectivos, as sociedades incorporadas na federação cultural slovena poderão realizar conferencias, reuniões, cursos lectivos, inclusive de lingua, discussões de themas, representações theatraes, excursões e circulos de leitura, cultivando em tudo isso o idioma sloveno, bem como habitos e costumes slovcnos, afim de conservarem e intensificarem assim o facies ethnico do grupo nacional sloveno. Deve-se considerar, realmente, exemplar essa regulção fundamental

das necessidades vitaes do grupo ethnico sloveno na Carinthia. E, felizmente, isso vem sendo reconhecido não apenas pelos proprios slovenos domiciliados na Carinthia, mas também pelos seus patrios alem-fronteira, isto é, na Yugoslavia. Póde-se estar certo de que, mercê dessa disposição positiva, o entendimento reciproco entre o povo allemão e o povo yugoslavo se desenvolverá favoravelmente também dentro do programma mais amplo. Uma discussão havida sobre este problema, ha poucos dias, em plena publicidade, na Rumania, mostrou claramente, que, conforme ficou dito no inicio, não apenas a politica minoritaria allemã activa, isto é, a attitude em relação aos cidadãos estrangeiros, é positiva e exemplar mas que também os cidadãos allemães no estrangeiro dão provas de um comportamento exemplar através dos seus actos rectos e francos. Essa discussão foi suscitada pelo professor Jorga, cientista e politico rumão, conhecido pelo seu germanophobismo, que através das columnas do seu jornal manifestou duvidas sobre a honestidade e lealdade dos grupos ethnicos estranhos que vivem na Rumania e que julgou poder criticar a attitude de certos circulos minoritarios em face dos acontecimentos politicos internacionais. Em replica a essa critica, a folha „Siebenbürgisch-Deutsches Tageblatt", que se publica em Hermannstadt, na Transylvania, trouxe um artigo da maior significação no seu fundo, sob o titulo „Franco e honesto". Nesse artigo do órgão official do grupo ethnico allemão na Rumania expõe-se claramente, com a franqueza e a honestidade peculiares aos allemães, a posição que por principio assumem os cidadãos teutos domiciliados no estrangeiro em relação aos dous grandes e decisivos factores que são o Estado e o Povo:

„E' sem duvida necessario" — diz o artigo sahido no referido jornal — „que todo cidadão respeite a neutralidade do nosso paiz. Consoante, também nós cidadãos de origem teuta sempre respeitámos os mandamentos do governo pertinentes a essa neutralidade. Temos accentuado, finalmente, sem cessar, também nossa fidelidade incondfundível para com o rei e a Patria. Todavia, toda a sinceridade e honestidade deste nosso empenho em defender os interesses do nosso Estado e a politica do seu governo só se manifestam a verdadeira luz, se não occultarmos, também quanto ao mais, os nossos sentimentos e convicções. Ora, é mesmo necessario, já em homenagem á honestidade e á pureza das convicções, não procurar negar sentimentos que se subentendem e que todo aquelle que quizer ser justo não nos poderá levar a mal. De conformidade com isso, sempre affirmámos, clara e intelligivelmente, que nos dias historicos do presente cumprimos o nosso dever e patenteamos nossa fidelidade em prol do nosso paiz que é a Rumania, mas que, no que diz respeito aos successos que se desenrolam no resto do mundo, os nossos corações allemães palpitam pelo povo germanico. Não importa, entretanto, em absoluto nenhuma contradicção á politica de Neutralidade da Rumania, se o grupo ethnico allemão, que aqui vive, dá a conhecer, que, de accordo com a sua indole, elle pensa e sente, como aliás se subentende, allemãmente. Se negassemos nossas sympathias pela essencia e pela nacionalidade allemãs, não se nos daria credito ou então se nos

desprezaria. Ora, o dever de fidelidade de cidadão para com o Estado não póde, em tempo algum, encerrar a negação da confissão nacional. Entretanto, ao virmos, como allemães, o grande povo germanico lutar pelo seu futuro, a sorte de toda a allemãidade significa para nós, simultaneamente, também a sorte de nossa cultura geral allemã e, conseqüentemente, de nós proprios. Portanto, não nos segue sua sympathia todo aquelle

## Rumanien im internationalen Blickpunkt

Die rumänische Regierung hat zur Wahrung ihrer nationalen Interessen im eigenen Hoheitsbereich ein Staatskommissariat für Petroleum geschaffen. Diese Einrichtung wurde notwendig, weil die ausländischen Petroleumgesellschaften in Rumänien sich in immer stärkerer Masse auf das Gebiet der politischen Agitation begaben. Dieser Schritt Bukarests hat bei den Westmächten eine masslose Enttäuschung und Verärgerung hervorgerufen. Der Druck auf Rumänien seitens der Briten und Franzosen hat sich in den letzten Tagen fast zu einer explosiven Spannung verstärkt. Während man in Bukarest betont, dass die Zeiten für immer vorbei seien, in denen der britische Gesandte nur mit der Faust auf den Tisch zu schlagen brauchte, um die Geister willfährig zu machen, sind allenthalben wieder die Meldungen von einem bevorstehenden Einmarsch deutscher Truppen in Rumänien ausgetaucht. Die beste Kennzeichnung der ge-

que inantem alto os seus sentimentos nacionalistas."

Nessas palavras são viris quanto honestas e claras acha-se consubstanciado, de facto, tudo aquillo que póde ser dito sobre a attitude fundamental de um grupo ethnico que vive em um Estado estranho. Essas palavras mostram, entretanto, também a attitude recta e irreprehensível dos cidadãos allemães que vivem no estrangeiro e que jamais pensarão em negar ao Estado em que vivem aquillo que lhe compete, mas que também se sentirão sempre e indissolvemente ligados á mãe-patria á qual os prendem laços de sangue.

spannten Lage wurde von der ungarischen Zeitung „Uj Nemzedek" gegeben, welche feststellt, dass der rumänische Kurswechsel gegenüber den Westmächten alle Vermutungen über die nächste Balkankonferenz über den Haufen werfen. Sowohl in Berlin wie in Budapest erkennt man offen an, dass als Folge einer engen wirtschaftlichen Zusammenarbeit die rumänische Aussenpolitik parallel mit der deutschen Aussenpolitik laufen wird. Unter keinen Umständen werde Rumänien dem Druck der Westmächte nachgeben. In Ungarn diskutiert man hercits darüber, ob die britische und französische Regierung nunmehr ihr an Rumänien gegebenes Garantieversprechen zurücknehmen werden. Rumänen betrachte jedenfalls beim gegenwärtigen Stand der europäischen Dinge diese Garantie als recht unsicher und sei bestrebt, sie gegen ein enges Verhältnis zu Deutschland einzutauschen.

## Rumaniens Außenhandel und der großdeutsche Wirtschaftsraum

Der rumänische Aussenhandel, besonders die Ausfuhr, hatte von dem Rekordjahr 1937 auf 1938 wertmässig einen gewissen Rückgang erlitten, der sich aus folgenden Zahlen ergibt:

	1937	1938
	in Mill. Lei	
Einfuhr	20 284	18 767
Ausfuhr	31 568	21 532

Der weitaus grösste Teil des rumänischen Aussenhandels, und zwar etwa 65—70 vH. der Ein- bzw. Ausfuhr, entfällt auf Grossdeutschland, den Südost- und Mittelmeerraum. Auf die beiden westeuropäischen Mächte entfallen zusammen nur je 16 vH.

Nach den bisherigen vorliegenden Angaben für das 1. Halbjahr 1939 ist während dieses Zeitraumes die rumänische Ein- und Ausfuhr wieder angestiegen. Die Einfuhr übertraf den Wert aus der Vergleichszeit der beiden Vorjahre. Die Ausfuhr nahm eine Entwicklung ähnlich derjenigen des Rekordjahres 1937 an.

	1. Halbj. 1937	1. Halbj. 1938	1. Halbj. 1939	Saldo
Einfuhr	8 934	14 577	12 297	+ 5 642 Mill. Lei
Ausfuhr	9 952	9 703	12 485	- 249 Mill. Lei
				+ 188 Mill. Lei

Die aussergewöhnlich starke Steigerung der Einfuhr ist eine Folge der hohen Bezüge aus dem Grossdeutschen Reich, dem Protektorat Böhmen und Mähren und aus Italien. Alleiu das Grossdeutsche Reich und das Protektorat Böhmen und Mähren haben ihre Lie-

ferungen um über 2 Milliarden Lei erhöht. Der grossdeutsche Wirtschaftsraum war im 1. Halbjahr 1939 mit 60 vH. an der Einfuhr und mit über 37 vH. an der Ausfuhr beteiligt.



Bei der rumänischen Einfuhr entfallen verkehrsmässig etwa 45—50 vH. auf die Eisenbahn, bei der Ausfuhr dagegen nur 15—20 vH. Der Seeweg wurde in den letzten Jahren für etwa 30—40 vH. der Einfuhr und für etwa 60—70 vH. der Ausfuhr benutzt. Weitere 15—20 vH. entfallen auf den Donau-Verkehr. Die Verschärfung des Seckrieges hat in den letzten Monaten natürlich auch auf die seewärtige Ausfuhr Rumaniens hemmend eingewirkt. Vor allem gilt dies für Getreide und Erdölzerzeugnisse.

Nach Ausbruch des Krieges hat Rumänien seine gesamte Ein- und Ausfuhr der Kontrolle durch ein Aussenhandelsamt unterstellt. Ein- und Ausfuhrerleichterungen werden nach bestimmten Normen erteilt. Gleichzeitig wurde in Rumänien auch eine Devisenbewirtschaftung eingeführt. Da die Lei-Preise in Rumänien seit August 1939 ruckartig anstiegen, der Verrechnungskurs für deutsche Reichsmark aber unverändert blieb, musste Deutschland vorübergehend zu wesentlich höheren Preisen einkaufen als vorher. Dies war der Grund dafür, dass durch geeignete Massnahmen der Reichsmarkkurs in Bukarest wieder auf einen angemessenen Stand gebracht wurde.

N. Küttler.

## Aços Roechling

Der gute deutsche Stahl!

Qualitätswerkzeuge!

Eigene Härtestube  
mit modernsten Einrichtungen zur Verfügung unserer  
Kundschaft!

### Aços Roechling Buderus do Brasil Ltda.

São Paulo  
Rua Augusto de Queiroz 71-103

Rio de Janeiro  
Rua General Camara 136

Porto Alegre  
Avenida Julho de Castilho 265

Vertretungen in Brasilien:  
Curityba - Belem do Pará - Belo Horizonte  
Bahia

in anderen südamerikanischen Ländern:  
Buenos Aires      Montevideo  
Santiago de Chile

Physikalische Apparate, Vermessungsinstrumente  
und Zubehör, feinmechanische Werkstätten

## OTTO BENDER

Rua Sta. Ephigenia 80 - Telefon 4-4705  
Zeichenmaterial A. Nestler, Lehr und Gebr. Haff,  
Pflanten. - An- und Verkauf von gebrauchten  
Vermessungsinstrumenten.

Vor

## Annahme falschen Geldes

schützt der bargeldlose Zahlungsverkehr  
Eröffnen Sie ein Konto beim

# Banco Alemão Transatlântico

RUA 15 NOVEMBRO 268  
und zahlen Sie Ihre Rechnungen  
per Scheck!

Zu jeder gewünschten Zeit erhalten Sie  
von uns einen Auszug ihrer Rechnung, um  
Ihnen die Kontrolle über Ihre Zahlungen  
zu erleichtern.

## Erwin Schmied

Dentist

Umgezogen nach

Largo Santa Ephigenia 1  
3. Stock, App. 32  
(Eingang von der Brücke)

Sprechstunden  
von 8.30—18.30 Uhr, Sonn-  
abends: bis 12 Uhr mittags

## Dr. Erich Müller-Carioba

Frauenheilkunde und Geburtshilfe  
Röntgenstrahlen — Diathermie  
Ultraviolettrahlen

Kons.: R. Aurora 1018 von 2-4,30  
Uhr. Tel. 4-6898. Wohnung: Rua  
Groenlandia Nr. 72. Tel. 8-1481

## Dr. G.H. Nick

Facharzt  
für innere Krankheiten.

Sprechstunden täglich v. 14-17 Uhr  
Rua Libero Badaró 23, Tel. 2-3371  
Privatwohnung: Telefon 8-2263

## Deutsche Apotheke Ludwig Schwedes

Rua Libero Badaró 45-A  
São Paulo / Tel. 2-4468

## KRANK?

Dann lassen Sie sich  
**homöopathisch**

behandeln. — In dem  
**Dispensario Homöopathico São Paulo**  
Praça João Mendes 130

stehen Ihnen von 9—18,30 Uhr die besten homöopa-  
thischen Aerzte São Paulos  
**unentgeltlich**

zur Verfügung. Denken Sie daran, dass jede leichte  
Erkrankung in eine schwere Krankheit ausarten kann.  
Die Homöopathie heilt auch in schwersten Fällen auf  
eine milde Weise und mit recht geringen Spesen.  
*(Neben der homöopathischen Apotheke  
Dr. Willmar Schwabe Ltda.)*

## Dr. Max Rudolph

Allgemeine Chirurgie, Frauenheilkunde u. Geburtshilfe  
Röntgen-Bestrahlungen

Consult.: Praça Ramos de Azevedo 16, II., Tel. 4-2576  
Wohnung: Rua Hollanda 5, Tel. 8-1337,  
Sprechstunden von 3—5, Sonnabends von 11—1 Uhr

## Dr. Mario de Fiori

Spezialarzt für allgem.-Chirurgie — Röntgenapparat  
Sprechst.: 2—5 Uhr nachm., Sonnabends: 10—12 Uhr  
Rua Barão de Itapetininga 130 - II. andar - Tel. 4-0038

# Es war eine rauschende Ballnacht

Roman von Géza von Cziffra

(6. Fortsetzung.)

Während er sprach, war der Diener wieder hereingekommen und trat zum Tisch, um die Teller zu wechseln. Er schrak zusammen, als Murakin sich plötzlich zu ihm wandte: „Kennst du den „Idiot“, Pjotr?“

Aengstlich erwiderte er: „Nein gnädiger Herr.“

Laut und geradezu gut gelaunt sagt Murakin: „Du musst ihn lesen! Jener Fürst Myschkin, der Idiot, liebt diese Nastassja nämlich gar nicht, sondern eine ganz andere, eine gewisse Aglaja ... Und diese Aglaja liebt auch ihn —“ Er machte eine Pause und sah Katharina an. Ihre Lider zuckten, aber sie beherrschte sich. Direkt zu dem Diener sprach er weiter: „... Aber der Idiot geht aus reinem Mitleid mit der anderen, mit der Nastassja zum Altar ... Aber was hat er davon? Sie merkt die Lüge und läuft ihm schon vor der Kirche weg ...“ Er lachte laut auf. Dann fragte er Katharina betont: „Kennst du den „Idiot“, Katja?“

Katharina war am Ende ihrer Kräfte. „Ja, ich kenne ihn ...“ flüsterte sie rau. Sie krampfte die Serviette in ihrer Hand zusammen, legte sie dann auf den Tisch und stand mühsam auf. „Du entschuldigst mich ... Ich kann vor Kopfschmerzen nicht ...“ Mitten im Satz brach sie ab und ging hinaus.

Kaum hatte sie Murakin den Rücken gedreht, da fiel die Maske von seinem Gesicht. Mit wut- und schmerzzerzerrten Zügen blickte er ihr nach, dann stand er langsam auf und beugte sich über den Tisch, als suche er etwas. Mühsam nach Atem ringend, hob er wieder den Kopf und starrte mit blinden Augen auf den Diener. Heiser, hab fragend, keuchte er: „Pjotr —?“

Zitternd vor Angst trat Pjotr, der ihn mit aufgerissenen Augen wie erstarrt beobachtet hatte, zu ihm.

Murakin packte ihn plötzlich an der Gurgel, so dass er in die Knie sackte, und brüllte: „Wenn du ein Wort sagst, lasse ich dich totprügeln!“

Halb erstickt jammerte Pjotr: „Was für ein Wort soll ich denn sagen ... gnädiger Herr?“

Murakin liess ihn los, ergriff eine Karaffe mit Wein und schleuderte sie an die Tür, hinter der Katharina verschwunden war.

Fast wahnsinnig vor Angst richtete Pjotr sich auf. Schwer stützte Murakin sich auf seine Schulter — ein müder, alter Mann. Alle Wut, alles Dämonische waren aus seinem Gesicht verschwunden. Er flüsterte: „Ich verblute Pjotr ...“

Der Diener, der sich langsam beruhigte, sah ihn ängstlich an: „Haben Sie sich verletzt, gnädiger Herr?“

Murakin antwortete nicht. Er liess Pjotrs Schulter los und ging hinaus. Die Scherben der Kristallkaraffe knirschten unter seinen Schritten.

VII.

Tschaikowskys Freunde und Bekannte zerbrachen sich den Kopf, was ihn zu dem plötzlichen Entschluss, Nastassja zu heiraten, getrieben haben könnte. Niemand ausser Hunsinger konnte sich diesen Schritt erklären. Der Professor war aufs tiefste erschüttert und bestürzt gewesen, als Peter am Abend jenes verhängnisvollen Tages bei ihm erschienen war und ihm berichtete, was sich zgetragen hatte und welche Folgen daraus entstanden waren. Immer wieder hatte er zweifelt überlegt, wie man diese sinnlose Heirat verhindern könnte, ohne Katharina zu

schaden. Es musste doch einen anderen Weg geben, um sie vor dem Gerde zu schützen und den Verdacht Murakins zu zerstreuen! Aber auch er fand keinen Ausweg. Und das Schlimmste: innerlich war er überzeugt von der Nutzlosigkeit des Opfers, das Tschaikowsky bringen wollte. Denn er zweifelte seit jener fürchterlichen Szene nach dem Ball nicht daran, dass Murakin von Katharinas Liebe zu Peter wusste — auch wenn er nur ahnte, dass sie bei ihm gewesen war. Ein Spiel des Satans ist das Ganze! dachte er. Und Murakin würde sich auch durch Peters Heirat mit Nastassja nicht täuschen lassen ...

„Er nicht“, stimmte Peter mutlos zu. „Aber du vergisst, dass Kruglikow bei ihm war ... Nein, nein — es muss sein, glaube mir ... um Katjas willen. Auch wenn sie —“ Er hatte sagen wollen, auch wenn sie mich nicht mehr liebt ... Hunsinger lächelte bitter. Wie blind war Peter! Doch er konnte und durfte nicht mit ihm darüber sprechen. Und an allem war Kruglikow schuld.

Der sonst so sanfte Hunsinger kannte sich selbst nicht mehr, wenn er an diesen Menschen dachte. Er hätte ihn mit eigener Hand erwürgen können, den feigen, elenden Schwätzer! Aber das alles half ja nichts. Man

und liess es an der Schnur hin und her baumeln. „Was für Gründe?“ fragte er sanft.

Wütend wandte Glykow sich zu ihm um: „Gründe?!“ Er hat keine! Ich habe ihn ja gefragt, warum in aller Welt er diese Tänzerin heiraten muss. Wissen Sie, was er antwortet hat?“ Er starrte ihn erobst mit hervorquellenden Augen an.

„Nein“, lächelte Lakritzki, „aber ich wusste es gern.“

Glykow ahnte ironisch Tschaikowskys Tonfall nach: „Es bleibt mir nichts anderes übrig ...“ Das hat er gesagt! Verstehen Sie das? Ist das ein Grund? Es bleibt ihm nichts anderes übrig —! Ein normaler Mensch heiratet aus Liebe oder wegen Geld —“ Er unterbrach sich plötzlich und fuhr dann fort: „Apropos Geld ... Wenn er diese Nastassja heiratet, werde ich ihm seine Rente streichen.“

Mit einem leisen Vorwurf mahnte Hunsinger: „Das wollen Sie tun?“

Glykow wandte ihm einen kurzen Seitenblick zu und sagte dann grossmütig: „Also gut — ich werde sie weiterzahlen ... Aber ich werde zerplatzen darüber —“

„Sie zerplatzen mit Recht“, gab Lakritzki zu. Mit einer erhabenen Geste fügte er hinzu: „Ein Protegé Seiner Kaiserlichen Hoheit des

## Confeitaria

Aeltestes und  
vornehmstes Haus



## Biennense

Nachm. und abends  
gutes Konzert

Tel. 4-9230 - RUA BARÃO DE ITAPETINGA 239 - S. Paulo

durfte diesem Kruglikow nicht einmal etwas tun, denn dann erst würde Murakins Verdacht sofort zur Gewissheit werden.

Glykow hatte geradezu einen Wutanfall bekommen, als er von Peters Heiratsabsicht erfuhr. Er versuchte auf jede Weise, die Sache zu hintertreiben, und steckte sich schliesslich, da er bei Peter nichts erreichen konnte, hinter Hunsinger. Wenn man ihm wenigstens erklären würde, was das Ganze überhaupt zu bedeuten hätte! Denn dass irgend etwas hinter dieser überstürzten Heirat steckte, stand absolut fest für ihn.

Als Hunsinger eines Tages zu ihm ins Büro kam, fing er sofort wieder an, seiner äussersten Missbilligung Ausdruck zu geben. Aufgebracht rief er aus, Tschaikowsky sei ein Idiot, einfach ein Idiot!

„Bisher sagten Sie immer, er sei ein Genie“, liess sich ein dritter Herr vernehmen, der lässig an die Tür gelehnt dastand. Er war der Konzertagent Lakritzki, ein dicker Schönling mit seidigem Schnurrbart und Fliege, ein schwarzumrandetes Monokel im Auge. Sein Tonfall war mild und ölig, und um seine Lippen schwebte ewig ein Lächeln.

Glykow fuhr auf: „Ja — aber ein idiotisches Genie!“ Aufgeregt wandte er sich zu Hunsinger: „Kann man denn mit ihm nicht reden? Sie haben doch sonst Einfluss auf ihn!“

„Peter Iljitsch hat anscheinend seine Gründe, auf dieser Heirat zu bestehen“, entgegnete Hunsinger zurückhaltend, bemüht, sich seine Verlegenheit nicht anmerken zu lassen. Lakritzki nahm sein Monokel aus dem Auge

Grossfürsten Konstantin, der sich das ganze Konzert angehört hat —“

— heiratet eine Tänzerin aus der Kleinbürgerschicht, deren Beine jeder Kaufmannssohn kennt!“ fuhr Glykow verächtlich fort.

„Aber es sind sehr schöne Beine“, erinerte ihn Lakritzki mit geniesserschem Lächeln. Glykow erwiderte aufgeregt: „Dennoch heiratet ein Mann nicht nur die Beine einer Frau, sondern die ganze Zubehör!“ Er rannete im Zimmer auf und ab. Plötzlich blieb er stehen, starrte von Lakritzki zu Hunsinger und rief erschüttert: „Der Vater verkauft Gurken!“

Lakritzki zuckte die Achseln. „Seine Karriere ist damit natürlich zu Ende.“

„Und mein schönes Geld!“ fuhr Glykow hitzig auf, senkte aber sogleich schuldbewusst und verlegen die Augen vor Hunsingers erstem Blick.

Der Professor erhob sich langsam. „Meine Herren, das Rasonieren hilft nichts ... Ich kann da leider nichts tun. Das Schicksal muss seinen Lauf nehmen.“ Nach einer kurzen Pause fügte er in anderem Ton hinzu: „Eigentlich bin ich hergekommen, um die beiden Herren im Namen von Peter Iljitsch zu seiner Hochzeit einzuladen.“

Drohend sagte Glykow: „Wir werden kommen!“

Mit vielsagendem unverschämten Lächeln meinte Lakritzki zu Hunsinger: „Wahrscheinlich eine Feier im engen Familienkreis, nicht wahr, Maxim Karlowitsch?“

Gequält blickte Hunsinger ihn an, murmelte etwas Unverständliches und verliess

gleichsam flüchtend das Büro. Wenn nur diese fürchterliche Hochzeitsfeier erst vorüber wäre! Nastassja hatte darauf bestanden. Sie war trotz ihres Berufes immer ein kleinbürgerliches Mädchen geblieben und konnte sich eine Trauung ohne anschließende Feier einfach nicht denken. Sie war ja so stolz auf Peter — und alle sollten ihr Glück sehen!

So waren sie denn in ihrem besten Staat erschienen, die Verwandten, und sassen, ihrem Range nach verteilt, an der Hochzeitstafel ... ungeniert lärmend, höchst selbstzufrieden und bald nach dem Essen heinaha alle mehr oder weniger besoffen. Für sie war ja eine Hochzeit nichts als ein willkommenener Anlass zum Trinken und Schlechte-Witze-Machen.

Ein wenig schämte sich Nastassja zwar für das schlechte Betragen der Verwandten, gleichwohl aber sass sie in ihrem echt russischen Hochzeitsgewand strahlend und glücklich neben dem bleichen, ersten Tschaikowsky.

Für ihn war dieser Abend die fürchterlichste Folter, die man sich hätte ausdenken können, um ihn zu quälen. Immer wieder blickte Hunsinger besorgt zu ihm hinüber. Wie finster sein Gesicht war, wie gepeinigt! Hunsinger wischte sich den Schweiss von der Stirn. Wenn nur erst alles glücklich vorüber wäre! Oh eigentlich Nastassja gar nichts merkte? Aber wahrscheinlich schrieb sie es Peters Menschenscheu und seinem Unwillen über die schlechten Manieren dieser Leute zu ...

Jetzt fingen sie gar noch zu singen an! Zwar betrunken und etwas unrein, aber mehrstimmig und, wie man zugeben musste, nicht unmusikalisch, da das russische Volk ja besonders sangesbegabt ist. Sie hielten sich rund um die Tafel an den Händen und zogen sich hin und her. Ein abscheuliches, unständiges Lied sangen sie, das von Wodka handelte und der Wolga, die bis nach Taganrog fliessen. Von diesem schönen Ort hiess es zum Schluss: „Da reiten die Mädchen auf einem Bock ...“

Am anderen Ende der Tafel sang Stepan, der natürlich auch dabei sein musste und bereits betrunken war, plötzlich ohne jeden Anlass den Refrain des Liedes. Und ebenso plötzlich verstummte er wieder.

Auch Glykow war schon stark angeheitert. Er wandte sich zu dem neben ihm sitzenden Hunsinger, der sein Glas kaum berührte, und lallte: „Gesteh mir, Bruder Hunsinger — wer zahlt ihm das Geld?“

„Ich darf es nicht sagen“, erwiderte Hunsinger abweisend.

Aber Glykow liess nicht locker. „Ein Weib, Bruder? Wenn es ein Weib ist, zahlt es von heute ab nichts weiter ...“ Er schluchzte. „Und ich bin ruiniert!“

Hunsinger wandte sich mit einem verächtlichen Blick ab.

Zu seinem Entsetzen klopfte der Brautvater jetzt an sein Glas, um die obligate Rede zu halten.

Tschaikowsky wandte sich zu Nastassja und stöhnte: „Er soll nicht reden ... Ich halte es nicht mehr aus!“

Aber auch sie vermochte nicht, den Vater an seinem Vorhaben zu hindern. Nach einigen vergeblichen, von Rülpsern und zotigen Anspielungen Ferdyschtschenkos, eines Verwandten zweiten Grades, unterbrochenen Ansätzen gelang ihm wenigstens der für seinen Schwiegersohn bestimmte Teil der Rede. „Mach mir meine Nastassja glücklich, indem du sie viel

## „Sublime“

die beste Tafelbutter

Theodor Bergander

Al. Barão Limeira 117, Telefon 4-0620

### Dienst am Kunden!

Jedem Wunsch nach Möglichkeit gerecht zu werden, ist Grundidee unserer Organisation und unseres geschulten Personals.

## Banco Germanico

da America do Sul  
São Paulo

R. Alvares Penteado 121 (Ecke Rua Quitanda)  
Rio de Janeiro, Rua da Alfandega 5  
Santos, Rua 15 de Novembro 114

## CASA TURF

Rua Direita 119

Das deutsche Haus für feine Herren-Artikel

JENKE & SCHAEFFTER

## Dres. Lehfeld und Coelho Dr. Walter Hoop

Rechtsanwalt

São Paulo, Rua Libero Badaró Nr. 443,  
Telef.: 2-0804 - 2. Stock, Zim. 11-16 - Postfach 444

## Adolpho E. Müller & Cia.

Flor. de Abreu 172 Caixa postal 712  
Telefon 4-2617

Generatoren für Gleich- und Wechselstrom — Elektromotoren für alle Zwecke — Ventilatoren — Werkzeugmaschinen — Hebezeuge — biegsame Wellen usw. — Zubehör für elektrische Kühlmaschinen.

## Farben-Lacke-Pinsel

und alle übrigen Bedarfsartikel für Hausanstrich und Dekoration

Emilio Müller, R. José Bonifácio 114

## Deutsches Farbenhaus Henrique Zuehlke & Cia.

S. Paulo, R. Christovam Colombo 1, Tel. 2-0671

Alleiniger Vertrieb der bekannten  
**TEMPEROL-FABRIKATE**  
(Lacke - Oelfarben - Lackfarben)

Reichhalt. Sortim. in: Pinseln, Buntfarben, Oelen, Schablonen und sonstigen Malerbedarfsartikeln.



Deutsche  
**Edelstein-Schleiferei**  
H. Kröniger

Größte Auswahl in  
gefähten und ungefähten  
Edel- und  
Halbedelsteinen

Rua Xavier de Toledo 54 (em frente da Light)  
Telephon: 4-1083 und privat 4-2240

## Livraria Delinee

Aelteste deutsche Buchhandlung

Rua São Bento 541 - Caixa Postal 2-V São Paulo

Reichhaltigstes Sortiment. Bestellungen werden rasch und gewissenhaft ausgeführt.

## Deutsche Färberei und chemische Waschanstalt „Saxonia“

Annahmestellen: Rua Sen. Feijó 50. Tel. 2-2396  
und Fabrik: Rua Barão de Jaguará 980. Tel. 7-4264

## „Zum Hirschen“ Hotel und Restaurant

Rua Victoria 186 — Tel. 4-4561  
São Paulo Inh.: Emil Russig

## Deutsche Apotheke in Jardim America

Anfertigung ärztlicher Rezepte, pharmazeutische Spezialitäten — Schnelle Lieferung ins Haus.

RUA AUGUSTA 2843  
Tel. 8-2182

Uhren • Reparaturen  
Deutsche Uhrmacherei

## OTTO

Rua São Bento Nr. 484  
4. Stock, Saal 25

## Hugo Lichtenthaler

Rua Aurora Nr. 135

Ältestes deutsches Möbelhaus

Grosse Auswahl in kompl.

Zimmern u. Einzelmöbeln.

Auch TAUSCH und KAUF

von gebrauchten Möbelstücken

## Oficinas Olympia

führt jede Reparatur, Überholung und Reinigung an  
**allen Schreib- u. Rechenmaschinen**

sachgemäss aus.

Modern eingerichtete Werkstatt und wirkliche Fachleute bürgen für  
erstklassige Arbeit

**Schnell / Gewissenhaft / Preiswert**

Kostenanschläge unverbindlich



**Olympia Machinas de Escrever Ltda.**

São Paulo

Rio de Janeiro

Praça da Sé 43 / Tel. 2-1895

Rua Benedictinos 21 / Tel. 43-6311

## VIGOR-MILCH

Die beste Milch in São Paulo

S. A.

**Fabrica de Productos Alimenticios „VIGOR“**

Rua Joaquim Carlos 178

Tel.: 9-2161, 9-2162, 9-2163

## Damen-Schönheits-Institut „ELSE“

Dauerwellen (elektrisch u. nicht elektrisch), Ondulation u. Wasserwellen, Maniküre, Färben u. Massage

Rua Domingos de Moraes Nr. 84-c  
Telephon 7-5480

Deutsche Schuhmacherei  
Rua Sta. Ephigenie 225  
Ausführung aller ins Fach schlagenden Arbeiten

**Hermann Radelsberger**  
(früher Heinrich Lutz)

## João Knapp Klempner, Installation.

Regist. Rep. de Aguas und Esq. — Rua Mons. Paffa-laqua 6. Telefon 7-2211.

## Josef Hüls

Erfkassige Schneiderei. — Mäßige Preise. — Rua Dom José de Barros 266, fobr., São Paulo, Telefon 4-4725

## Jorge Dammann

Deutsche Damen- u. Herrenschneiderei. Große Auswahl in nat. u. ausländ. Stoffen. R. Upiranga 193, Tel. 4-2320



## AO PINGUIM

RESTAURANTE: AV. SÃO JOÃO 128  
E TAVERNA: RUA ANHANGABAHÚ, 2



H. Hillebrecht

São Paulo

Telefon:

Bar 4-5507

Gruta 4-2626

Ausgezeichnete Küche Jeden Sonnabend: Feijoada completa  
Allabendlich Künstlerkonzert, 7-1 Uhr; Sonn- u. Feiertags: Frühkonzert

prügelest. Aber — hupp — vergiss darüber die Kinder nicht! Kinder und Prügel — hupp — machen ein Weib glücklich.

Er sah sich stolz im Kreis der Hochzeitsgäste um, die wie besessen Beifall klatschten.

Lakritzki hatte das Monokel eingeklemmt und betrachtete ironisch dieses Bild. „Trinken können auch die Hühner, aber Reden ist eine Gottesgabe“, sagte er zu Akulina.

Sie blickte ihn etwas unsicher an und erwiderte dumm: „Der Alte hat viel Geld gespart!“

Währenddessen versuchte Vater Jarow seinen Schwiegersohn zu umarmen. Sehr nervös drückte Tschaiowsky ihn auf seinen Stuhl zurück: „Ist schon gut. Setz dich ... und trink nur.“

Plötzlich fiel jemand ein, dass der Bräutigam ja Musiker sei. Alle waren begeistert, und man bestürmte Tschaiowsky, etwas zum Besten zu geben.

Peters Nerven waren bis zum Zerreißen gespannt, aber noch immer bemühte er sich, Haltung zu bewahren. Einmal musste ja auch dies ein Ende nehmen! Aber ihnen „Musik zu machen“ — dazu konnten sie ihn nicht bewegen.

Die meisten von ihnen waren jetzt vom Tisch aufgestanden. Wie ausgegossenes Bier hatte sich die Hochzeitsgesellschaft überallhin verbreitet.

Vater Jarow und Akulinas Mann, der Schlichtermeister Popowitsch, versuchten Tschaiowsky zum Flügel zu zerrren.

Etwas gekränkt von Peters unerwarteten Widerstand, redete der Schlichtermeister ihm zu: „Dann spiel wenigstens „Boje Zarja chirany ...“ Da können wir alle mitsingen.“

„Du bist doch ein Klavierspieler“, murrte Vater Jarow.

Und auch Ferdyschtschenko bat verträulich: „Mach doch wirklich ein bisschen Musik, Petja!“

„Ich kann nicht — ich bin müde!“ rief Tschaiowsky verzweifelt aus und befreite sich mit einem beinahe wilden Ruck von Popowitschs Arm. Hunsinger, der jetzt ernstlich einen Ausbruch Peters befürchtete, kam schnell zu ihm. Er besänftigte die auf Musik besessenen Verwandten und führte Peter in eine ruhigere Ecke.

Ferdyschtschenko sagte augenzwinkernd: „Er wartet doch nur, dass wir draussen sind ...“

„Warum?“ fragte Nastassja, die ahnungslos zu ihnen trat.

Er flüsterte ihr etwas ins Ohr. Sie sah ihn ärgerlich an und liess ihn mit den Worten „Du bist ein Schwein!“ einfach stehen.

Empört blickte er ihr nach und wandte sich dann zu Popowitsch: „Nun, bin ich eben ein Schwein. Wo käme unser heiliges Russland hin, wenn es keine Schweine hätte ...!“

Mit widerlichem Gelächter klopfte ihm der Schlichtermeister anerkennend auf den Rücken. Tschaiowsky, der mit Hunsinger am Fenster stand, zuckte zusammen unter diesem Lachen ... „Ich ertrage es nicht mehr ...!“ flüsterte er. „Um Christi willen, Hunsinger ... hilf mir! Sonst geschieht noch ein Unglück ... ich fühle es!“

Tröstend legte Hunsinger ihm die Hand auf die Schulter. Aber was sollte er ihm sagen? Er war ja selber völlig ratlos ... „Denk an Katja!“ sagte er leise. „Auch sie leidet. Ich weiss es —“

Tschaiowsky fuhr herum zu ihm: „Sie sind — sie sind noch in Moskau? Ich dachte —“ Er brach ab und setzte mit einer resignierten Geste hinzu: „Aber es ist ja gleichgültig ...“

Hunsinger erschrocken, dass er sich versprochen hatte, sagte hastig: „Ja, sie ist noch hier, aber morgen früh reisen sie ab —“

Er hatte Peter gesagt, dass Katharina den Tag seiner Hochzeit nicht wisse, dass sie dann

schon wieder in Petersburg sein werde, obgleich er wusste, dass sie erst am nächsten Tage abreisen würde. Tschaiowsky hatte aufgetaunt bei dieser Mitteilung. Irgendwie glaubte er, dass alles leichter sein würde, wenn sie weit fort war von hier ...

Im Schloss Murakin fand am gleichen Abend eine Abschiedsgesellschaft statt. Ein grösserer Gegensatz zwischen ihr und Tschaiowskys Hochzeitsfest liess sich kaum denken. An der mit Blumen und Kerzen geschmückten eleganten Tafel sassen etwa zwanzig Personen: Offiziere, Diplomaten und einige Finanzmänner mit ihren Damen. Livrierte Diener gingen lautlos umher und bedienten die Gäste. Die Unterhaltung war gedämpft, das Lachen diskret. Hier gab es kein wieherndes Gelächter, und ein eindeutiger Witz war ebenso ausgeschlossen, wie dass sich eine der Damen plötzlich nackt ausgezogen hätte.

Jetzt öffneten zwei Lakaien vom Musiksaal aus die grosse Tür zum Speisesaal.

Katharina hob die Tafel auf. Nach russischer Sitte gingen die Gäste zu ihr und bedankten sich, wobei die Herren ihr die Hand küssten.

Dann ging man hinüber in den Musiksaal. „Ich bin unzufrieden mit Ihnen, Monsieur Murakin!“ sagte ein Herr von der französischen Botschaft.

Murakin lächelte konventionell. „Hat Ihnen der Wein nicht geschmeckt?“ fragte er.

„Im Gegenteil!“ beteuerte der Franzose eifrig. „Sie lassen uns einen Blick in Ihr Schloss tun, zeigen uns die schönste Frau Moskaus — und das alles nur, um wieder abzureisen!“

Aber in Petersburg wirft man mir vor, dass wir schon zu lange hier geblieben seien“, erwiderte lächelnd Murakin. Er warf einen Blick zu Katharina hinüber, die eben mit einer weisshaarigen Fürstin aus dem Speisesaal kam.

„Ihr Mann sagte, Sie hätten eine so schöne Stimme“, plauderte die alte Dame. „Werden Sie uns etwas vorsingen?“ Katharina wehrte lächelnd ab. „Mein Mann versteht wirklich nichts von Musik, Fürstin ... Ich fühle, Sie würden sehr enttäuscht sein.“

„Mein liebes Kind“, sagte die Fürstin warm. „Sie sind so schön ... Sie dürfen gackeren wie ein Huhn — ich werde Sie ansehen und froh sein! Kommen Sie!“ Sie nahm Katharinas Arm und führte die leicht Widerstre-

## Dralle Birkenwasser

enthält natürlichen Birkensaft

bende zum Flügel. „Sascha!“ rief sie einem jungen Mann, ihrem Neffen, zu, „komm her — du kannst Katharina Alexandrowna begleiten.“

Bereitwillig setzte der junge Mann sich an den Flügel.

Auch der französische Herr war zu ihnen getreten.

Doeh Katharina sträubte sich noch immer. Sie war ganz und gar nicht in der Stimmung, zu singen. Dieser ganze Abend war eine Marter für sie. Aber Murakin hatte darauf bestanden.

„Madame — Sie fahren doch morgen fort ...“, bat der Franzose. „Vielleicht werde ich nie mehr Gelegenheit haben, Sie zu hören.“

„Also, zier dich nicht, Katja!“ sagte Murakin jetzt. Ein seltsamer Unterton schwang in seiner Stimme, als er fortsetzte: „Sing zu Ehren meines Tschaiowsky eines seiner Lieder, die du so liebst!“

Katharina zog die Brauen zusammen. Bevor sie aber etwas sagen konnte, rief der Franzose aus: „Richtig — er soll ja nächstens Hochzeit machen!“

Ohne Katharina anzusehen, sagte Murakin mit einem lauten Lachen: „Nächstens? Heute! In dieser Stunde ...“

Etwas verwundert blickte die alte Fürstin ihn an, dann fragte sie neugierig: „Wer ist eigentlich die Erkorne?“

„Eine kleine Tänzerin“, erwiderte Murakin wegwerfend.

„Also begeistern Sie uns mit einem Tschaiowskylied, Madame!“ sagte der Franzose galant.

Nur mühsam beherrschte sich Katharina während dieser Unterhaltung. Plötzlich rief sie mit einer unnatürlichen, erregten Heiterkeit aus: „Komisch, diese Tschaiowskymode plötzlich!“ Sie lachte krampfhaft. „Als ob es nichts anderes gäbe!“

Mit schmalen Augen hörte Murakin ihr interessiert zu. Dann sagte ironisch lächelnd: „Jede Mode wird von Frauen gemacht, Katharina ...! Vielleicht kennst du ein Lied, das er seiner Nastassja gewidmet hat?“ Er

**Erfrischend — an heissen Tagen!**

**VERA-FRUT**

FRUCHTGEFÜLLTE SAUERBONBONS  
EIN SONKSEN PRODUKT

wandte sich lächelnd zu seinen Gästen: „Damit auch wir unseren Ehrenbeitrag zu seiner Hochzeit entrichten.“

Gelächter antwortete ihm. In Katharinas Augen blitzte es auf, aber sie schwieg. Doch ein aufmerksamer Beobachter hätte vielleicht sehen können, dass sich irgend etwas in ihr vorbereitete. Murakin sah es, ohne es sich aber noch deuten zu können. Er sah, dass ihre Haltung sich langsam änderte. Irgend etwas Trotziges kam über sie. Sie nahm seine doppelsinnigen Bemerkungen anders auf, nicht mehr so verstört und hilflos...

Sascha schlug jetzt vor: „Wie wäre es mit dem Tolstojlied „Unendliche Liebe...“?“, „Unendliche Liebe — kenne ich nicht —“, sagte Katharina langsam und betont. Sie lachte erregt: „Aber wenn Sie partout etwas über Liebe hören wollen — bitte! Nur leider ist das Lied nicht von Tschaiakowsky...“

„Aber das macht ja nichts!“ rief jemand. „Wie heisst es?“ Katharina suchte eines der auf dem Flügeldeckel herumliegenden Notenblätter aus und legte es vor Sascha. Dann drehte sie sich zu ihren Gästen. „Oh, es ist nur ein Chanson, wie man es in jenen Kabarets singt — wo die Herren der Schöpfung so gern hingehen —“

„Und wo Tschaiakowskys Frau herkommt!“ fiel Murakin ein.

Wieder blitzte es in Katharinas Augen auf. Etwas Böses kam in ihr Gesicht, das aber ausser Murakin niemand bemerkte. Mit leichtem Erstaunen sah er sie an, aber sie blickte über ihn hinweg.

„Tant mieux!“ rief der französische Herr aus. „Ist es lustig?“

„Lustig?“ erwiderte Katharina mit merkwürdigem Lächeln. „In Russland sind alle Lieder traurig... Aber haben Sie keine Furcht — man darf darüber lachen.“

Und dann begann sie zu singen. Das Chanson war eine seltsame Mischung von Schwermut und Zynismus. Dadurch, dass der schwermütige Hauptteil im Tanzrhythmus, der zynische Refrain dagegen im tragischen Rhythmus vorgetragen wurde, ergab sich als Grundcharakter des Ganzen eine so bittere Ironie, dass die Zuhörer aufs tiefste betroffen waren.

Murakin liess Katharina keinen Moment aus den Augen. Er war sehr blass geworden, fest pressten sich seine Lippen aufeinander. Er wusste: Dies Lied sang Katharina für ihn, nur für ihn. In diesem Lied schrie sie ihm die Wahrheit entgegen — die nackte, brutale Wahrheit. Er ballte die Fäuste, seine Augen schützten sich, als nach dem letzten Vers wieder der entsetzliche Refrain kam: „Darum ist ganz egal, ob wir betrügen — Wir sind betrogen, eh' der erste Kuss auf unsere Lippen fällt — Wir müssen lügen. So will's die Welt.“

Katharina verstummte. Auch sie war sehr blass geworden.

Einen Augenblick schwiegen die Gäste betreten. Ein kalter Hauch hatte sie angerührt. Obwohl sie nichts von dem stummen Duell zwischen Katharina und Murakin gemerkt hatten, spürten sie doch, dass es mit diesem Lied irgendeine Bewandnis hatte.

Als erster begann der weltgewandte Franzose zu klatschen.

Aufmerksam und verstohlen hatte die alte Fürstin Katharinas Gesicht beobachtet. Mit dem Ahnungsvermögen und der Erfahrung der alten Frau kam sie der Wahrheit vielleicht am nächsten... Armes Kind! dachte sie. Also auch sie — Ihr Blick glitt zu Murakin hinüber.

Langsam entspannte sich Katharinas Gesicht. Und plötzlich wurden ihre Augen feucht. Hart drehte sie sich um, damit niemand sie sehe. Nur der junge Mann am Flügel bemerkte ihre Tränen. Erstaunt und besorgt blickte er zu ihr auf.

rückhaltend war Peter ja immer gewesen.

Sehr ernst sagte er jetzt: „Ich muss dir etwas sagen, Nastja.“ Er schloss die Tür hinter sich und liess sich dann schwer in einen Sessel fallen.

„Was Nettes?“ fragte Nastassja beklommen.

Er antwortete nicht gleich. Es war so schwer, so entsetzlich schwer, was er ihr sagen wollte. Er wusste, dass sie ihn auf ihre Art liebte, wenn sie auch weltweit voneinander entfernt waren, wenn sie ihn auch niemals verstehen konnte. Halblaut sagte er: „Ich — habe dich betrogen, Nastja.“

„Mit einer anderen?“ Sie stand langsam auf.

Er senkte den Kopf. „Nicht mit einer anderen.“

Verständnislos starrte sie ihn an. Was sollte denn das bedeuten? Sicher war das wieder so ein schrulliger Einfall von ihm! Schon wollte sie loslachen, aber ein Blick auf sein gequältes Gesicht warnte sie rechtzeitig. Sie kniete vor ihm nieder, legte den Kopf in seinem Schooss und bat, zu ihm aufsehend: „Sag mir alles!“

Er blickte sie nicht an, als er leise und stockend sagte: „Ich... hätte dich nicht heiraten dürfen... Ich müsste glücklich sein in dieser Stunde. Ich bin es nicht... Kannst du mir vergeben?“

Angstvoll, aber noch immer ohne zu verstehen, fragte sie: „Was soll ich dir vergeben?“

Mit grossem Mitleid blickte Tschaiakowsky jetzt auf sie hinunter. Er strich ihr über das Haar und sagte beinahe zärtlich: „Mein Kleines... du bist immer gut zu mir gewesen. Aber ich kann nicht den Mann sein. Ich bitte dich — lass mich frei!“

„Peter!“ Nastassja fuhr auf. Es hatte ihr den Atem verschlagen. Nach einer Pause sagte sie leise: „Das ist nicht wahr...“

Er schwieg ratlos. Verzweifelt dachte er: Ich werde es ihr nie erklären können... Sie kann es ja nicht begreifen.

Auch Nastassja sagte nichts. Sie blickte ihn lange an. Und plötzlich glaubte sie zu wissen... Ja, das musste es sein! Mit aller Kraft des Gefühls sagte sie innig und eindringlich: „Petja! Ich gehöre dir doch... dir allein!“

Sekundenlang war Nastassja wie betäubt. Dann veränderte sich plötzlich ihr Gesicht. Die tiefe Gekränktheit und Enttäuschung wandelten sich in Zorn, ja in Wut. Laut und ungeduldig rief sie nach Stepan.

Mit zerwühlten Haaren und verklebten Augen erschien er misstrauisch.

„Wo ist der Herr?“ fuhr Nastassja ihn an.

Verständnislos zuckte er die Achseln und murmelte verschlafen: „Wo wird er sein...?“

„Er ist doch fortgegangen, du Esel!“ rief sie. „So geh doch und lauf ihm nach!“

„Aber Stepan blinzelte nur verschlafen. Er war völlig betrunken und verstand nicht, was Nastassja von ihm wollte.“

„Da rannte sie so, wie sie war, zur Tür. Das brachte Stepan etwas zu sich. Er hielt sie am Nachthemd fest: „Aber Nastassja Petrowna: Sie können doch nicht so gehen... im Hemdchen!“

Zornig befahl sie ihm, ihr den Koffer mit ihren Kleidern zu bringen. Es stellte sich heraus, dass Stepan vergessen hatte, ihn aus ihrer Wohnung abzuholen.

Nastassja überlegte einen Moment, dann drehte sie sich, ohne ein Wort zu sagen, um und ging ins Schlafzimmer. Stepan blickte ihr schuldgebewusst nach. Dann fiel sein Blick auf den Tisch. Er nahm eine der Flaschen hoch und wollte sie eben an die Lippen setzen, um den Rest auszutrinken, als sich plötzlich die Schlafzimmertür wieder öffnete und Nastassja herausgestürzt kam. Stepan starrte sie an, erschrocken liess er die Flasche fallen.

Nastassja hatte wieder ihr pompöses Hochzeitskleid angezogen. Mit nervösen Fingern machte sie noch die letzten Haken zu, während sie schon auf das Vorzimmer zueilte. Erschrocken rief Stepan: „Nastassja Petrowna — wo gehen Sie hin?“

Sie blieb nur eine Sekunde stehen und sah sich nach ihm um. Beinahe hysterisch schrie sie: „Wo ich hingehöre!“

Mit offenem Mund glotzte ihr Stepan nach.

Murakin und Katharina hatten sich in der Halle des Schlosses von ihren Gästen verabschiedet. Während Katharina bei der Tür stehen blieb, trat Murakin noch auf die Frei-

kettete, langsam in ihr erlosch.

Jeder Muskel zitterte in seinem Gesicht, über das sich wieder die asiatisch-drohende Maske gelegt hatte, als er jetzt langsam auf sie zuging.

„Was willst du hier?“ stiess sie angstvoll hervor.

Murakin schwieg. Aber sie verstand seinen Blick und wollte aufspringen. Er packte sie an der Hand und drückte sie nieder. „Bleib!“ Mit flackernder Verhaltenheit, dicht vor ihrem Gesicht, fragte er: „Du hast ein seltsames Lied gesungen. War es für mich?“

Katharina sah ihn wortlos an.

„Du liessst deine Maske fallen. Ich sah dich endlich nackt... in diesem Liede...“ Er sagte es unverändert ruhig, drohend gespannt, dabei aber vor Zorn und Begierde fast brennend.

Als Katharina auch jetzt noch nicht antwortete, riss er sie an sich. Sie schrie auf: „Michael!“

(Fortsetzung folgt.)

### Postaufrief

Für folgende Personen liegen Briefe oder Drucksachen beim Deutschen Generalkonsulat, São Paulo, Rua São Luiz 174, welche von halb zehn bis halb zwölf Uhr und nachmittags von zwei bis drei Uhr abgeholt werden können:

- Aberer Alois, Ademmer Emma, Bauer João (Hans), Baumann Johann, Baumgart Kurt, Beckla Arnold (1 Pass und Ledertasche), Beier Nikolaus, Beranek Johann, Berger Erich, Familie, Bergauer Josef, Birner Martin, Blotekamp Emilio, Böhme Gustav, Börder Michel, Bohn Willy, Bosch Alberto, Bott A. M. (c/o Raab), Brückner Else, Brunner Max, Burkhardt Karl Jakob, Cieslick Franz, Daack Wilhelm, Dagga Hans, Vonrath, Dalmen Maria, Ditscheiner Josefine, Dobra Wilhelm Karl, Drees Familie (Prof. Carlos Decker), Dvorak Eduard, Eppinger Erich, Fehling Otto, Fianta Josef, Fietkau August, Flatz Paul, Förster Fanny, Gauter Friedrich, Girnus Emilie, Göbel Albert, Görling Fritz, Gräwe Dr. Käte, Grönitz Elly und Franz, Hammer Maria, Hartweger Guiliherme, Haug Emma, Hauff Richard und Christiane, Herdlicka Ernesto, Herrmann Edith, Hopp Gerhard, Hoppe José, Ility Othman, Jesinghaus Kurt, Kästner Walter, Kapeller Karl, Karo Ida, Kaufmann Johann, Keller Lucie, Kersch Susanne, Klee Alfredo, Le Werner, Krug Hans, Legot João, Lichti Magda, Lorenschütz (Schneider-Zimmermanu), Ludwig Rudolfo, Lüger Friedrich, Lüger Elisabeth, Mauri Wilhelm, Meissner Erna, Messke Ella, Meyer Prof. Henrique, Müller Erich, Müller-Reiter Erich, Müller Liborius, Müller Gerhard, Nauheimer Franz, Olfener Resi, Otto Frederico, Pelloschi (Telegramm), Penner Olga, Pischke Paul, Pörnbacher Rosa, Poschen Paul, Putz Viktor, Rainer Anna, Reuter Emma, Riezler Franz, Rönmacher Karl, Rohsgoderer Ferdinand, Rose Magdalena, Rübling Johann, Saulich Rudolf, Sellge Carlos, Seifter Luise, Senger Familie, Sparing Eduard, Schmid Roberto, Schmidt Erich, Schreyer Theodor, Schubsky Adolfo, Schwab Walter, Schwarz Lea (Telegramm), Staken Dr. M. v., Starick Eva, Steiner Alma, Steiner Jorge, Storm Rudolf, Strauss Paulo, Strehlau Käthe, Tubler Mario, Tuchlinsky August, Thormann Ida, Tiel Juljos, Trumbach Wilhelm von, Urabl Raimund, Urban Robert, Vasek Georg, Vogel Konrad, Vogt Wilhelm, Waghals Ernst, Walchhütter Josefa, Wahl Auguste, Weissenberg Martin, Wetzker Josef, Wittig Werner, Worwslski, Roman, Georg Wölfel, Wolf Ludwig, Ziegler Otto, Zirkus Frederico, Ellen Ingenieur.

Eingeschriebene Post: Bartak Guiliherme, Becker Karl, Birner Martin, Böhme Gustav, Döllerer August, Gennert Ed., Häider Robert und Marg., Hirschmann Erwin, Kast Hildgard, Kaufmann Marie, Kerbler Martin, Kolm Hans, eLuz Heinrich, Ludewig Heinrich, Lutz Theodora, Otto Frieda Lina, Prause Otto, Philipp Emil, Punzle Anton Maria, Purner Josef, Rainer Anna, Schmitz Friedrich, Steinitz von, Sorrentino Thea, Strein Rupert Josef, Triebel Rudolf, Wlassak Alois, Weigel Rudolf. Drucksachen: Grabolle Herm., Hauff Christiana, Jessinghaus Kurt, Langenberg Willy, Lichti Magda, Mackrodt Matilde, Meyer Heinrich, Nantoimer Francesco, Nuber Otto, Riessen Anni von.

### die neue linie

— eine der Zeitschriften, die die ganze Welt kennt! Jedes Heft mit Beiträgen bekannter Schriftsteller und erlesenen Bildern über die Themen: Dichtung, Kunst, Architektur, Wohnkultur, Sport und Reise, Theater, Film und Mode. Ein Abonnement auf die „neue linie“ — stets ein Geschenk besonderer Art!

Monatlich ein Heft RM 1.— Beyer-Verlag, Leipzig-Berlin



## Wille zur Kulturtat

ist die beabsichtigte Aufführung  
des bürgerlichen Trauerspiels:

# „KABALE UND LIEBE“

von Friedrich von Schiller

Es finden 3 Aufführungen statt: im grossen Saale des DMGV „Lya“, Rua S. Joaquim 329.

**Sonnabend, den 24. Februar, abends 7.30 Uhr:**  
hierfür sind Einlasskarten zum Preise von 3\$500 einschliesslich Steuer erhältlich.

**Donnerstag, den 29. Februar, abends 8.30 Uhr:**  
für diese Vorstellung werden 600 Karten für 6\$900 ausgegeben. Guter Sitzplatz garantiert.

**Sonnabend, den 2. März, abends 7.30 Uhr:**  
hierfür sind Einlasskarten zum Preise von 3\$500 einschliesslich Steuer erhältlich.

Vorverkaufsstellen: Deutsche Apotheke Schwedes, R. Lib. Badaró, Deutsche Buchhandlung, Hahmann, R. Cons. Christopiano 2a, Frisiersalon „Max“, R. J. Ant. Coelho, „Relojoaria Allemã“, R. Domingos de Moraes 920, Oekonom der „Lya“, Matzke.

Mitglieder des Bundes erhalten für die beiden Sonnabend-Vorstellungen Karten zum Preise von 2\$300 in der Geschäftsstelle des Bundes, Rua Constituição Nr. 31.

**Deutsche São Paulos! Unterstützt unsere Bestrebungen! Besucht unsere Aufführungen!**

Die Hochzeitsfeier bei Tschaiakowsky war zu Ende. Die Gäste standen auf der Strasse vor dem Hause und klatschten mit ausgiebigem Grinsen rhythmisch in die Hände.

Nastassja winkte ihnen aus dem offenen Fenster flüchtig zu. Endlich verzogen sie sich. Nastassja schloss mit einem Ruck das Fenster.

„Endlich!“ seufzte sie erleichtert auf und ging auf Tschaiakowsky zu, der mit müdem Ausdruck am Ofen lehnte und eine Zigarette räucherte. „Sie waren ein bisschen laut... wie?“ sagte sie. Und entschuldigend: „Aber sonst sind es nette Leute.“ Sie blickte etwas unsicher auf Tschaiakowsky, der sich nicht rührte. Zärtlich und schmeicheleisch fügte sie hinzu: „Weisst du, wenn wir von denen erstmal erben, werden wir sagen, es war doch gut, dass wir sie damals nicht hinausgeschmissen haben.“ Sie wartete, dass Tschaiakowsky etwas erwiderte, da er aber schwieg, küsste sie ihn flüchtig auf den Mund und sagte: „So... und jetzt geh ich —“

Sie warf ihm noch ein kokettes Lächeln zu; dann schloss sie die Tür des Schlafzimmers hinter sich.

Tschaiakowsky stand noch eine Weile rauhend am Ofen. Seine Stirn runzelte sich. Er starrte gedankenvoll ins Leere. Plötzlich straffte er sich, warf die Zigarette fort und ging schnell ins Schlafzimmer.

Nastja war schon im Korsett; sie zog sich gerade die Strümpfe aus, als Peter eintrat. Zwischen Scham und Koketterie rief sie aus: „Peter! Ich bin doch noch nicht so weit...! Schnell nahm sie einen Schal auf und bedeckte sich Brust und Schultern. Da Peter nicht antwortete, blickte sie etwas befremdet auf: „Was hast du denn?“ Angesichts seines schmerzlich verschlossenen Gesichts stieg ein seltsam ängstliches Gefühl in ihr auf. Er war ja schon die ganze Zeit bis zur Hochzeit so merkwürdig gewesen, gar nicht wie ein glücklicher Bräutigam... Aber sie hatte sich immer damit beruhigt, dass es schliesslich kein gewöhnlicher Mann war, den sie heiratete. Künstler betrachteten eben die Dinge mit anderen Augen... Und beinahe krankhaft zu-

st ist es deshalb? Glaub mir, ich sehe keinen anderen Mann mehr ausser dir. Nie mehr!“

Entsetzt hörte Tschaiakowsky diese Worte. Das also dachte sie! Um Christi willen, wie sollte er ihr nur erklären, dass das alles falsch war? Er konnte ihr doch nicht sagen, dass es ihm völlig kalt liesse, ob sie mit anderen Männern — Nein, das war unmöglich!

Da er so lange schwieg, war sie jetzt fest überzeugt, dass ihre Vermutung zutraf. Leise sagte sie:

„Geh jetzt. Liebster... spiel etwas für dich und für mich. Und dann — komm zu mir.“

Er erhob sich schweigend und ging, ohne sie noch einmal anzublicken, ins Wohnzimmer zurück. Er setzte sich vor den Flügel. Während er spielte, wurde sein Gesicht immer trauriger. Düstere Hoffnungslosigkeit legte sich wie ein grauer Schleier über seine Züge, seine Augen stierten ins Leere.

Plötzlich brach er mit einem harten, fast schrillen Akkord das Spiel ab.

Fragend und etwas schläfrig klang vom Nebenzimmer her Nastassjas Stimme: „Petja —?“

Er zuckte zusammen und warf einen ratlosen Blick auf die Tür des Schlafzimmers. Dann ging er leise und schnell ins Vorzimmer, zog seinen Pelz an und setzte die Mütze auf. Einen Augenblick stand er noch unschlüssig. Dann verliess er die Wohnung.

Nastassja war wieder hellwach geworden, als Peter auf ihren Ruf nicht antwortete und auch nicht weiterspielte. Wie unheimlich still es dort drinnen war! Sie richtete sich auf. Da hörte sie die Wohnungstür zufallen. Einen Augenblick war sie wie erstarrt. Dann sprang sie aus dem Bett.

Auf der Schwelle des Schlafzimmers blieb sie stehen und starrte in das leere Zimmer. Es war noch nicht aufgeräumt worden. Stepan war zu betrunken gewesen. So standen auf dem Tisch noch die leeren Flaschen und Gläser.

Jetzt fiel unten die Haustür ins Schloss...

# Die vierte Waffe

II.

## Leistungsfähige englische Weltkriegspropaganda

Während man sich bei Ausbruch des Weltkrieges 1914 in Deutschland noch mit hundert Bedenken schlug, ob Propaganda auch fair sei und sich mit allen ethischen Prinzipien verträglich, hatte man in Amerika längst eine praktische Wissenschaft daraus gemacht und in England eine raffinierte Kunst. So verwerflich dem landläufigen Moralbegriff die englische Propaganda auch war, vom politischen Standpunkt aus kann man ihr einen grossen Zug nicht absprechen. Sie sah nichts als das Interesse ihres Landes, sie ging mit unbeirrbarer Zielbewusstheit ihren Weg, sie schreckte vor keiner Konsequenz zurück, und — sie hatte Erfolg. Es wird uns niemals liegen, sie in allen Punkten nachzuahmen. Aber wir können immerhin einiges von ihr lernen und — haben es wohl auch schon getan.

## Englische Propaganda in Amerika

Sofort nach Kriegsausbruch wurde die bereits vorhandene englische Propagandaorganisation aufs sorgsamste ausgebaut. Ihre nächste und intensivste Tätigkeit erstreckte sich auf die Vereinigten Staaten, wo es vor allem darauf ankam, Deutschland vorzukommen und die Sache der Alliierten in das günstigste Licht zu setzen. Man sandte Sir Gilbert Parker hinüber, einen bedeutenden Schriftsteller, der als geborener Kanadier mit amerikanischen Verhältnissen gut vertraut war. Ihm zur Seite standen Mitarbeiter, die auf dem Gebiet der politischen Propaganda Fachleute ersten Ranges waren. Geld spielte keine Rolle. Parkers Organisation war mit den reichsten Mitteln versehen. Mehr als 360 amerikanischen Zeitungen wurde wöchentlich ein kostenloses Redaktionsblatt zugesandt, das die reichste Auswahl an journalistisch wirklich wertvollem Material bot. Anstalten, Verbände und Vereine wurden mit Flugschriften übersättigt, die von der zähen Tapferkeit der kleinen englischen Armee und der Macht der Flotte sprachen. Gesellschaftlich angesehene Persönlichkeiten bereiteten die einzelnen Staaten, um Vorträge zu halten, die immer darin gipfelten, dass England und die Alliierten nur für die heilige Sache der Gerechtigkeit im Kampfe standen. Man wandte sich sogar brieflich an einzelne Personen, veranlasste sie geschickt zu Antworten und veröffentlichte dann die Korrespondenz mit ihnen in den Zeitungen. Man regte federgewandte Amerikaner an, ihrerseits Artikel zu schreiben, und stellte ihnen dazu alles nur erdenkliche Material zur Verfügung.

## Jedes Propagandamittel im Dienst der Propaganda

Ueber eine Million Worte Nachrichtenmaterial, in englischem Interesse zusammengestellt, wurde vom Reuterschen Telegraphenbüro monatlich ins Ausland gekabelt. Es entsprach etwa dem Inhalt eines starken Lexikonbandes. Ungefähr 400 Artikel in den verschiedensten Landessprachen wurden wöchentlich an die ausländische Presse geliefert. Die Propagandaabteilung gab alle 14 Tage spanische, portugiesische und griechische Zeitschriften heraus und liess orientalische Zeitungen in 6 verschiedenen Sprachen drucken. „War Pictorial“ erschien monatlich in 8 Ausgaben mit einer Auflage von 700.000 Exemplaren. Und Kriegsfilme im englischen Sinne gingen über die ganze Welt.

Hinter der Front in Frankreich hatte die englische Regierung 3 grosse Schlösser für die Aufnahme ausländischer Gäste eingerichtet, die mit weitestgehender Gastfreundschaft behandelt und überall herumgeführt wurden, wo es etwas Interessantes zu sehen gab. Das eine der Schlösser war nur für Amerikaner bestimmt, das zweite für die Angehörigen der anderen Staaten, das dritte blieb für Journalisten reserviert. Man hielt die 3 Gruppen sorgsam voneinander getrennt, denn jede wurde nach einer anderen Methode bearbeitet.

Innerhalb des britischen Imperiums wurde die Propaganda mit grosser Kunst der Weisheit und den Verhältnissen der einzelnen Dominien und Kolonien angepasst, so dass alle Bestandteile des Reiches mit überraschender Einmütigkeit bereit waren, dem bedrängten Mutterlande in dem angeblichen Kampf für Recht und Gerechtigkeit beizustehen.

Selbstverständlich wurde jedes Propagandamittel in den Dienst der Sache gestellt: Wort,

Schrift, Bild, Zeichnung, Film, Ton, Wissenschaft, Kunst, Literatur. So brachten die Zeitungen Serien von Skizzen des Malers Rademaker, der durch seine genialen, aber hasserregenden Zeichnungen Deutschland vielleicht mehr geschadet hat, als ganze Bände englischer Propagandaliteratur.

## Bretal . . .

Wenn es darauf ankam, das Kriegsinteresse wachzuhalten und die Feindschaft gegen Deutschland zu schüren, machte die englische Propaganda vor den Grossen des eigenen Volkes durchaus nicht halt. 1915 wurde sogar mit Erfolg eine feindliche Bewegung gegen den Volksheros Lord Kitchener, den damaligen Kriegsminister, entfesselt, weil er den Forderungen des Generals French, das Heer mit hochexplosiven Geschossen zu versehen, nicht in genügendem Masse nachgekommen war.

Mit der gleichen unbedenklichen Schonungslosigkeit wandte sich die Presse gegen den Premierminister Asquith, sobald seine Deutschfeindlichkeit nicht mehr über jeden Zweifel erhaben schien. Da man ihm persönlich nichts anzuhaben wusste, zog man seine Gemahlin in den Streit, bezichtigte sie deutscher Sympathien, warf ihr besondere Fürsorge gegenüber kriegsgefangenen deutschen Offizieren in Donnington Hall vor und verbreitete darüber Einzelheiten, die dazu angetan waren, die Öffentlichkeit aufs tiefste zu erregen.

## . . . und wieder geschieht

In London wurden zu Hunderttausenden Blätter und Flugschriften in allen Sprachen der Mittelmächte verfasst, nach dem Kontinent transportiert und über die Nachbarländer hinter die gegnerischen Fronten geschmuggelt

und verteilt. Niemand ahnte dort ihre eigentliche Herkunft. Man glaubte die Verfasser unter den eigenen Landsleuten suchen zu müssen, und weite Kreise erlagen dem deprimierenden Einfluss dieser Berichte.

## Propaganda-Grundsätze

Im 21. Band der „Encyclopaedia Britannica“, Ausgabe 1922, findet sich ein Artikel, der eingehend die Theorie und Praxis der englischen Kriegspropaganda behandelt. Der Verfasser, ein früherer Verbindungsoffizier zwischen dem Kriegsministerium und der offiziellen Propagandaabteilung, der seine Materie sicher beherrscht, legt mit fast zynisch klingender Offenheit die Grundsätze dar, nach denen England gegen seine Feinde zu arbeiten pflegt. Es heisst unter anderem:

Wahrheit ist nur wertvoll, soweit sie wirksam ist. Die volle Wahrheit würde gewöhnlich überflüssig und fast immer irreführend sein.

So hoch die Leistungsfähigkeit der britischen Propaganda im letzten Weltkrieg auch gewesen, so sehr sie noch vervollkommen sein mag, ihr ist, wie jeder Propagandist eine feste, unverrückbare Grenze gezogen. Man kann, wie in jeder Wirtschaftswerbung, auch in der politischen Propaganda, wenn hinreichend Mittel zur Verfügung stehen, das Interesse der Öffentlichkeit einmalig an sich reissen. Das Festhalten des Publikums gelingt indessen nur, wenn es sich überzeugen kann, dass die Werbung wirklich das hält, was sie versprochen hat. Die Welt hat im Grossen Kriege England geglaubt, sie hat aber auch ausreichend Gelegenheit gehabt, Propaganda und Realitäten zu vergleichen. Dass diese Gelegenheit zur Prüfung genützt worden ist, beweist die Haltung der Mehrzahl der neutralen Staaten ebenso wie die starre Ablehnung, die die jetzige englische Kriegspropaganda sogar von den eigenen Mitgliedsstaaten hinnehmen muss. So gefährlich die Waffe auch ist: An den Mauern der Weltobjektivität werden sich die Wogen der englischen Kriegspropaganda brechen und zerbrechen.

astütamente engendrada que logrou diffamar os alemães em todo o globo e que se insinuou, finalmente, na medula espinhal do proprio exercito alemão, destruindo-a.

## A Censura Postal

Com toda certeza a censura postal não ha de ser muito mais nova que a arte de escrever cartas. Entretanto, essa especie de censura que consistia na abertura illegal de cartas, com a intenção de explorar o respectivo conteúdo, era um phenomeno esporadico. Ficou reservado á Inglaterra, ampliar systematicamente a censura, dando-lhe uma forma mais geral. Aquillo que milhares e milhares de pessoas pertencentes aos circulos ilustrados e não raras vezes admiravelmente bem informados de todos os continentes escreviam umas ás outras ia parar ás mãos dos censores que forneciam de tudo um extracto ás personalidades lideres da politica britannica que, assim aparelhados de excellentes informações, estavam em condições de seguir, infallivelmente, o curso diplomatico exacto. A censura postal constitue a roda motriz principal desse complicado mecanismo de informações. Citeiros alguns exemplos para demonstrar sua inerivel capacidade de trabalho.

## A Censura Postal a serviço da contra-espionagem

O Almirantado britannico chegou a saber, que um official inimigo se encontrava clandestinamente na Inglaterra e que pretendia usar uma determinada formula, afim de dar noticias de uma determinada manobra da frota. Não havia, contudo, dado o devido apreço ás medidas de precaução dos ingleses, não admitindo, portanto, que tambem a correspondencia com os paizes neutros fosse submettida a um rigoroso controle. Já se achava o official cercado de todos os lados e apenas se procurava ainda essa carta comprometedora, afim de incluí-la, como ultimo elo, na cadeia das provas já reunidas e descobrir, simultaneamente, o respectivo destinatario no exterior. A formula combinada rezava, digamos, „William is dead“ (Guilherme morreu). Na sede central do serviço de censura existia um quadro negro de que constava uma serie de nomes de pessoas a cuja correspondencia devia ser prestada uma attenção especial. Certo dia figurou no quadro tambem a phrase „William is dead“. Poucos dias mais tarde as palavras foram apagadas do quadro: Havia sido encontrada a carta. Seu remetente foi apresentado ao Conselho de Guerra que o condemnou depois de processo summario, mandando fuzilá-lo.

## A Censura desmascara todos os truques

Não vale a pena occuparmo-nos aqui dos milhares e milhares de casos em que as cartas eram escriptas com tintas-sympathicas, em geral das mais primitivas, ou em que se encontravam noticias escriptas em letra minuscula sob os sellos, igualmente um truque antiquissimo. A primeira cousa que a censura britannica faz é examinar todas as cartas quanto a esses e muitos outros ardis. Não se deve esquecer, que á engenhosidade e esperteza de cada individuo se oppõe um gigantesco aparelho muito bem estudado e construido, o qual trabalha com milhares de peritos dos mais atilados em cada especialidade. Assim deuse, que, numa carta habilmente redigida, o respectivo missivista passou um traço sob a assignatura, o qual indicava o sentido em que a carta devia ser lida de baixo para cima, afim de revelar, occulta em suas linhas, uma informação sobre determinado movimento de tropas. Todavia, como o traço não tinha nenhuma apparencia de ornato ou arabesco, elle despertou logo a attenção do pesquisador. Além disso, as cartas eram em geral dirigidas a endereços que ha muito já constavam do „rol dos suspeitos“.

## Censura e Guerra Economica

Em janeiro de 1916 veio parar no departamento da censura em Londres uma carta interessante de George Isaacs, director geral da empresa Marconi, havia dirigido aos seus agentes de patente em Nova York, Cavendish & Co. A carta tratava de uma nova invenção ou seja de um aperfeiçoamento no dominio da radiotelegraphia, o qual viria pôr á sombra as demais patentes de Marconi. A Telefunkenengesellschaft, que pertencia á empresa Siemens, estava prestes a adquirir a patente desse melhoramento. A correspondencia referente ao assumpto, entre o representante da Siemens, que era um engenheiro allemão em Batavia, e os agentes de patente em Nova York, cahiu em poder do governo britannico, por intermedio da Censura que tudo abarcava. Os documentos foram passados ás mãos de Isaacs a quem se apresentou o alvitre de fazer frustrar o negocio allemão, se o assumpto fosse de importancia.

## Mocinhas espartas; Censura mais esparta ainda

A correspondencia dos prisioneiros de guerra allemães era submettida a uma censura especial. Quantas e quantas jovens tontinhas causaram damnos graves e gravissimos á sua patria, na fuzza de noticiaram „algo de interessante“ aos seus namorados. Verificou-se, muy frequentemente, que eram dadas levianamente, indicações sobre movimentos de tropas. Dispensamo-nos de repetir, que todos os codigos, „linguagens secretas“, tintas-sympathicas e que taes eram decifrados com a maior facilidade. Com certeza todas essas pequenas



**Casa Alemã**

FUNDADA EM 1933

## Sommer-Spezial-Verkauf

in welchem wir unsere äusserst reichhaltigen Lager in den letzten Neuheiten, welche wir für Weihnachten und die Sommer-Saison 1940 importierten, zu

**wirklich volkstümlichen Preisen**

auszuverkaufen beabsichtigen. Benützen Sie bitte diese Gelegenheit und besuchen Sie uns.

RUA DIREITA 162-190      SCHADLICH, OBERT & CO.

## A Quarta Arma

I.

Quem passar mais uma vez em revista, mentalmente, a gigantesca luta entre os povos, nos annos de 1914-18, não consegue fugir a uma certa impressão: Não obstante os admiráveis feitos e exitos em terra, nos mares e no ar, as autoridades allemãs responsaveis pela guerra revelavam uma fraqueza. Descuidaram da quarta arma. Enquanto esta se desenvolvia a passo lento, o adversario, sobretudo a Inglaterra, dispunha, neste dominio, mesmo antes da irrupção da guerra mundial, um instrumento de precisão aperfeiçoadissimo.

Não ha duvida nenhuma, que o Exército Allemão pôde conquistar victoria após victoria, solidamente apoiado na sua disciplina sem par, animado de bravura e espirito de sacrificio, com penetrado da certeza de estar pelejando por uma causa justa e dirigido por chefes militares aos quaes nem mesmo os adversarios da Alemanha podiam negar sua admiração. Foram victorias que tambem a posteridade ha de julgar condignamente. Evidentemente, tambem os actos de heroismo da esquadra allemã e das forças aéreas allemãs se equiparavam aos das forças terrestres. Entretanto, tudo isso foi insufficiente para a victoria final. Existem nações que applicam processos de luta mais subteis. Tratam de enollir, aos poucos, psychicamente o adversario, ao mesmo tempo que o esmagam phy-

sicamente. Nestas cousas a Inglaterra dá lições a todos os povos.

Ao começar, no inicio da Grande Guerra, a corrida de competição pela conquista das graças dos Estados Unidos da America do Norte, ficou provado, que enorme influencia a supremacia britannica neste dominio exerciu sobre os acontecimentos mundiaes. Verdade é que 8% da população norte-americana eram constituídos de allemães ou de seus descendentes. Eram, porém, principalmente, artozinhos competentes, industriaes esforçados ou pequenos lavradores laboriosos respeitados e estimados em toda a parte. Todavia, a alta politica era dominada pelo elemento anglosaxão dos Estados Unidos. Por conseguinte, se logo após o rompimento das hostilidades a influencia allemã pôde ser excluida, mais ou menos rapidamente, deve-se attribuí-lo, principalmente, á prompta entrada em campo da quarta arma britannica.

Ora, o imperio insular jamais foi um Estado militar. Soube manejar, entretanto, desde o desencadeamento da guerra mundial, uma arma tremenda: Um serviço de informações exemplarmente dirigido, que conhecia os planos allemães, muitas vezes, desde sua origem; uma censura postal maravilhosamente bem organizada, a qual controlava o mercado em todo o mundo e os sentimentos tanto do inimigo como do amigo; e uma propaganda

missivistas julgaram ter tido uma idéia genialíssima que jamais havia ocorrido a outrem. Era mais que natural, que na Inglaterra tivessem o cuidado de não interromper ou obstruir uma tão excelente e commodata fonte de informações, deixando-se, pois, passar sem mais novidade essas cartas.

### A Inglaterra sabe, via Índia, da situação na África Oriental Alemã

No mez de maio de 1916, a séde central da Censura em Londres interceptou a carta de um official teuto, escripta, de um acampamento de presos na Índia, aos seus parentes. O respectivo texto parecia a cousa mais innocente deste mundo. O missivista falava de suas impressões pessoais e, entre outras, tambem, que era tratado com todas as atenções na Índia. Este ultimo topico causou espanto ao examinador experimentado da correspondência. Costumava-se tratar os prisioneiros correctamente, mas não „com todas as atenções“. Uma vez despertada a suspeita, a carta foi analysada sob applicação de todos os metodos imagináveis. Empregaram-se a lente e processos chimicos para descobrir uma escripta secreta. Mas tudo em vão. Entretanto, o pesquisador não se deu por satisfeito. Desdobrou ainda o respectivo envelope e submeteu-o a um rigoroso exame. E eis resolvido o enigma. Toda a parte interna fóra aproveitada para um relato escripto com uma tinta invisível. Verificou-se, através de investigações feitas, que o missivista, que pertencera ás tropas de Lettow-Vorbeck, havia recebido ordens para enviar ás autoridades alemãs, caso viesse a ser aprisionado durante um combate, informações sobre a situação de seus camaradas na África Oriental, bem como sobre sua opinião e seus planos futuros. A carta foi metida em um outro envelope e enviada ao respectivo destinatario. A informação foi aproveitada pela Censura.

### A Censura controla o resultado do bloqueio

Mercê da collaboração util da Censura, o Estado Maior inglez estava em fins de 1914 perfeitamente ao par da deficiencia do serviço de transporte de viveres na Alemanha, bem como da imprevidencia no tocante ao abastecimento sufficiente da população civil alemã. Uma secção do Ministerio do Bloqueio tinha a seu cargo a elaboração de uma estatística admiravelmente exacta sobre a situação economica da Alemanha. Podia-se acompanhar, de semana em semana, graças a esses assentamentos, as curvas que indicavam os estoques de generos alimenticios e de materias primas importantes, como sejam cobre, algodão, couro e borracha. Resaltava desses registos, como as reservas escassas, que davam justame para as necessidades mais prementes, diminuiam paulatinamente, como as rações das tropas de assalto se viam cada vez mais reduzidas, bem como quanto cabia ás tropas de reserva e quanto sobrava para a população civil. Graças a esses e muitos outros detalhes, constatou-se, que a capacidade das forças armadas tinha de declinar mais e mais.

### A Diplomacia Ingleza estava sempre ao par de tudo

Se a diplomacia alemã tivesse tido ao seu alcance um material de informações melhor, não se teria verificado, com certeza, ou ao menos mui improvavelmente, a entrada da Rumania na guerra ao lado dos aliados. Em todo caso, na Inglaterra difficilmente se pôde comprehender, que a declaração de guerra da Rumania, em fins de agosto de 1916, surpreendesse tanto as potencias centras. De onde provinham as melhores informações da Inglaterra? Coubera de novo a Censura britannica sondar habilmente os sentimentos dominantes na Rumania através de milhares e milhares de cartas enviadas dali para os Estados Unidos. Os missivistas pertenciam, quasi que exclusivamente, ás espheras intellectuaes, de sorte que assim se obtinha uma idéa perfeita do ambiente e da situação da Rumania. Com esses dados em suas mãos, a diplomacia ingleza podia agir com relativa facilidade.

### A nova Alemanha sabe enfrentar tambem esse arma

Entretanto, desde que terminou a guerra mundial, muita agua correu não apenas Tamisa abaixo, mas tambem sob as pontes sobre o Spree. Nada seria mais funesto que não levar em devida conta a actual eficiencia do serviço de informações inglez. Assim foi que o Terceiro Reich tomou suas precauções tambem neste terreno, pondo em campo as medidas de defesa adequadas. O exito dessa luta titanica, sob a orientação do homem mais

competente que Hitler pôde encontrar para esse myster, é da mesma importancia e da mesma amplitude, mesmo que não salte tão visivelmente aos olhos, que o reergimento do Exercito Alemão ou da economia alemã. Mercê de uma educação do povo, feita por planos, annullaram-se num sentido amplo as probabilidades de exploração, por parte do adversario, dos informes de origem alemã. O povo tedesco tirou uma boa lição da amarga experiencia feita na Grande Guerra. Refreia a lingua, pois sabe, que na guerra

sempre se pôde contar com o facto de certas noticias cahirem em mãos indesejadas. O povo allemão em peso partiepa hoje, com essa auto-disciplina, de um contra-bloqueio que não impõe sacrificios dignos de nota ao individuo isolado, mas que, em conjunto, attinge sensivelmente a Inglaterra. Desde que todas as fontes sejam hermeticamente fechadas, terá de refluir e extinguir-se o perigoso fluxo de todas as manobras obstructoras inglezas de ordem militar e diplomatica, alimentadas de dados alemães não intencionados.

## Seuchenbekämpfung durch Gasverfahren

### Ein Kapitel moderner Schädlingsbekämpfung

Während im allgemeinen die Verfahren zur durch Giftgas bei der Vorratshaltung weitgehend bekannt sind, hat in den letzten Jahren das Gasverfahren bei der Seuchenabwehr ebenfalls weite Verbreitung erfahren. Das klassische Beispiel hierfür ist die Schiffsdurchgasung zum Zwecke der Entrattung, also der Vernichtung der möglichen Träger von Pestkeimen. Die Möglichkeit der Pestverschleppung mit Schiffen durch den auf Ratten parasitierenden Pestfloh hat schon früh alle zivilisierten Staaten zu einer gemeinsamen Abwehraktion veranlasst. Voraussetzung war allerdings, dass wirksame Abwehrverfahren zur Verfügung standen und eine Bekämpfungstechnik entwickelt wurde, die allgemein durchführbar war. Nachdem aber schon im Juli 1917 die erste Schiffsdurchgasung mit Blausäure in Hamburg stattgefunden hatte und bald weitere Schiffswesungen der gleichen Art folgten und den überraschenden Erfolg dieser Massnahmen erwiesen, konnte eine zwischenstaatliche Regelung erfolgen. Durch das Pariser Internationale Sanitätsabkommen vom 21. 6. 1926 (dem bisher etwa 70 Staaten beigetreten sind) wurde vereinbart, dass alle im Interesse der Seuchenbekämpfung auf Schiffen zu ergreifenden Massnahmen, insbesondere die Rattenbekämpfung, nach international festgelegten Richtlinien und unter ständiger gegenseitiger Fühlungnahme erfolgen sollen. Es ist jedoch nicht nur ein Erfolg der verschiedenen internationalen Institutionen, sondern vorwiegend der deutschen Durchgasungsorganisationen, wenn im Laufe der letzten fünfzehn Jahre in den Häfen aller Kontinente eine erstaunlich hohe Anzahl von Schiffen entwest werden konnten. Allein in Deutschland wurden von 1922 bis 1933 etwa 6500 Schiffe mit rund 85 000 000 Kubikmeter Rauminhalt mit Blausäure durchgast, um jeder denkbaren Einschleppungsgefahr der Pest zu begegnen.

### Gas gegen Pestgefahr

Erst kürzlich hat sich nun, dank dieser Erfahrungen der deutschen Schädlingshökämpfung,

die Möglichkeit ergeben, auch in Indien, am Ursprungsort der Pestverbreitung, wirksame Massnahmen zur Niederhaltung dieser Seuchen zu treffen. Einem deutschen Zyankalziumpräparat und einer auf dieses Mittel zugeschnittenen Anwendungsmethode war es vorbehalten, erstmalig eindrucksvolle Erfolge bei der Entrattung im Innern Indiens zu erzielen. Kurz vor Ausbruch des Krieges wurden dort mehrere grössere Dörfer und kleinere Städte in ihrer ganzen Fläche einer Behandlung unterzogen, die sich zum Teil zwar über Wochen erstreckte, aber zur völligen Beseitigung der Rattenplage und damit der endemischen Pestgefahr führte. Haus für Haus und Hütte für Hütte wurden durchgast und sogar die einer solchen Behandlung schwer zugänglichen Basare und Marktanlagen mit Erfolg enttrattet. Auf diesem Gebiet ist zweifellos noch eine grosse Entwicklung möglich, auch wenn diese Arbeiten vorübergehend unterbrochen werden mussten.

### Flecktphus wirkungsvoll bekämpft

In diesem Zusammenhang darf ein ähnlich gelagertes Problem nicht unbeachtet gelassen werden: Die Gefahr der Einschleppung von Flecktyphusepidemien. Flecktyphus wird bekanntlich durch die Kleiderläuse übertragen; infolge mangelnder Vorbeugungsmassnahmen fielen in Russland in den ersten Jahren nach dem Kriege noch mehr als 3 Millionen Menschen dieser Seuche zum Opfer. Da auch in Polen kürzlich immer wieder Flecktyphusfälle aufgetreten sind und man vor allem mit der Hereinnahme der Massen polnischer Kriegsgefangener sowie mit den aus Polen kommenden deutschen Truppen eine unerwünschte „Einfuhr“ von Kleiderläusen und damit Flecktyphuskeimträgern befürchten musste, wurden zu Beginn des jetzigen Krieges sofort die notwendigen Anordnungen getroffen, um einer Verbreitung der Kleiderläuse vorzubeugen. Das einzige zuverlässige Bekämpfungsmittel, das keine Schäden an Kleidungsstücken und Lederzeug hervorruft, ist auch in diesem Falle die hochwirksame Blausäure.

## Putz empfohlen

### Das Wichtigste der Woche

Aus dem Transocean-Dienst (Agencia Alemã)

Berlin, 31. — Am Jahrestage der nationalsozialistischen Revolution bekamen die Engländer die Wirksamkeit der deutschen Luftwaffe zu spüren. Insgesamt wurden am 30. Januar über der Nordsee und längs der britischen Ostküste 22 bewaffnete Handelsdampfer und Küstenwachtboote angegriffen. 7 Handelsschiffe mit rund 25.000 Tonnen und 2 Küstenwachtboote wurden versenkt, 15.000 Tonnen Schiffsraum wurden beschädigt.

Amsterdam, 31. — An Britanniens Küsten sanken: der norwegische Dampfer „Hosanger“ (2400 t), der britische Dampfer „Highwave“ (1178 t), der britische Tanker „Vaclite“ (5026 t), der aus einem Geleitzug heraus torpediert wurde. Norwegen hat bisher 37 Schiffe und 227 Seeleute verloren.

Berlin, 31. — Nach Mitteilungen aus politischen Kreisen der Reichshauptstadt ist man mit der Bilanz des fünften Kriegsmonats sehr zufrieden. Dieser britische Krieg sei nicht annähernd mit dem Weltkrieg zu vergleichen und habe in den letzten Wochen schon recht offensichtliche britische Schwächen gezeigt. Churchills Hilferuf an die Neutralen habe bewiesen, wieweit es mit der Macht der Westmächte bestellt ist.

Berlin, 31. — Hier wird festgestellt, dass England mit Besorgnis auf die nordamerikanischen Flottenrüstungspläne blickt. Die Vereinigten Staaten bereiten sich darauf vor, das Erbe Englands nicht nur als reichste Nation der Welt anzutreten, sondern diesen Reichtum auch mit der notwendigen militärischen Macht zu schützen.

Berlin, 31. — Laut Reichsgesetz werden die heimgekehrten Deutschen in den Ostgebieten auf je 60.000 Volksgenossen einen Vertreter im Deutschen Reichstag erhalten.

Berlin, 31. — Ein T.-O.-Berichterstatte

schreibt von einer in die nordpolnischen Bezirke unternommenen Reise, dass die deutschen Behörden überall auf drei vordringliche Probleme stossen: Sanitärer Beistand, Arbeitsbeschaffung und Judenfrage. Wieweit die Juden in diesen Gebieten, die heute den ostpreussischen Regierungsbezirk Zichenau bilden, in der Ueberzahl waren, geht aus dem Beispiel der Stadt Suwalki hervor, die bei 25.000 Einwohnern 8000 Juden zählte.

Bromberg, 31. — Vom Bromberger Sondergericht wurden vier Polen wegen des Ueberfalls auf deutsche Bauerngehöfte während der Schreckenstage im September sowie Ermordung und Beraubung der Deutschen zum Tode verurteilt.

Belgrad, 31. — Der jugoslawische Industrieminister Dr. Andres hat die Ausfuhr von 4000 Pferden nach Deutschland genehmigt.

Amsterdam, 31. — Der britische Faschistenführer Sir Oswald Mosley kritisiert in seiner Zeitung „Action“ scharf die politischen und strategischen Massnahmen der englischen Regierung und gibt zu erkennen, dass die britische Blockade das Reich niemals besiegen werde, dessen ungeheuren Vorräte für Jahre ausreichen.

Newyork, 31. — In hiesigen Finanzkreisen wurde die sofortige Reaktion der Warenbörse auf die Führerrede mit grösstem Interesse beobachtet. Zahlreiche Kurse, die sich ständig abwärts bewegten, stiegen bereits, nachdem die ersten Auszüge der Rede vorlagen. — Das Weltecho auf die Führerrede vom 30. Januar war mit Ausnahme Englands und Frankreichs diesmal besonders stark. Bedeutungsvoll ist, dass in den meisten Ländern die Rede im Wortlaut veröffentlicht wurde. Herausgestellt wird der Ausspruch des Führers, nach welchem die Westmächte die militärische Schlagkraft Deutschlands, die sie herausgefordert haben, schon noch kennenlernen werden. Diese Feststellung wird besonders in Moskau unterstrichen, wo man überzeugt ist, dass das Reich in passender Stunde einen entscheidenden Schlag gegen die Alliierten führen wird.

### 900 Kilometer für Luftangriffe

Berlin, 1. — Nach Ansicht sachverständiger deutscher Kreise ist es unmöglich, die 900 Kilometer lange britische und schottische Ostküste gegen Fliegergefahr zu schützen. Die deutschen Luftangriffe vom 29. und 30. Januar stiessen wohl auf Abwehr aus der Luft und vom Land her, doch weder die Kanonen noch die englischen Jäger konnten im mindesten verhüten, dass die Aufklärung fortgesetzt und Vorpostenboote und Transportschiffe angegriffen wurden. Von fachmännischer deutscher Seite weist man darauf hin, dass die Besatzungen der deutschen Apparate sich genötigt sahen, mehrere Stunden die Sauerstoffapparate zu benutzen. In den Erörterungen der Neutralen über die deutschen Luftangriffe auf England wird hervorgehoben, dass die deutsche Luftwaffe über ausgezeichnete geschulte und erfahrene junge Flieger verfüge.

Amsterdam, 1. — An Britanniens Küster oder auf der Fahrt dorthin wurden versenkt: Das britische Vorpostenschiff „East Dudgeon“, der britische Dampfer „Oregon“ (6000 t), der aus einem Geleitzug heraus torpediert wurde, genau wie der britische Dampfer „Royal Crown“ (4364 t), der griechische Dampfer „Eleni Stathos“ (5625 t), der norwegische Dampfer „Fingal“ (650 t), der dänische Dampfer „Vidar“ und der schwedische Dampfer „Fram“ (2760 t).

Berlin, 1. — Der ehemalige österreichische Vizekanzler Fürst Starhemberg ist als Leutnant in die französische Armee eingetreten. Die deutsche Presse befasst sich unter dem Titel „Der Weg eines Verräters“ mit der Laufbahn dieses Trägers eines stolzen Namens der österreichischen Geschichte: Zunächst Führer der Heimwehren, dann antideutsch, wobei er seine Stellung als Chef einer Organisation zu persönlichem Wohlleben und politischem Falschspiel derart ausnutzte, dass sogar die Leute des Dollfuss- und Schuschnigg-Kurses sich öffentlich nicht mehr mit ihm sehen lassen konnten. Nach aussen frömmelnd, war er in Weibergeschichten verwickelt, welche den kirchlichen Stellen bis in die höchsten Instanzen schweres Kopfzerbrechen verursachten, weil man diesen Starhemberg damals noch politisch einsetzen wollte. Die deutschen Zeitungen meinen, ob das französische Volk Verräter und Lumpen vom Schlage Starhembergs mit den Abzeichen eines Offiziers in den Reihen seiner Armee dulden wolle.

Berlin, 1. — In Königsberg wurden 27 Personen auf Grund der Volksschädlingsverordnung verurteilt. Der Hauptangeklagte Friedrich Goldhagen erhielt die Todesstrafe, die übrigen Angeklagten Zuchthausstrafen bis zu 15 Jahren oder Gefängnis- und Geldstrafen. Acht der Verurteilten hatten sich bei ihrer aushilfsweisen Tätigkeit im städtischen Ernährungs- und Wirtschaftsamt Königsberg bestechen lassen und unrechtmässig Bezugsscheine für Textilwaren und Schuhe ausgestellt. Zudem hatten sie auch anderweitig grosse Schiebungem mit Bezugsscheinen vorgenommen. In der Begründung des Gerichtsspruches wurde betont, dass „nicht nur der Soldat an der Front, sondern auch jeder einzelne in der Heimat seine Pflicht im Kriege gewissenhaft zu erfüllen hat“.

Berlin, 1. — Sowjetrussland wird an der diesjährigen deutschen Ostmesse in Königsberg mit einer besonders grossen Ausstellung teilnehmen.

Berlin, 1. — Das britische Wirtschaftsblatt „Economist“ schreibt, dass für England die Gefahr bestehe, den Krieg zu verlieren, wenn man die Kriegsausgaben nicht senken könne und wenn der Staatshaushalt nicht durch eine strenge Steuerpolitik entlastet werde. Aus den ordentlichen Einnahmen werde die für das Jahr 1940 benötigte Summe von zweieinhalb Milliarden Pfund nicht gedeckt werden können.

Rom, 1. — Der italienischen Zeitung „Tevere“ zufolge ist ein grosser Teil der französischen Industrie wegen Mangel an Rohstoffen stillgelegt worden.

Rom, 1. — Auf Grund des deutsch-italienischen Abkommens waren bis zum 31. Januar d. J. bereits 14.506 Deutschstämmige aus dem Oberetschgebiet nach Deutschland umgesiedelt.

Rom, 1. — Die Zeitung „Regime Fascista“ wendet sich gegen die vom Vatikanblatt „Osservatore Romano“ und vom Vatikanseiner verbreiteten Tendenznachrichten über die Lage in Polen. Die Triebfeder dieser unwahren Meldungen sei der ehemalige Kardinalprimas von Polen, Hlond, der gleich zu Beginn des Krieges nach Rom geflohen sei und jetzt Augenzeugenberichte über angebliche Terrorakte der Deutschen liefere.

Moskau, 1. — Der deutsche Botschafter in Moskau, Graf von der Schulenburg, ist

Wir erhielten aus Berlin die traurige Nachricht von dem Tode unsers lieben Bruders und Schwagers

Dr. med.

**Walther Birle**

Erna Birle

Stuttgart, Herdweg 39

Erwin Birle und Familie

## Ein gut bedienter Kunde

wird stets ein Freund meines Hauses sein!

Garantierte Reparaturen - Kompl. Modifikationen - Schärfste Syntonisierungen mit Präzisionsapparaten - Verbesserungen an modernen Geräten auf grössere Stabilität, höhere Empfindlichkeit, Tropensicherheit - Antennen

### Officina de Radio, Max Becker

Ex-Chefe Técnico da Radio-Officina TELEFUNKEN

Rua Miguel Couto 47, 1.º - Entrada Opfca Tyroleza  
RIO DE JANEIRO - Tel. 43-7710



## DIE NÄHMASCHINE FÜR JEDEN HAUSHALT

Agenten an allen Plätzen

**THEODOR WILLE & CIA. LTDA.**  
AVENIDA RIO BRANCO 79/81 RIO DE JANEIRO

## Rio-Besucher

befucht

### DANUBIO AZUL

Avenida Mem de Sá 34  
Telefon 22-1354

Prima Küche

Täglich Konzert  
Im ersten Etod Tanz

## Vertretung

in

### Rio de Janeiro

befindet sich

Rua dos Andradas 84

2. Etod, App. 23

Telefon 23-4977

Franz Kumlín

## Dr. Fridel-Schöppe

Sänglings- und Kinderarzt. Moderne Behandlung der Ernährungsstörungen (Brechdurchfall, Blutarmut, Tuberkulose und Hautkrankheiten, Ultravioletts-Strahlen).

Consultorio: Rua Miguel Couto Nr. 5  
von 2-5 Uhr. Tel. 22-0713. - Wohnung:  
Tel. 22-9930

## Haut- und Geschlechtskrankheiten Dr. Paul Cardozo-Legène

in Deutschland ausgebildeter und approbierter Arzt

Rua Alcindo Guanabara 15, 4. Stock  
Telephon 22-0912  
Sprechstunden: 9-12 und 3-6  
Samstag: 9-11 und 12-3 Uhr

## MIRAMAR-PAQUETÁ

(Barca-Seite links) Telephon 206

### Hotel / Bar / Restaurant

Lutige Zimmer / Vorzügliche Wiener Küche  
Mässige Preise / Grosser Garten für Picnics usw.

**Einziges deutsches Hotel am Platze**

## CASA WESTFALIA

R. ASSEMBLÉA 37  
Tel. 42-0646 - RIO

Das einzigste deutsche Feinkostwarenhaus im Zentrum. - Alle in- und ausländischen Konserven und Weine. - Blumenauer Spezialitäten. - Bar- und Restaurationsbetrieb  
Täglich kalte und warme Spezialplatten.

Inhaber: Jens Jensen

Preiswert **Rölnisch Wasser** Erfrischend

das beliebte Qualitätsprodukt der

## Deutschen Apotheke - Rio de Janeiro

Rua da Alfandega 74 - Tel. 23-4771

## Deutsches Heim, Rio de Janeiro

Rua 7 de Setembro 140 - 1. Stock  
Tel. 42-3601

Mittag- und Abendtisch auch nach der Karte  
Stets frischer Schoppen - Reichhaltige Getränke

zur Berichterstattung nach Berlin gefahren. Die deutsch-russischen Wirtschaftsverhandlungen, die bekanntlich einen Warenaustausch im Werte von zwei Milliarden Mark umfassen, verlaufen weiterhin äusserst günstig, beanspruchen indessen noch einige Zeit, weil die Lieferungen verschiedener Waren eingehend festgelegt werden müssen, und es sich um das ausgedehnteste Geschäft handelt, das jemals zwischen zwei Staaten getätigt wurde.

Kopenhagen, 1. - In Dänemark wachsen die Schwierigkeiten in der Lebensmittelversorgung der Hauptstadt. Seit vielen Tagen herrscht sogar Fischknappheit. Auf dem Viehmarkt waren am 31. Januar nur 112 Stück angetrieben, das ist ein Zehntel des sonst üblichen Antriebes.

Bukarest, 1. - Alle zionistischen Organisationen Rumäniens wurden durch eine Polizeiverordnung eingestellt.

Tokio, 1. - Die zuständigen Ministerien haben einen Sechsjahresplan zur Aufrüstung Japans in der Luft, zu Wasser und zu Lande bekanntgegeben. Der Plan sieht die Summe von 11 Milliarden Yen vor.

### Zur Kriegsfinanzierung

Berlin, 2. - Reichswirtschaftsminister und Reichsbankpräsident Walther Funk hielt auf der ersten Sitzung des Verwaltungsrates der Reichsbank eine Rede, in welcher er betonte, dass Deutschland fest entschlossen sei, den Krieg zu finanzieren, ohne eine offene Abwertung des Geldes mit Erhöhung der Preise und Löhne oder eine versteckte Abwertung durch Krediterweiterung ohne Erhöhung der Produktion vorzunehmen. Das Problem der Kriegsfinanzierung sei nicht ein Problem des Geldes, sondern eine Frage der Versorgung. Durch eine Rationierung aller lebenswichtigen Güter und eine Zuteilung der Rohstoffe, Ausrichtung der Arbeit, des Kredites und des Kapitals sowie des Aussenhandels bis zur Kriegsproduktion und schliesslich durch Fabrikationsverbote erreiche man den erstrebten Zweck.

Berlin, 2. - Die deutsche Filmindustrie konnte in den ersten fünf Kriegsmontaten nicht weniger als 44 neue Filme herstellen.

Berlin, 2. - Die deutsche Presse sieht in der „Hilfe der Westmächte für Finnland“, wie dieselbe von England propagiert wird, nur einen Trick zur Ausweitung des Kriegsschauplatzes. In Finnland sollten strategische Stellungen und mächtige militärische Stützpunkte für eine britisch-französische Offensive zur Brechung der deutschen Gegenblockade in der Nord- und Ostsee geschaffen werden.

Amsterdam, 2. - Nach „Daily Herald“ ist der Direktor des Fleisch- und Viehdepartements im britischen Ernährungsministerium von seinem Posten zurückgetreten. Gegen ihn waren schwere Anschuldigungen wegen der unzulänglichen Fleischversorgung Englands vorgebracht worden.

Amsterdam, 2. - In England nahm die Zahl der Erwerbslosen gegenüber dem Vormonat wiederum um 150.000 zu.

Genf, 2. - Wie „Journal de Paris“ mitteilt, ist der wöchentliche Fleischverbrauch in

Paris von 1.800.000 Kilo auf 900.000 Kilo zurückgegangen. Das Blatt klagt ausserdem über die zunehmende Kohlenverknappung.

Mailand, 2. - Der norwegische Aussenminister Koth erklärte dem Vertreter des „Corriere della Sera“, dass bei den Verlusten der norwegischen Handelsmarine mehr Menschen ums Leben gekommen seien als Briten und Franzosen an der Westfront.

Brüssel, 2. - Im Monat Januar liefen im Hafen von Antwerpen 345 Schiffe mit insgesamt 588.096 Tonnen ein. Im selben Monat 1939 kamen in dem bedeutenden Hafen des europäischen Festlandes 1018 Schiffe mit 2.241.170 Tonnen an. Das sind die Auswirkungen der britischen Blockade für Belgien.

Newyork, 2. - Schweden hat an die USA einen Auftrag über 150 Kampfflugzeuge vom Typ Vultee erteilt. Der Auftrag beläuft sich auf 8 Millionen Dollar.

Stockholm, 3. - Schweden hat bisher 31 Schiffe mit insgesamt 60.084 Tonnen verloren. 205 schwedische Seeleute haben in diesem von England gewollten Krieg den Tod gefunden.

Prag, 3. - Der Führer und Reichskanzler sandte dem Reichsprotector Freiherrn von Neurath zu dessen 67. Geburtstag am 2. Februar ein Glückwunschtelegramm.

### Balkan will Frieden

Belgrad, - Bei Abschluss der Balkankonferenz in Belgrad wurde am Sonntag folgendes amtliches Kommuniqué ausgegeben:

„Der ständige Rat des Balkanbundes trat am 2., 3. und 4. Februar 1940 zusammen. Griechenland war durch den Ministerpräsidenten und Aussenminister Jan Metaxas, Rumänien durch Aussenminister Grigore Gafencu, die Türkei durch Aussenminister Schukau-Sarac-Oglu und Jugoslawien durch Aussenminister Alexander Cincar-Markowitsch vertreten. Bei dem Meinungs-austausch, welcher im vollsten Vertrauen von den Mitgliedern des ständigen Rates gepflogen wurde, konnte einstimmig festgestellt werden:

1. Das gemeinsame Interesse der vier an der Aussprache beteiligten Länder an Frieden, Ordnung und Sicherheit in Südosteuropa;  
2. Der feste Entschluss, seine friedliche Politik fortzusetzen und seinen Standpunkt im gegenwärtigen Konflikt aufs strikteste einzuhalten, um diesen Teil Europas vor der Versuchung des Krieges zu bewahren;

3. Der Wille, vereint zu bleiben im Rahmen des Paktes, welcher seine eigenen Ziele verfolgt, ohne gegen irgendjemand gerichtet zu sein, und vereint darüber zu wachen, dass die Rechte eines jeden auf Unabhängigkeit und nationales Gebiet respektiert werden.

4. Den ehrenhaften Wunsch, die Entwicklung freundschaftlicher Beziehungen mit den Nachbarstaaten zu erhalten und die gegenseitige Versöhnung und Zusammenarbeit zu pflegen.

5. Die Notwendigkeit, die wirtschaftlichen Beziehungen und die Verbindungen unter den Balkanländern enger zu gestalten und sie mittels Organisation eines besonderen Handelsaustausches im Rahmen der Entente zu vervollständigen.

6. Die Verlängerung des Balkan-Paktes um eine weitere Periode von 7 Jahren, welche mit dem 9. Februar 1941 beginnt.

7. Der Beschluss der vier Minister, weiterhin untereinander in enger Beziehung zu bleiben bis zu einer neuerlichen Tagung des ständigen Rates, welcher im Februar 1941 in Athen zusammentritt.

Belgrad, den 4. Februar 1940.“

Mit diesem Dokument wurde die Balkankonferenz abgeschlossen. Sie brachte keine der Sensationen, welche man erwartet hatte. Im allgemeinen kann gesagt werden, dass die Situation nach der Konferenz die gleiche ist als vormals.

Berlin, 4. - Amtlich wird am späten Abend des Sonnabend bekanntgegeben: „Im Rahmen der Aufklärung über der Nordsee haben am 3. Februar deutsche Fliegerverbände britische Kriegsfahrzeuge und bewaffnete oder im Geleit fahrende Handelsdampfer angegriffen und trotz stärkster Flak- und Jagdabwehr ein Minensuchboot, vier Vorpostenboote und neun Handelsdampfer versenkt. Zahlreiche weitere bewaffnete Handelsdampfer wurden teilweise erheblich beschädigt. Sämtliche versenkten Handelsdampfer wurden in britischen Geleitzügen angegriffen. Drei eigene Flugzeuge sind vom Feindflug nicht zurückgekehrt.“

Amsterdam, 4. - Unter den bei den letzten deutschen Luftangriffen an Englands Ostküste versenkten Schiffen befinden sich: der britische Dampfer „Kildale“ (3877 t); der britische Dampfer „Yudale“ (8000 t); der britische Dampfer „Corland“ (3431 t); der finnische Dampfer „Wilmax“ (3332 t); der norwegische Dampfer „Belpareil“ (7203 t); das schwedische Motorschiff „Pajala“ (6873 t); dazu kommen eine Anzahl kleiner Dampfer, Küstenwachtboote und andere. Die meisten Schiffe führen im Geleitzug. Sie waren mit Ausnahme der Neutralen alle bewaffnet. Insgesamt wurden in der letzten Woche 23 Handelsdampfer vernichtet. Sie vermehren Churchills Handelsflotte, die schon auf dem Meeresgrunde liegt.

Amsterdam, 4. - England will die Polen gegebene Garantie vor der Kriegserklärung mit der Schaffung eines Hilfsfonds für die polnischen Flüchtlinge erfüllen. Die Regierung hat zunächst ganze 1000 Pfund gespendet.

Berlin, 4. - Das 30. Wehrmachts-Wunschkonzerts des Deutschen Rundfunks ergab den Betrag von drei Millionen Reichsmark.

### Drei Milliarden Pfund jährlich

Amsterdam, 5. - Der bekannte britische Wirtschaftler Sir George Schuster erklärte, dass der Krieg England mindestens drei Milliarden Pfund jährlich kosten werde. Diese Mitteilung hat im ganzen Land beängstigendes Aufsehen erregt, da der Schatzkanzler Sir John Simon die militärischen Ausgaben ursprünglich nur auf eine Milliarde Pfund berechnet hatte.

Brüssel, 5. - In Frankreich werden in immer grösserem Masse Lebensmittelkarten eingeführt. Obgleich die Zeitungen schreiben, dass die Rationierung vorläufig noch nicht nötig sei, hat die Bevölkerung über-

all mit grossen Einkäufen und Hamstereien begonnen.

Berlin, 5. - Von zuständiger deutscher Seite wird die in der ausländischen Presse verbreitete Lügennachricht von deutschen Freiwilligen in der finnischen Armee nachdrücklich dementiert.

Warschau, 5. - Im Warschauer Stadtbezirk haben bisher 26 deutsche Schulen ihre Tätigkeit aufgenommen. 31 deutsche Lehrer unterrichten 2075 deutsche Kinder. Die polnische Jugend erhält ihren Unterricht in eigenen Schulen.

Schwerin, 5. - Anlässlich der Jährung des Todestages von Wilhelm Gustloff, der am 4. Februar 1935 als Leiter der Landesgruppe Schweiz der NSDAP von dem Juden Frankfurter ermordet wurde, fand an seiner Ruhestätte eine Gedenkfeier statt.



RUA MIGUEL COUTO 42-44.  
FRÜHER: RUA dos OURIVES. RIO de JANEIRO

Berlin, 5. - Nach einer ergänzenden Mitteilung zum heutigen Wehrmachtsbericht wurden in der Zeit vom 21. bis 31. Januar rund 150.000 Bruttoregistertonnen feindlichen und neutralen Schiffsraumes allein durch die deutsche Luftwaffe versenkt.

### Nur ein Ziel

Berlin, 6. - Reichsminister Dr. Goebbels sprach vor den Propagandaleitern der Partei über zeitgemässe Fragen. Dabei führte er aus, das gegenwärtig dringlichste Problem laute, wie den Krieg gewinnen. Dieses Ziel muss sich alles andere unterordnen, es gibt heute keine andere Sache, welche von besonderer Bedeutung wäre und alles, was wir tun, muss im Gedanken daran geschehen, dass wir handeln und vorbereiten, was diesem einzigen Problem dienen soll. Die ganze Welt habe das Gefühl, dass diesmal ganz grosse Entscheidungen fallen würden, und wenn auch der Krieg gegen die westlichen Plutokratien kein Kinderspiel sei, so habe das deutsche Volk nach den Worten des Führers volles Vertrauen in den Sieg.

Berlin, 6. - Der deutsch-russische Güteraustausch ist jetzt in grossem Umfang aufgenommen worden. Der Grenzübergang und die Umladung der Waren und Rohstoffe vollziehen sich reibungslos. Deutschland bezieht aus Russland hauptsächlich Getreide, Mineralöl, Paraffin, Erze, Hanfgarne und Mangan.

Berlin, 6. - Die I.-G.-Farbenwerke haben einen neuen Baustoff hergestellt, der anstelle

von Eisenbeton verwandt werden soll und über hervorragende Eigenschaften verfügt.

Berlin, 6. — In Deutschland wurden im vergangenen Jahre 47 Milliarden Stück Zigaretten, 9 Milliarden Stück Zigarren, 32 Millionen Kilo Rauchtobak und 3,25 Millionen Kilo Kau- und Schnupftobak hergestellt.

Mailand, 6. — Wie der Vertreter des „Corriere della Sera“ aus England mitteilt, führte die Kohlenknappheit schon zu Zusammenstößen der Bevölkerung mit der Polizei. Die Polizisten mussten die eleganten Stadtviertel schützen, damit die Menschenmenge nicht zur Plünderung der privaten Kohlenlager schritt. Im Zentralpark wurden Bäume umgehauen und das Holz unter die frierende Bevölkerung verteilt.

### Zwei junge Iren hingerichtet

Amsterdam, 7. — In Birmingham wurden zwei junge Iren namens Barnes und Richards, die wegen angeblicher Teilnahme an einem Bombenattentat in Coventry zum Tode verurteilt waren, von den Briten hingerichtet. Am Mittwoch, dem Hinrichtungs- tag, strömte vor dem Gefängnis in Birmingham eine ungeheure Menschenmenge zusammen, um gegen die Vollstreckung des Urteils zu protestieren. 500 schwer bewaffnete Polizisten sperrten Strassen und Plätze der Umgebung ab und durchsuchten alle Leute nach Bomben. Um 9 Uhr entblöste die Menge das Haupt und betete. Sieben Minuten später wurde durch ein Plakat an der Gefängnistür mitgeteilt, dass die Hinrichtung vollzogen sei. In ganz Irland nahmen darauf die Protestkundgebungen riesenhafte Ausmasse an. Theater und Kinos blieben geschlossen, alle sportlichen Veranstaltungen für die nächsten Tage wurden abgesagt. Vor den britischen öffentlichen Gebäuden stehen Sonderwachen. — In London hatte die Polizei umfangreiche Vorsichtsmaßnahmen getroffen. Besondere Patrouillen untersuchten die Briefkästen, die Industriezentren und Rüstungswerke stehen unter starkem Schutz. Auf die Mitglieder der IRA (Irish Republican Army) wird Jagd gemacht.

Berlin, 7. — Die politischen Kreise Berlins erklären zur Vollstreckung des Todesurteils:

Die beiden Iren Barnes und Richards sind heute morgen in Irland hingerichtet worden. Am Vorabend hatte der Vertreter Irlands in London den Premierminister Chamberlain persönlich um die Begnadigung gebeten. Der Schritt war nutzlos, und er musste es sein, weil England schon seit Jahrhunderten eine Milde gegenüber Irland nicht kennt. Barnes und Richards haben die unzähligen Reihen der Märtyrer der irischen Freiheit verstärkt, die im Kampfe gegen England den Hungertod starben, sich verbluteten, bis zum Tode gepeinigt, gehenkt und erschossen wurden. Sie sind den Spuren des grossen Paladins der irischen Freiheit, Sir Roger Casement, gefolgt, der im Weltkriege von den Engländern gehenkt wurde. Sein Name bleibt verbunden mit denjenigen so vieler anderer, die damals erschossen wurden. Sie reiht sich an die Hunderttausende von Iren, die

in den Jahren 1845 bis 1847 durch Schuld der englischen Regierung in Irland Hungers starben. Sie sind gleichen Geistes wie jener presbyterianische Advokat von Ulster, der 1898 den Aufstand gegen England organisierte und den Tod fand, worauf die Furie der britischen Soldateska keine Grenzen kannte und Tausende von Menschen in grausamer Weise tötete. Ihr Andenken wird leben mit den Tausenden und Tausenden von Iren, die von dem Expeditionsheer der Königin Elisabeth, den Soldaten Jakobs und Cromwells vernichtet wurden. Ihr Tod wird die ganze Welt daran erinnern, dass England Jahrhunderte hindurch eine Vernichtungskampagne gegen Irland geführt hat, dass aber der Geist der Freiheit dieses starken Volkes unbezungen bleibt trotz aller Erniedrigungen, die eines der finstersten Kapitel der europäischen Geschichte sind.

Brüssel, 7. — Auf dem Schiessplatz in Nancy wurde der zum Tode verurteilte elsässische Autonomistenführer Roos erschossen. Roos war früher Präsident des Generalrats des Departements Haut-Rhin und stellvertretender Bürgermeister von Strassburg.

Madrid, 7. — In Gibraltar wurde am vergangenen Mittwoch Luftalarm gegeben, weil angeblich drei Flugzeuge unbekannter Nationalität den britischen Stützpunkt überflogen hatten.

Moskau, 7. — In Russland herrscht wegen der polizeilichen Durchsuchung der sowjetrussischen Handelsvertretung in Paris grosse Empörung.

Buenos Aires, 7. — Auf Grund einer Veröffentlichung einer englischen in Buenos Aires erscheinenden Zeitung sahen sich die Polizeibehörden genötigt, der Presse Einzelheiten über den genauen Hergang eines Vorfalles zu geben, so dass die falsche Version des genannten Blattes demontiert wird. Zu Folge einer Meldung der Zeitung der britischen Kolonie sollten fünf Matrosen des „Admiral Graf Spee“ mit einem englischen Matrosen in Streit geraten sein, den sie schliesslich mit Dolchstössen angriffen, wobei sie ihm so schwere Verletzungen beibrachten haben sollten, dass er in das britische Krankenhaus hätte eingeliefert werden müssen. Dieser verdrehten Version gegenüber gibt die Polizei den wahren Hergang in folgendem Bericht bekannt:

„Am 1. Februar um 23.50 Uhr wurde Georges Wilson Cassie, Engländer, verheiratet, Heizer auf dem Dampfer „Royal Star“, welcher dem „Buenos Aires Herald“ zufolge der angegriffene Mann sein soll, von einem Auto angefahren, das hierauf verschwand; dies geschah vor der Nummer 1228 des Paseo Colon. Der Verunglückte, welchem sogleich Hilfe zuteil wurde, war betrunken und verlor das Bewusstsein. Ein anderes Auto brachte ihn zum Sanitätsposten, wo festgestellt wurde, dass seine Verletzungen nicht schwer waren. Das Opfer klärte den Unfall auf, wozu der Autofahrer, welcher ihm Hilfe gebracht hatte und ein Augenzeugen das ihrige aussagten. Die Polizei betont, dass diese Erklärungen in dem Untersuchungsverfahren niedergelegt sind.

## Die Sache mit Taubenblatt

Die brasilianischen Staats- und Militärbehörden hatten sich kürzlich mit dem nicht alltäglichen aber kennzeichnenden Fall des Juden Taubenblatt, wohnhaft in São Paulo, zu befassen, der allerdings auf Grund seines gerade fünfzehnjährigen Aufenthaltes hierzulande bereits Perez Taubenblatt de Camargo heisst. Durch die interessanten Mitteilungen eines Paulistaner Nachmittagsblattes wurde Herr Taubenblatt einem grösseren Publikum bekannt. Seine Verfehlungen sind recht ernsthafter Art. Liess er sich doch auf seinem zuständigen Meldeamt in Jardim America als Brasilianer eintragen, gelang es ihm doch, in den Besitz eines Reservistenpasses des Bundesheeres zu kommen, um mit diesen wertvollen Dokumenten sich sein Privatleben angenehm zu gestalten. Wenn dieser Taubenblatt vielleicht in einem anderen südamerikanischen Land oder in Portugal oder Spanien geboren wäre, hätte man seine Handlungsweise womöglich nicht gar so sehr verurteilt. Aber dieser Brasilianer aus eigener Phantasie und Kraft ist nun einmal in Warschau geboren. Dort erblickte er als Sohn des Israel Taubenblatt und dessen aus Lodz stammender Gattin am 17. August 1905 das Licht der Welt. Die Eltern

hielt es nicht unter ihresgleichen und am 24. Januar 1908 liessen sie die Warschauer Heimat im Stich und wanderten fürbass gen Nürnberg. Der junge Taubenblatt war voller Abenteuerlust. Im Sommer 1925 machte er bereits in Hamburg seine Geschäfte und 1927 ist er in São Paulo dem Glück auf der Spur. Er soll damals sogar im Sportklub Germania ein begeisterter Tennisspieler gewesen sein. Inzwischen hatte er erfolgreiche Angriffe auf seinen Warschauer Namen unternommen und sich zu einem Perez Taubenblatt de Camargo gewandelt, als welcher er in der Rua Libero Badaró ein Geschäft eröffnete, über dessen Blüte die Zeitung, auf die wir uns bei unseren Angaben stützen, leider keinen Aufschluss gibt. Seine Firma liess er sogar bei der Junta Commercial des Staates S. Paulo registrieren, ein Vergehen, auf welches die Strafe der Landesverweisung laut Gesetz vom 17. März 1938 erfolgt. Demgemäss hat auch der zuständige Delegado der Delegacia de Falsificações de Entrada, Permanencia e Salida de Estrangeiros entschieden. Ausserdem hat das Militärtribunal 15 Monate Gefängnis über Taubenblatt verhängt. Und hier sind wir am Schluss der Sache mit Taubenblatt.

## Juden in der englischen Regierung

Berlin, 10. (United Press) — Unter Bezugnahme auf den Wiederbeginn der Polemik über den Rücktritt des britischen Ministers Hore-Belisha sagt der „Völkische Beobachter“: „Jetzt sind die Juden mehr als jemals

am Werk. Ihre Fäden hinter den Kulissen zu spinnen.“

Dann wird eine Liste der folgenden englischen Persönlichkeiten veröffentlicht, die Beziehungen zu Juden haben:

Der Sohn des Lord Halifax, Charles Ingran Wood, der eine Verwandte aus der Familie Rothschild geheiratet hat; — Lord Zetland hat in seinem Ministerium für Indien den Juden Herrn Cecil Kisch und die jüdischen Beiräte Herrn Henry Sirakoth und T. Gregory Guggenheim; — Herr Samuel Hoare ist ein Vetter des Juden Lord Curzon; — Herr Philipp Sassoon ist Jude; — Sir Leslie Burgin ist ohne Zweifel Halbjuden, trotzdem er es nicht zugeben will; — Herr Duff Cooper ist ein Sohn des berühmten Arztes Alfred Cooper, dessen Gemahlin, Frau Agnes, von der jüdischen Familie Stein abstammt; — Die Gattin des Herrn Cooper, Frau Diana Manner, spielte unter der Direktion Max Reinhardt in Salzburg; — Der persönliche Sekretär des Herrn

Anthony Eden, Herr Maurice Hankey ist Jude; — Herr Eden ist verwandt mit der Familie Sassoon und den Rothschilds und wurde bei seiner Wahl unterstützt durch die hebraische Familie Hiss; — Herr Kingsley Wood, der Minister des Flugwesens, hat in seinem Kabinett den Kapitän Belfort, dessen Schwager der Jude Michael Bernard Oppenheimer ist; — Herr Ramsbothan heiratete eine Jüdin aus der Familie Steiner; — Herr Thomas Levy ist eines der neunzehn jüdischen Mitglieder des Unterhauses; — Herr Isidor Salmon ist Jude.

Zum Schluss des Artikels heisst es: „Das Kabinett und die Stellungen im Parlament mit Juden und Judenfreunden besetzt sind, so üben diese ihren Einfluss im ganzen Lande aus.“

## Personalidades Judias no Governo Ingles

O Estado de São Paulo, 11 de Janeiro de 1940

Berlin, 10. (United Press — Agencia norte-americana) — Referindo-se ao reinicio das controversias motivadas pela renuncia do ministro britannico Hore-Belisha, o „Völkischer Beobachter“ diz: „Agora, os judeus estão mais occupados do que nunca em manobrar os fios por traz do scenario“.

O jornal publica a seguir a seguinte lista de nomes publicos da Inglaterra, que tem relações com os judeus: o filho de lord Halifax, Charles Ingran Wood, que contractou casamento com uma parenta da familia Rothschild; lord Zetland tem em seu Ministerio para a India, o judeu sir Cecil Kisch e os conselheiros israelitas, sir Henry Sirakoth e T. Gregory Guggenheim; sir Samuel Hoare é primo do judeu lord Curzon; sir Philipp Sassoon é hebreu; sir Leslie Burgin, apesar de não querer reconhecer é, sem duvida, semi-judeu. O sr. Duff Cooper é filho do fa-

moso medico, sir Alfred Cooper, cuja esposa, sra. Agnes, vem da familia judia Stein; a esposa do sr. Cooper, sra. Dianna Manner, actuou sob a direcção de Max Reinhardt, em Salzburgo; o secretario particular do sr. Anthony Eden, sr. Maurice Hankey, era judeu; o sr. Eden que é ligado a familia Sassoon e aos Rothschild, foi apoiado nas eleições pela familia hebraica Hiss; o sr. Kingsley Wood, ministro da Aviação, tem em seu gabinete o capitão Belfort, cujo cunhado é o judeu Michael Bernard Oppenheimer; o sr. Ramsbothan casou-se com uma judia do ramo Steiner; o sr. Thomas Levy é um dos dezoito membros israelitas da Camara dos Communs, e sir Isidor Salmon é judeu.

O artigo termina dizendo: „Como o gabinete e os postos do Parlamento estão occupados por judeus e amigos dos judeus, estes exercem influencia em todo o paiz“.

## Wochenschau hierzulande

Der brasilianische Bundespräsident liess durch das Nationale Kafecamt 10.000 Sack Kaffee dem Roten Kreuz von Finnland überweisen.

Bei einer Presseunterredung erklärte Aussenminister Oswaldo Aranha, dass Brasiliens wirtschaftliche Lage im Hinblick auf den europäischen Krieg gesichert sei. Gegenwärtig verkaufe Brasilien mehr Fleisch an die Kriegführenden als die Nachbarländer an La Plata.

Nach Meldungen aus Porto Alegre sind die Rio Grandenser Handelskreise beunruhigt, weil die Ankäufe von Fleisch und Fleischkonserven sowie anderen Produkten seitens der französischen und englischen Käufer eingeschränkt werden. Die Westmächte haben für ihre zu Anfang des Krieges getätigten Käufe nicht genügend Schiffsraum mit Kühlkammern zur Verfügung. Auch bestände Besorgnis wegen der Verstärkung des U-Bootkrieges.

Der Direktor des Collegio Brasileiro-Allemano (früher Olinda-Schule), São Paulo, Herr Dr. Gustav Adolf Hoch, ist mit dem italienischen Dampfer „Neptunia“ am 31. Januar in Santos eingetroffen. Dr. Hoch war längere Zeit in einem französischen Konzentrationslager zurückgehalten worden. Mit demselben Schiff traf der Schweizer Max Wirth ein, der gleichfalls durch die Franzosen von Bord eines italienischen Schiffes ins Konzentrationslager gebracht wurde.

Durch Gesetz des Bundespräsidenten ist hinsichtlich der Bedeutung des Pinienholzes im Staat Paraná für den nationalen Reichtum ein „Serviço do Pinho“ (Pinienholzdienst) geschaffen worden, welchem die Regelung des Pinienanbaues, der Holzgewinnung und des Exportes sowie das Problem der Zellulosefabrikation obliegt. Eine Kontrollkommission in Curitiba wurde dem neuen Dienst angegliedert.

Das brasilianische Fahrstrassennetz ist von 9.583 Kilometer im Jahre 1889 auf 192.055 Kilometer im Jahre 1939 angewachsen. Die längste Fahrstrasse verbindet Rio de Janeiro mit Bahia, die schönste ist die Autostrasse Rio-Petropolis. Der Staat São Paulo verfügt über die grösste Zahl von Autostrassen, während im Staate Amazona nur 315 Kilometer Fahrstrassen vorhanden sind.

Zwischen Brasilien und Argentinien wurde ein neuer Handelsvertrag in Buenos Aires von den beiden Aussenministern Dr. Oswaldo Aranha und Dr. Castillo unterzeichnet.

Von einer beabsichtigten Erhöhung des Gasolinpreises um 80 Reis pro Liter ist auf Eingreifen der Präfektur der Bundeshauptstadt abgesehen worden. Ein Liter Gasolin kostet nach wie vor 1\$250.

Der Bundespräsident hat der einzigen Tochter des grossen brasilianischen Komponisten, Carlos Gomes, welche der Nation wertvolle Handschriften ihres Vaters sowie die Manuskripte der Partituren zu den Opern „Condor“ und „Columbo“ schenkte, eine lebenslängliche Pension von 2.000\$000 monatlich durch Gesetzesdekret zugesprochen. Frau Itala Gomes Vaz de Carvalho lebte in bescheidenen Verhältnissen.

Zwecks Ankaufs von fünf weiteren elektrischen Triebwagen für die Zentralbahn hat der Verkehrsminister beim Bundespräsidenten um die Gewährung eines zusätzlichen Kredites von 5000 Contos ersucht.

Die Stadt São Paulo beging am 25. Januar den 386. Gründungstag. Zahlreiche Feiern und Veranstaltungen, die sämtlich im Zeichen des sprichwörtlichen paulistaner Fortschrittes standen, fanden in Gegenwart des Bundesintervenors, Herrn Dr. Adhemar de Barros, statt.

Nach Mitteilung von zuständiger Stelle wird die diesjährige Weizenenergie im Staat São Paulo zehnmal so gross sein als im Vorjahr, in welchem sie 1.800 Tonnen betrug.

In der Generalversammlung des paulistaner Verbandes der Zitruspflanzer wurden erhebliche

Bedenken bezüglich der Ausfuhr der nächsten Ernte geäussert. England hat seine Einfuhr auf 70 vH. der Normallieferung in den letzten Jahren beschränkt. Es würde also 800.000 Kisten abnehmen können. Da aber beispielsweise 1939 die paulistaner Gesamtausfuhr 2.555.000 Kisten betrug, dürfte die Frage nach der Unterbringung der restlichen 1.755.000 Kisten Sorge bereiten. Nach England waren die besten Kunden Holland, Belgien, Deutschland und Frankreich. Aber all diese Staaten wie auch die skandinavischen Länder sind angesichts des europäischen Krieges kaum in Betracht zu ziehen. Dazu kommt auch, dass die Transporte nach England immer schwieriger werden dürften.

Die Vereinigung der katholischen Journalisten hat dem paulistaner Presseverband ein Bild des Schutzheiligen der Presse, São Francisco de Sales, gestiftet, welches vor einigen Tagen feierlich enthüllt wurde. Pater Dr. Castro Nery sprach als Redner des Abends über das selbstlose und gemeinnützige Wirken dieses Herrn, der ihn besonders zum Schutzheiligen der Presse geeignet mache.

Die Bundeshauptstadt und ihre Umgebung wurden am 28. Januar von Stürmen und Wolkenbrüchen heimgesucht, die nicht nur grossen Sachschaden anrichteten, sondern auch Menschenleben forderten. Häuser stürzten ein, Mauern wurden umgerissen und ganze Stadtteile unter Wasser gesetzt. Besonders auf den Vorortstrecken der Zentralbahn wirkte sich das Unwetter verheerend aus. Wie ergänzend mitgeteilt wird, hat es über Rio de Janeiro, Niteroy und im ganzen Bundesdistrikt vierundzwanzig Stunden lang geregnet.

## Für Freiheit und Recht

Während England bei seinen Versuchen, auch in diesem Kriege wieder grosse Massen von Eingeborenen aus seinen Kolonien an die Front in Europa zu senden, nicht allzuviel Erfolg zu haben scheint, ist Frankreich, was das anbetrifft, günstiger daran. Der französische Kolonialminister Mandel konnte wenigstens im Kolonialausschuss der Kammer mitteilen, dass jetzt bereits mehr farbige Truppen in Frankreich stehen, als während der ganzen Dauer des Weltkrieges. England strengt sich aber stets sehr an, und man hört sogar, dass Versuche gemacht werden, um Gurkas aus Nepal anzuwerben. Wenn etwas auf die Tube gedrückt wird, werden auch wohl wieder Sikhs und Inder und andere Stämme folgen, und vielleicht gelingt es England doch noch, an oder wenigstens hinter der Front im Westen wieder eine babylonische Sprachverwirrung mit den farbigen Kontingenten von allen seinen indischen, afrikanischen und amerikanischen Kolonien und Besitzungen zu erzielen.

Alle diese französischen und englischen schwarzen, dunkel- und hellbraunen Eingeborenen, die wahrscheinlich nicht zu den Zeitungslesern gehören dürften, werden dann in Europa vielleicht nicht kämpfen, aber doch immerhin für das alliierte Kriegsziel: Freiheit und Recht an der Front stehen!

Aus Südafrika wird man vielleicht einige Zulus, Kaferrn und Buschmänner finden, die bereit sind, jeden Monat einen Shilling zu opfern.

Die Buren aber erinnern sich noch sehr gut ihres eigenen Volksliedes:

„Kennt Ihr das Volk mit Heldenmut  
Gezwungen Englands Knecht;  
Es hat geopfert Gut und Blut  
Für Freiheit und für Recht!“

Dieses Volk waren die Buren und für Freiheit und für Recht haben sie gekämpft gegen England!